



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE (MDMA)**

NAILTON DE SOUZA ARAUJO

**SOCIOBIODIVERSIDADE ASSOCIADA AO USO E MANEJO DE ESPÉCIES
VEGETAIS NO ARTESANATO DE LUÍS CORREIA, PIAUÍ, BRASIL**

**TERESINA-PI
2023**

NAILTON DE SOUZA ARAUJO

SOCIOBIODIVERSIDADE ASSOCIADA AO USO E MANEJO DE ESPÉCIES
VEGETAIS NO ARTESANATO DE LUÍS CORREIA, PIAUÍ, BRASIL

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PPGMDA) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ivanilza Moreira de Andrade

Coorientadora: Dra. Irlaine Rodrigues Vieira

TERESINA- PI

2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

A663s Araujo, Nailton de Souza.
Sociobiodiversidade associada ao uso e manejo de espécies vegetais no artesanato de Luís Correia, Piauí, Brasil / Nailton de Souza Araujo. -- 2023.
131 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, 2023.
“Orientadora: Prof.^a Dra. Ivanilza Moreira de Andrade”

1. Botânica econômica. 2. Etnobotânica. 3. Artesanato piauiense. I. Andrade, Ivanilza Moreira de. II. Título

CDD 581.6

NAILTON DE SOUZA ARAUJO

**SOCIOBIODIVERSIDADE ASSOCIADA AO USO E MANEJO DE ESPÉCIES
VEGETAIS NO ARTESANATO DE LUÍS CORREIA, PIAUÍ, BRASIL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PPGMDA) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Desenvolvimento e Meio Ambiente.

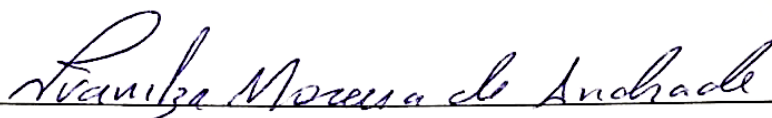
Linha de Pesquisa: Biodiversidade e utilização sustentável dos recursos naturais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ivanilza Moreira de Andrade

Coorientadora: Dra. Irlaine Rodrigues Vieira

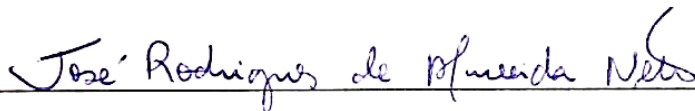
Aprovada em 03 de Março de 2023

BANCA EXAMINADORA



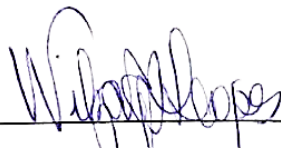
Prof.a. Dr.^a. Ivanilza Moreira de Andrade (UFDPAR)

Orientadora



Prof. Dr. José Rodrigues de Almeida Neto (SEMAR/PI)

Membro externo à UFPI



Prof.a. Dr.^a Wilza Gomes Reis Lopes (UFPI)

Membro interno à UFPI

DEDICATÓRIA

A DEUS, dono de toda ciência.

Aos meus pais Geovana de Souza Chagas e

Sebastião Pereira de Araujo Neto.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à direção, administração, corpo docente e aos funcionários da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e da Universidade Delta do Parnaíba (UFDpar) por todo auxílio, recursos e pela oportunidade de ampliar meus conhecimentos e desenvolvimento profissional.

Ao programa de pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) pela oportunidade.

À FAPEPI pela concessão da bolsa de mestrado.

Ao Herbário HDELTA pelo suporte e conhecimentos adquiridos.

Aos meus pais, Geovana de Souza Chagas e Sebastião Pereira de Araujo Neto, por todo empenho e dedicação em tornar possíveis os meus sonhos. Durante todos esses anos vocês estiveram e se fizeram presentes em todas as etapas da minha trajetória. Agradeço a minha irmã Gizelly de Souza Araujo (minha pequena Gi) você sempre foi afago e amor.

Quero agradecer à minha querida orientadora Dra. Ivanilza Moreira de Andrade por ter me acolhido com tanta reciprocidade em sua equipe de orientandos (equipe de peso...risos...). Lembro-me dos primeiros encontros, de sua atenção e dedicação em compartilhar novas descobertas. Da experiência no estágio. Das correções que só ela sabe fazer (risos). Sou grato pelas experiências vivenciadas. Obrigado por acreditar em mim. A universidade seria diferente se tivesse mais pessoas com a humanidade e cordialidade que a professora Ivanilza tem.

Agradeço à minha coorientadora, Doutora Irlaine Rodrigues Vieira, me ensinou sobre compromisso e dedicação. Agradeço por disponibilizar seu tempo para me auxiliar nas atividades diárias e na pesquisa. O aprendizado foi enorme e com certeza fecho esse ciclo com muita gratidão!

Ao meu querido Jessé de Araujo Carvalho, amigo, companheiro, com você aprendi sobre vencer as limitações e dificuldades que temos durante a vida. Acredita demais nos meus sonhos e me ajudou ao longo dessa caminhada. Quero dizer que jamais esquecerei de cada palavra de sabedoria e incentivo. À Ruanna Thaimires Souza Brandão, obrigado por toda amizade e incentivo. Obrigado por todos os conselhos e por ouvir as angústias que inúmeras vezes compartilhei com você. Desejo sucesso permanente nas suas pesquisas.

Gratidão aos artesãos e extrativistas que me acolheram durante esse processo e a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Artesanato é toda atividade produtiva que resulta em artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais. O produto final é fruto da criatividade e habilidade do artesão e da influência do seu meio. Com isso, objetivou-se realizar o mapeamento das publicações científicas sobre o uso de espécies botânicas no artesanato brasileiro, traçando o panorama sobre a temática no intervalo de 2011 a 2022; compreender os aspectos sociais e econômicos associados ao artesanato no litoral piauiense, Brasil; e avaliar o conhecimento, uso e manejo da flora associada à produção de artesanatos culturais por comunidades tradicionais situadas na restinga do litoral piauiense. Foram realizadas entrevistas com formulários semiestruturados e os dados avaliados pelo índice Valor de Importância. Para a coleta de espécimes foi realizada a técnica turnê-guiada com a participação de artesãos ou extrativistas locais. Os dados foram tratados por meio de estatística descritiva (frequências relativas) relacionada à sociodinâmica de uso, manejo e comercialização de plantas para o artesanato. Os dados da revisão bibliométrica foram obtidos no Portal de Periódicos da Capes, *Web of Science* e *Scopus*. Foram registrados com os termos “Handicraft” AND “Plants”; “Handicraft” AND “Plants” AND “Ethnobotany”; “Handicraft” AND “Plants” AND “Ethnobotany” AND “Brazil” 42 publicações científicas que após o critério de inclusão/exclusão resultou em 18 artigos. Foi constatada pouca variação de publicações por ano, no intervalo 2011-2022. Houve o registro de 87 espécies distribuídas em 26 famílias nos artigos científicos analisados. Fabaceae (25,28%), Cyperaceae (14,95%) e Arecaceae (12,64%) sendo as mais representativas. Os principais públicos-alvo citados são: artesãos tradicionais (50%), indígenas (33,32%) e associação de artesanato (5,56%). As regiões brasileiras com expressiva participação: Norte (44,44%) e Nordeste (27,78%). Dos 80 entrevistados, 81,25% pertencem ao gênero feminino, 71,25% adultos e 18,75% são idosos. 66,25% possuem ensino fundamental incompleto. Com relação à renda, 93,75% têm renda igual a um salário-mínimo, 84,2% afirmaram que ingressaram na atividade pela necessidade de obtenção de renda, enquanto, 10,5% destacaram a manutenção da cultura familiar, 5,3% informaram que o ingresso se deu pelo incentivo de parentes. Sobre a problemática na dinâmica de produção e comercialização, foi citada a dificuldade de transporte e organização (76,25%) e falta de incentivo financeiro do poder público (18,75%). Os principais estados que compram artesanatos são Ceará (21%), São Paulo (20%), Distrito Federal (18%) e Pernambuco (16%). Foram citadas oito espécies de plantas utilizadas no artesanato. *Typha domingensis* Pers. (Taboa), *Dioclea grandiflora* Mart. ex Benth. (mucunã) e *Copernicia prunifera* (Mill.) H.E.Moore (Carnaúba) apresentaram maior valor de importância, 0,525, 0,2 e 0,112, respectivamente. 86,25% dos entrevistados não tem acesso livre aos recursos naturais, enquanto 13,75% tem, por ocorrerem em suas áreas privadas ou áreas públicas. 81,25% destacaram as vantagens econômicas do extrativismo e 18,75% a manutenção cultural da atividade. Conclui-se que o artesanato representa uma fonte de renda complementar. A dinâmica produtiva e as políticas públicas para o setor são ineficientes. Há influência da dinâmica de mercado. Ações integradas entre poder público, iniciativa privada e organizações não-governamentais podem contribuir para otimizar o desenvolvimento do artesanato.

Palavras-Chave: Artesanato piauiense; Botânica econômica; Etnobotânica.

ABSTRACT

Handicraft is any productive activity that results in finished artifacts, made manually or using traditional means. The final product is the result of the creativity and skill of the craftsman and the influence of his environment. With this, the objective was to map the scientific publications on the use of botanical species in Brazilian handicrafts, tracing the panorama on the subject in the interval from 2011 to 2022; understand the social and economic aspects associated with crafts on the coast of Piauí, Brazil; and to evaluate the knowledge, use and management of the flora associated with the production of cultural handicrafts by traditional communities located on the restinga of the coast of Piauí. Interviews were carried out using semi-structured forms and the data were evaluated using the Importance Value index. For the collection of specimens, a guided tour technique was carried out with the participation of local artisans or extractivists. Data were treated using descriptive statistics (relative frequencies) related to the sociodynamics of use, management and commercialization of plants for crafts. Bibliometric review data were obtained from Capes' Portal de Periódicos, Web of Science and Scopus. They were registered with the terms "Handicraft" AND "Plants"; "Handicraft" AND "Plants" AND "Ethnobotany"; "Handicraft" AND "Plants" AND "Ethnobotany" AND "Brazil" 42 scientific publications which, after the inclusion/exclusion criteria, resulted in 18 articles. There was little variation in publications per year, in the 2011-2022 interval. There was a record of 87 species distributed in 26 families in the analyzed scientific articles. Fabaceae (25.28%), Cyperaceae (14.95%) and Arecaceae (12.64%) being the most representative. The main target audiences cited are: traditional artisans (50%), indigenous people (33.32%) and craft associations (5.56%). The Brazilian regions with significant participation: North (44.44%) and Northeast (27.78%). Of the 80 interviewees, 81.25% are female, 71.25% are adults and 18.75% are elderly. 66.25% have incomplete primary education. With regard to income, 93.75% have an income equal to one minimum wage, 84.2% stated that they entered the activity due to the need to obtain income, while 10.5% highlighted the maintenance of the family culture, 5.3% informed that the admission was due to the encouragement of relatives. Regarding the problem in the dynamics of production and commercialization, cited the difficulty of transportation and organization (76.25%) and lack of financial incentive from the public power (18.75%). The main states that buy handicrafts are Ceará (21%), São Paulo (20%), Federal District (18%) and Pernambuco (16%). Eight species of plants used in handicrafts were mentioned. *Typha domingensis* Pers. (Taboa), *Dioclea grandiflora* Mart. ex Benth. (mucunã) and *Copernicia prunifera* (Mill.) H.E.Moore (Carnaúba) had the highest importance value, 0.525, 0.2 and 0.112, respectively. 86.25% of respondents do not have free access to natural resources, while 13.75% do, because they occur in their private or public areas. 81.25% highlighted the economic advantages of extractivism and 18.75% the cultural maintenance of the activity. It is concluded handicraft represents a complementary source of income. The productive dynamics and public policies for the sector are inefficient. There is influence of market dynamics. Integrated actions between public authorities, the private sector and non-governmental organizations can contribute to optimizing development of handicrafts.

Keywords: Piauí handicraft; Economic botany; Ethnobotany.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Figura 1.1 – Fluxo direcional com base na interação homem <i>versus</i> natureza através do extrativismo vegetal para fins artesanais.....	25
Figura 1.2 – Elementos que compõem a conceituação do artesanato.....	29
Figura 1.3 – Finalidades de ações e políticas integradas para o fortalecimento do artesanato.....	31

PANORAMA CIENTÍFICO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE ESPÉCIES DE PLANTAS NO ARTESANATO DO BRASIL

Figura 2.1 – Número de publicações científicas sobre o uso de plantas no artesanato no intervalo temporal de 2011 a 2022.....	55
Figura 2.2 – Número de publicações científicas por periódico abordando a temática sobre o uso de plantas no artesanato no intervalo temporal de 2011 a 2022.....	57
Figura 2.3 – Distribuição dos estudos científicos sobre o uso de plantas no artesanato no Brasil, no intervalo temporal de 2011 a 2021. Legenda: O estudo de Campos <i>et al.</i> (2015) abrangeu três estados (Ceará, Pernambuco e Piauí)	59
Figura 2.4 – Famílias botânicas utilizadas no artesanato do Brasil.....	62
Figura 2.5 – Mapeamento dos termos relevantes com os descritores " <i>Handicraft AND Plants AND Ethnobotany</i> "	70

ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA PRODUÇÃO DE ARTESANATOS NO LITORAL PIAUIENSE, BRASIL

Figura 3.1 - Mapa de localização da área de estudo com pontos de extrativismo de espécies vegetais, confecção e comercialização de artesanato no município de Luís Correia, Piauí.....	83
Figura 3.2 - Número de citações dos artefatos produzidos com espécies vegetais em Luís Correia, Piauí.....	87
Figura 3.3 - Produtos de artesanato com espécies botânicas, Luís Correia, Piauí. A. Loja de artesanato. B. Artesanato com fruto do Coqueiro. C. Luminária de fibra de Taboa com talo de Carnaúba. D. Objeto decorativo do galho de Nim-indiano. E. Filtro dos sonhos com cipó-de-boi. F. Sofá de jardim com galhos de marmeleiro.....	90

Figura 3.4 - Principais estados de comercialização dos artefatos produzidos com espécies vegetais em Luís Correia, Piauí.....	92
---	----

USO E MANEJO DE ESPÉCIES VEGETAIS ASSOCIADAS A CONFEÇÃO DE ARTESANATOS NA RESTINGA PIAUIENSE, BRASIL

Figura 4.1 – Mapa de localização da área de estudo com áreas de ocorrência socioproductiva do artesanato com espécies vegetais no município de Luís Correia, Piauí.....	102
Figura 4.2 –Etapas do processo de produção do artesanato da taboa em Luís Correia, Piauí. A. Coleta da taboa. B. Processo de secagem. C. Trança da taboa. D. Cesto de taboa. E. Costura de tapete.....	108
Figura 4.3 – Mucunã (<i>Dioclea grandiflora</i>) utilizado na produção de artesanato em Luís Correia, Piauí. A. Sementes em sacos para produção de artesanato, B e C. produção de cortinas.....	109
Figura 4.4 – A. Retirada das folhas imaturas de <i>Copernicia prunifera</i> em Luís Correia, Piauí. B. Cofó com folhas imaturas de Carnaúba. C. Fruteira com talo de Carnaúba.....	109

LISTA DE QUADROS

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Quadro 1 – Macrozonas do município de Luís Correia (PI) com base no Plano Diretor....	24
Quadro 2 – Fatos históricos do artesanato do Brasil.....	27
Quadro 3 – Projetos e parcerias do SEBRAE para o fortalecimento do artesanato brasileiro.....	30
Quadro 4 – Categorização da produção artesanal com base na origem.....	30
Quadro 5 – Eventos históricos do artesanato do Piauí.....	33

LISTA DE TABELAS

PANORAMA CIENTÍFICO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE ESPÉCIES DE PLANTAS NO ARTESANATO DO BRASIL

Tabela 1.1 – Dados descritivos do perfil socioeconômico dos artesãos com espécies vegetais entrevistados em Luís Correia, Piauí.....	54
--	----

Tabela 1.2 – Título, autor, estado e periódico das publicações científicas sobre uso de plantas no artesanato brasileiro.....	56
Tabela 1.3 – Grupos sociais abordados nos artigos científicos sobre o uso de plantas no artesanato.....	58
Tabela 1.4 – Família, espécies e nome popular das plantas utilizadas no artesanato brasileiro.....	64

**ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA PRODUÇÃO DE ARTESANATOS NO
LITORAL PIAUIENSE, BRASIL**

Tabela 2.1 – Dados descritivos do perfil socioeconômico dos artesãos com espécies vegetais entrevistados em Luís Correia, Piauí.....	85
Tabela 2.2 – Dimensões e valores de artefatos produzidos e comercializados em Luís Correia, Piauí.....	88
Tabela 2.3 – Variáveis relacionadas à dinâmica de produção e comercialização dos artesanatos com espécies vegetais, Luís Correia, Piauí.....	91

**USO E MANEJO DE ESPÉCIES VEGETAIS ASSOCIADAS A CONFECÇÃO DE
ARTESANATOS NA RESTINGA PIAUIENSE, BRASIL**

Tabela 3.1 – Espécies utilizadas na produção de artesanatos em Luís Correia, Piauí, Brasil.....	104
---	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 Desenvolvimento sustentável.....	16
2.1.1 Territórios e perspectivas sustentáveis.....	17
2.1.2 Planejamento e desenvolvimento de produtos sustentáveis.....	19
2.1.3 Utilização de espécies vegetais no artesanato.....	20
2.1.4 Descrição, uso, manejo e extrativismo de espécies utilizadas no artesanato.....	22
2.2 Artesanato no Brasil.....	26
2.2.1 Programa e Instituições de apoio ao artesanato.....	29
2.2.2 Artesanato no Piauí.....	32
2.2.3 Percepção ambiental.....	34
2.2.4 Sistema Biocultural.....	35
3 REFERÊNCIAS.....	38
4 ARTIGOS	49
4.1 Panorama científico sobre a utilização de espécies de plantas no artesanato do Brasil.....	50
4.2 Aspectos socioeconômicos da produção de artesanatos no litoral piauiense, Brasil.....	80
4.3 Uso e manejo de espécies vegetais associadas a confecção de artesanatos na restinga piauiense, Brasil.....	99
CONCLUSÃO.....	119
APÊNDICES E ANEXOS.....	120
APÊNDICE A.....	121
APÊNDICE B.....	126
ANEXO A.....	129
ANEXO B.....	130

1 INTRODUÇÃO

O Brasil se destaca pela sua rica diversidade biológica e histórico-cultural, contemplando cerca de 50.240 espécies, abrigando inúmeras espécies de plantas, as quais são utilizadas para diversos fins em distintas regiões (BRASIL, 2017; FLORA DO BRASIL, 2022). A relevância da biodiversidade brasileira é reafirmada por meio dos usos socioculturais estabelecidos pelas populações tradicionais, dentre os quais pode-se citar, a utilização dos recursos vegetais para a confecção de produtos artesanais (AGBO *et al.*, 2020).

Artesanato é toda atividade produtiva que resulta em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais, que independe da matéria-prima utilizada (natural, reciclada ou industrializada) e da técnica empregada. O produto artesanal é fruto da criatividade e habilidade do artista-artesão e da influência do seu meio (ANDRADE *et al.*, 2015).

Artefatos artesanais tradicionais estão associados a atividades comunitárias ou domésticas, tais como, confecção de objetos utilizados na preparação de alimentos, itens de roupa, decoração, dentre outros. Observa-se, ainda, que os produtos confeccionados têm influenciado no conforto e modos de vida das pessoas (NEDELICHEVA *et al.*, 2011; BRUSCHI *et al.*, 2014).

O uso de espécies botânicas no artesanato tradicional tem um papel social importantíssimo, caracterizando-se como um componente da cultura popular (ALEXIADES, 2003; AGBO *et al.*, 2020), pois, trazem um significado simbólico, religioso e cultural egrégio, além de fornecer renda para as comunidades e contribuir na valorização da cultura local (NEDELICHEVA *et al.*, 2011), ou seja, estabelece uma relação entre os recursos naturais e as heranças culturais e credices, expressando identidade cultural, religiosa e artística de determinado grupo social e, comumente, tem associação com fatores socioeconômicos (CRUZ; LÓPEZ BINNQÜIST; NEYRA, 2009). Pode ser entendido como atividade de reprodução socioeconômica, ao tempo que enaltece as práticas e conhecimentos tradicionais repassados ao longo das gerações (TORRI, 2014). Comumente, as espécies botânicas utilizadas na produção das peças artesanais são conhecidas pela comunidade e ocorrem em locais próximos, o que possibilita a coleta.

Portanto, compreende-se que a utilização de espécies vegetais na confecção de artefatos artesanais, depende da ocorrência da espécie e interação da comunidade com os recursos disponíveis local e regionalmente. Podem ser confeccionados a partir de sementes, frutos,

folhas, caule e raízes de espécies vegetais, comumente feitos à mão ou com auxílio de instrumentos simples, incorporando valores ornamentais ou estéticos (ANDRADE *et al.*, 2015).

O artesanato tem enorme potencial como ocupação empresarial organizada e está apoiado em instituições que atuam fortemente nesse segmento, visando multiplicar renda e ocupação no setor de maciça atuação de pequenos empreendedores, estimulando o ofício artesanal (FAVILLA; BARRETO; REZENDE, 2016). Além de usar matéria-prima natural, incentiva a inserção da mulher e do jovem em ações produtivas, e estimula a prática do associativismo promovendo o desenvolvimento local e atenuando o crescimento desordenado dos centros urbanos.

No Nordeste brasileiro, o artesanato ocupa lugar de destaque, por ser diversificado, de excelente qualidade e, principalmente, por ter mercado garantido, considerando o volume de produtos vendidos para os turistas que visitam a região, pois a cadeia produtiva do artesanato possui forte relação com o turismo, integrando diversos negócios relacionados com a economia da cultura, do entretenimento e do lazer (FAVILLA; BARRETO; REZENDE, 2016).

No estado do Piauí, o artesanato pode ser considerado um dos mais ricos e variados do país, em função da criatividade, talento dos nossos artesãos, sobretudo como fonte de renda das famílias carentes e aproveitamento das diversas fontes de matérias-primas naturais, incluindo a utilização de espécies vegetais. O artesanato do Estado do Piauí é pródigo em fibras naturais de plantas nativas da região – *Copernicia prunifera* (Mill.) H.E. Moore (carnaúba), *Mauritia flexuosa* L.f., (buriti) e *Mandevilla clandestina* J. F. Morales (cipó-de-leite), em madeira, utilizada em esculturas, bem como, a arte santeira, expressada na confecção de imagens associadas à religiosidade (LIMA, 2015; BRASIL, 2021).

Dentre os estudos desenvolvidos no norte do estado do Piauí citam-se: Crespo (2007), Vieira (2013), Vieira e Loiola (2014), Vieira, Oliveira e Loiola (2016) e Silva *et al.* (2016), realizados nos municípios de Ilha Grande e Parnaíba. Em suas pesquisas os autores registraram a importância dessa atividade e a necessidade de fomento, valorização e fortalecimento das atividades tradicionais nessa área.

Segundo IBGE (2019), o Brasil conta com estabelecimentos agropecuários que obtêm receitas a partir de fontes como o artesanato e tecelagem, sendo que o Nordeste apresenta o maior número (15.079), entre as demais regiões brasileiras. Dados do sistema de informações cadastrais do artesanato brasileiro (SICAB), apontam a existência de 192 mil pessoas registradas com carteira profissional de artesão (BRASIL, 2022). Também, observa-se a relação do artesanato com o turismo, caracterizando-se como atrativo local, uma vez que, os produtos são vendidos para os turistas e utilizados na ornamentação de hotéis, pousadas e restaurantes.

No entanto, no cenário piauiense, não se possui dados precisos quanto ao número de pessoas desenvolvendo artesanato. Segundo a Superintendência de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense existem cerca de cinco mil artesãos cadastrados com identidade profissional (PIAUI, 2018) desenvolvendo atividade artesã, fazendo uso de materiais disponíveis localmente, destacando-se as fibras vegetais obtidas de distintas espécies de plantas na produção de artefatos para uso doméstico ou comercial, gerando renda para estas famílias.

Nessa perspectiva, tornou-se pertinente compreender o cenário da atividade artesã com espécies vegetais na região norte do estado do Piauí, especificamente, no município de Luís Correia, em um contexto de informalidade de empregos, onde o artesanato pode ser assumido como um meio de subsistência e seu desenvolvimento ser motivo de permanência local. Faz-se necessário obter informações consolidadas sobre a dinâmica socioeconômica do artesanato com recursos vegetais, bem como o modo que é realizado o extrativismo e a obtenção dos insumos utilizados na elaboração dos produtos artesanais. A obtenção de dados sobre a atividade artesã embasará a aplicação de políticas públicas para suprir a lacuna existente quanto às falhas na dinâmica produtiva, valorização dos artesãos, capacidade de suporte das espécies utilizadas e fatores socioeconômicos que contribuem na permanência da atividade.

Diante do exposto, a proposta partiu de algumas indagações: Quais as espécies vegetais utilizadas na confecção do artesanato de Luís Correia? Como e onde é feito o extrativismo e o manejo dos recursos vegetais no artesanato de Luís Correia? Quais fatores socioeconômicos que implicam na preferência de determinada espécie vegetal na produção de determinado tipo de artesanato? Qual a visão dos atores que participam da dinâmica produtiva do artesanato sobre o uso e conservação da(s) espécie(s) utilizada (s) no artesanato de Luís Correia, Piauí?

A partir desses questionamentos, as hipóteses estabelecidas foram: 1. O artesanato de Luís Correia representa uma fonte de renda complementar, uma vez que, a dinâmica produtiva e o desenvolvimento de políticas públicas para o setor são ineficientes, faltando-lhes apoio efetivo. 2. O extrativismo e o manejo dos recursos florestais para fins artesanais em Luís Correia são realizados localmente, na perspectiva da conservação das espécies utilizadas.

Sendo assim, o objetivo foi analisar a dinâmica socioeconômica, socioambiental e cultural que envolve a produção de artesanato com espécies botânicas no município de Luís Correia, estado do Piauí. E os objetivos específicos foram: 1. Caracterizar o uso de espécies vegetais na confecção de artesanato no Brasil. 2. Descrever a contribuição socioeconômica da produção de artesanato com espécies botânicas para os artesãos e extrativistas de Luís Correia/PI. 3. Discutir sobre os processos na dinâmica de extrativismo, produção e comercialização do artesanato com espécies vegetais.

O presente trabalho foi estruturado em parte pré-textual; textual com o tópico Introdução; Fundamentação Teórica, Referências; os resultados, que estão apresentados em forma de artigos, estão relacionados aos itens: Panorama científico sobre a utilização de espécies de plantas no artesanato do Brasil; Aspectos socioeconômicos da produção de artesanatos no litoral do Piauí, Brasil; Uso e manejo de espécies vegetais associadas a confecção de artesanatos na restinga do Piauí, Brasil; Considerações finais; e Pós-textual (Apêndices e Anexos).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Desenvolvimento sustentável

Não se pode falar em desenvolvimento se não houver um projeto coerente de civilização, com objetivos e meios concretos que promovam desenvolvimento inclusivo, sustentável e sustentado, o qual estimule o potencial endógeno (ENRÍQUEZ, 2010). Os desafios envolvem também a dificuldade de considerar as necessidades sociais, meios socioeconômicos que possibilitem a vida em sintonia com os ecossistemas e flexibilidade quanto às inovações sociais e institucionais.

No Relatório Nosso Futuro Comum, realizado pela comissão Brundtland e publicado em 1987, o conceito de desenvolvimento sustentável incluiu considerações universais. Nesse sentido, o conceito se traduz na busca pela sustentação do meio ecológico melhorando a qualidade ambiental e os estoques dos recursos naturais, o bem-estar econômico e a justiça social. Nessa linha de raciocínio, a sustentabilidade se apoia em três dimensões fundamentais: ecológica, econômica e social (ENRÍQUEZ, 2010).

A incorporação da sustentabilidade ambiental no processo de desenvolvimento foi formulada praticamente desde o princípio da formação da noção de desenvolvimento sustentável. Ela operou, não em uma visão geral ou de equilíbrio, mas como uma conceitualização do desenvolvimento numa posição sistêmica. Significaria considerar os portadores do processo de desenvolvimento que tem um marcado caráter territorial e espacial (RODRIGUEZ; SILVA, 2018).

A sustentabilidade do desenvolvimento é a capacidade do território, do ecossistema humano e do grupo de sistemas (ambiental, econômico e sociocultural), envolvidos nesse processo, de garantirem seu funcionamento com efetividade e eficiência, de forma que possam mobilizar as potencialidades sobre as quais se apoiam os processos de desenvolvimento e de satisfação das necessidades individuais e coletivas (VEIGA, 2015).

Na perspectiva da sustentabilidade, destaca-se a relevância do “potencial de desenvolvimento endógeno”, o qual fomenta três pontos importantes: a capacidade cultural de pensar-se a si mesmo e de inovação; a capacidade político-administrativa de tomar decisões autônomas e de organizar a sua execução; a capacidade do aparelho de produção de assegurar a sua reprodução ampliada em sintonia com os objetivos do desenvolvimento (RODRIGUEZ; SILVA, 2018).

Desse modo, destaca-se o desenvolvimento territorial local que contribui, principalmente, em dois aspectos importantes: o primeiro se refere às inovações na área socioeconômico, tais como, a criação de sistemas produtivos locais; e o segundo aspecto que se refere à recuperação e valorização dos valores socioculturais incorporados à dinâmica territorial de desenvolvimento (BOISIER, 2004; PECQUEUR, 2006). Sendo assim, a implementação de projetos de sustentabilidade pautados no ecodesenvolvimento pode se tornar “vetores do fortalecimento da prudência ecológica, da satisfação das necessidades básicas e promoção da equidade, da autonomia e redefinição do conceito de eficiência econômica [...]” (SILVA *et al.*, 2019).

2.1.1 Territórios e perspectivas sustentáveis

A configuração de territórios é motivo de debate, no qual, é entendido por um lado, como um espaço estático, e por outro, como espaço dinâmico e complexo em transformação contínua, influenciado por variáveis socioeconômicas, culturais, sociais, econômicas e políticas. Por isso, a noção de território é complexa porque busca ampliar o olhar analítico na tentativa de estabelecer a partir da compreensão do real, sistematizações e modificações que possam contribuir na valorização das potencialidades territoriais (GEHLEN; RIELLA, 2004).

A noção de território engloba o processo de construção, reconhecimento e valorização das especificidades existentes, divergindo da perspectiva globalizante que tende a uniformizar os sistemas socioeconômicos. Nesse sentido, a concepção de território deve ser pautada na perspectiva do desenvolvimento dos potenciais locais e regionais, criando possibilidades de melhorias socioeconômicas em harmonia com a dimensão ecológica (BENKO, 2007). Portanto, para compreender o território, se faz necessário incluir “a noção de patrimônio sociocultural, e a necessidade de mobilização dos recursos e das competências através de atribuições de responsabilidades sociais, por meio de processos participativos” (GEHLEN; RIELLA, 2004, p. 22).

Desta forma, compreende-se que a mobilização do patrimônio sociocultural fomenta um processo de transformação dinâmica territorial, resultante de inserção de novas conformações de integração e reconhecimento do valor de produtos locais, os quais, constituem-se como patrimônio sociocultural coletivo, sendo caracterizados como parte da identidade social. Essa identidade resulta das relações de cooperação, negociação, mediação de conflitos, incorporação de condutas subjetivadas no sistema de representações sociais. Portanto, o território resulta de uma construção histórica e social, com a atuação de atores articulados com inúmeras

proximidades com o ambiente natural, onde ocorrem o desenvolvimento de muitas atividades, como as de produção e consumo (MIRAGAYA, J.; SIGNORI, 2011; FONTAN; KLEIN, 2004).

Considerando o exposto, compreende-se que na atual conjuntura, o potencial natural, antropológico e as especificidades dos lugares possibilita pensar sobre o desenvolvimento na perspectiva de sustentabilidade mediante mudança de comportamentos, ações conscientes dos sujeitos que residem no local e implementação de políticas públicas efetivas. Em ambientes naturais, a presença de comunidades tradicionais destaca-se por apresentar um estilo de vida próprio relacionado com o meio ambiente, onde atividades socioeconômicas são desenvolvidas (SILVA *et al.*, 2016). Neste sentido, o território das Unidades de Conservação pode ser citado como um exemplo de espaço dinâmico, onde populações desenvolvem atividades de relevância socioambiental e socioeconômica local e regional. A criação de Unidades de Conservação, caracteriza-se como fator preponderante na permanência e no fomento da dinâmica social, ambiental, econômica e cultural das comunidades tradicionais (ICMBIO, 2010).

A interação das comunidades nos mais diversos territórios possibilitou de certa forma, a existência e conservação da biodiversidade, considerando que o modo de vida adotado fomenta a preservação e conservação dessas áreas, das espécies e do patrimônio cultural, transmitido ao longo das gerações (DIEGUES, 2000).

As comunidades localizadas no território abrangido pela APA Delta do Parnaíba, bem como, as comunidades limítrofes, possuem grande importância devido a riqueza dos ecossistemas e habitats diversificados, que contribuem significativamente para a dinâmica socioambiental e cultura local (SILVA *et al.*, 2016). Os estudos realizados em determinadas áreas, que buscam obter conhecimentos tradicionais visando compreender a dinâmica ecológica, podem ser relevantes na atividade extrativista vegetal, uma vez que, poderão fornecer subsídios para uma atividade econômica mais sustentável, pautada em pilares ambientais, econômicos, políticos e sociais (SIEBERT, 2004). Desta forma, o extrativismo vegetal se manterá ao longo das gerações em determinadas comunidades, gerando renda e instigando o desenvolvimento local e a conservação do ecossistema (ROS-TONEN; WIERSUN, 2003).

Nessa realidade, pode ser citado o uso extrativista de espécies vegetais para a produção de artesanato. Este, caracteriza-se como atividade resultante da acumulação de saberes tradicionais e culturais passados ao longo das gerações que podem garantir subsídios financeiros para as famílias que o desenvolvem promovendo sustentabilidade econômica local (LEONI; COSTA, 2013).

2.1.2 Planejamento e desenvolvimento de produtos sustentáveis

O processo de desenvolvimento sustentável perpassa pela implementação da sustentabilidade ambiental, necessitando de medidas de direção, coordenação e negociação, o que envolve a dimensão política e de gestão, pois, sem ações de Estado para encorajar a sociedade e fortalecer a dinâmicas socioeconômicas já existentes, corroborando na tomada de decisões de forma coerente por parte dos sujeitos sociais e agentes econômicos, o processo de desenvolvimento torna-se deficitário. Neste sentido, torna-se necessária a implementação de instrumentos de planejamento, principalmente no âmbito da Política Ambiental, por caracterizar-se como uma política de caráter transversal (RODRIGUEZ; SILVA, 2018).

Planejar é pensar na perspectiva futura, com intento em alcançar determinado objetivo e estabelecer meios de como atingi-los. Não significa o estabelecimento do caminho exato a ser seguido, mas propor um direcionamento, que pode ser alterado durante o processo, uma vez que, a realidade é dinâmica. Esta ação pode ser desenvolvida individualmente ou por grupos sociais e entidades (LIRA COSSIO, 2009). Neste sentido, destaca-se o planejamento para o desenvolvimento, que se detém a estabelecer um processo de construção ou melhoria de desenvolvimento nas dimensões econômica, socioambiental e integral (RODRIGUEZ; SILVA, 2018).

Nos últimos anos, muito se tem falado sobre desenvolvimento sustentável, sendo importante destacar que este processo depende de um planejamento que considere a realidade local e regional para a sua efetiva implementação. Sendo assim, o planejamento territorial torna-se um instrumento importante, pois, destina atenção maior à realidade do território. Portanto, objetiva-se com a aplicação do planejamento territorial, regulamentar, controlar e promover a organização. Assim, a organização territorial é influenciada por processos históricos de ocupação, apropriação, uso e controle (SOARES, 2009).

Nesta perspectiva, é relevante entender os usos estabelecidos nos territórios para que sejam desenvolvidas estratégias de uso sustentável dos recursos, otimizando a realização de atividades produtivas. Sendo assim, “o território também se configura pelas técnicas, pelos meios de produção, pelos objetos e coisas, pelo conjunto territorial e pela dialética do próprio espaço” (LOPES *et al.*, 2011, p. 190).

Considerando as atividades artesanais e a dinâmica socioeconômica territorial, pode-se afirmar que a produção artesã como atividade cultural, que gera melhores condições socioeconômicas para muitas famílias, tem contribuído para a manutenção do patrimônio natural local e fomentado a permanência dos elementos culturais que constroem uma identidade

(LEITE; PALOMINO; NETO, 2009). É perceptível, portanto, que o extrativismo vegetal para fins artesanais apresenta características pautadas na conservação dos recursos naturais, possibilitando a regeneração das espécies utilizadas. Tal fato se dá, principalmente, pela preocupação com a permanência da atividade, uma vez que, a redução ou extinção de espécies usadas para determinado tipo de artesanato, implicará na interrupção ou procura por outra atividade econômica (RIGUEIRA, 2005).

Nessa lógica de desenvolvimento territorial, tem se constatado o vínculo do artesanato com o setor turístico, uma vez que os produtos do artesanato podem ser comprados pelos turistas que frequentam a região, onde os artefatos são confeccionados. Além de serem comercializados localmente, os produtos podem ser vendidos para outras regiões. Perpassando pela dinâmica de comercialização dos artesãos, resultando em fomento socioeconômico e político para o setor. É comum, também, a utilização dos artefatos pelo setor de hospedagem (pousadas e hotéis), valorizando a cultura local (CASASOLA, 2003).

Deste modo, entende-se que no território há um processo constante de manutenção histórica e social articulada pelos atores sociais que se aproximam do meio natural durante a execução de suas atividades. Segundo Colletis *et al.* (1999), a proximidade pode ocorrer de três maneiras:

- Proximidade geográfica: refere-se a presença de sujeitos em um território comum.
- Proximidade organizacional: refere-se a relações de identidade, participação, coordenação, cooperação, conhecimentos adquiridos em determinada área.
- Proximidade institucional: refere-se às normas, regulamentos e regulação que estabelecidas e compartilhadas.

Considerando os tipos de proximidade mencionados, o desenvolvimento territorial pode ser estabelecido em três abordagens distintas: o “território de aglomeração” (proximidade geográfica), entendido como aquele que ocorre a justaposição de atividades econômicas; o “território de especialização” (proximidade geográfica e organizacional), em que ocorre a especialização de determinado conhecimento; e o “território de especificação” (proximidade geográfica, organizacional e institucional), caracterizado pela habilidade criativa na produção de recursos específicos associados a determinado território (DUPUY; GILLY; LUNG, 2007).

2.1.3 Utilização de espécies vegetais no artesanato

Inúmeras espécies de plantas são utilizadas pelo ser humano para distintas atividades, tais como, na agricultura, no uso medicinal, no uso madeireiro e no artesanato. No nordeste

brasileiro, podem ser destacados os estudos com enfoque no artesanato de *Copernicia prunifera* (Miller) H. E. Moore (carnaúba) descritos por Sousa (2014) e Sousa *et al.* (2015), abordando aspectos etnobiológicos da carnaúba em uma comunidade extrativista no estado do Rio Grande do Norte. Para o estado do Ceará, D'alva (2004, 2007) relatou o uso da carnaúba no artesanato, além de medicinais, na construção e alimentação.

Os conhecimentos, usos e práticas da folha da palmeira licuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.) por artesãos em áreas protegidas na Bahia foram examinados por Andrade *et al.* (2015). No total, foram registradas 537 citações referentes aos usos do licuri, que resultaram em 31 tipos de usos divididos em quatro categorias: alimentação, artesanato, construção e agricultura.

Silva, Ramos e Alves (2019) mencionaram o uso da lenha para consumo doméstico e a fabricação de cerâmica artesanal em comunidades rurais de Altinho, Pernambuco, Brasil, região semiárida no Nordeste do Brasil. Para esse estudo foram registradas 39 espécies de plantas lenhosas pertencentes a 16 famílias botânicas. As espécies mais conhecidas para ambos os usos foram também as espécies mais utilizadas e preferencialmente utilizadas como madeira pela população.

Para o Piauí podem ser citados os trabalhos de Rocha (2004), Crespo (2007) Vieira (2013), Vieira e Loiola (2014) e Vieira, Oliveira e Loiola (2016), realizados especificamente nas comunidades locais dos municípios de Ilha Grande e Parnaíba. Na região litorânea do Piauí, Oliveira, Melo e Brito (2014) constataram além da pesca artesanal, o artesanato desenvolvido pelos moradores da comunidade Carnaubal, município de Luís Correia. Como se observa, a prática artesanal influencia positivamente na economia das comunidades, pois pela confecção dos artefatos há geração de renda e manutenção das práticas tradicionais. O trabalho de Silva *et al.* (2016) relata a utilização de *Mandevilla clandestina* J. F. Morales (cipó-de-leite) na confecção de artefatos artesanais como chapéus, mantas e cestos.

Para a região Norte, citam-se Santos e Coelho-Ferreira (2012), que destacaram a relevância cultural e econômica da folha do miriti (*Mauritia flexuosa* L.f.) em Abaetetuba, Pará, principalmente na confecção de produtos artesanais. Vinte e seis produtos confeccionados foram identificados, 15 dos quais referenciados como "artesanato popular local". "Paneiro", "rasa", "tipiti", "abano", "matapi" e "peneira" foram considerados os utensílios culturalmente mais importantes.

A espécie *Syngonanthus nitens* (Bong.) Ruhland (Eriocaulaceae, 'capim-dourado') tem sido utilizada como um dos PFNMs mais valiosos do cerrado brasileiro. O artesanato feito com o caule desta espécie é tradicional na região do Jalapão, no estado do Tocantins, com expansão

para outras áreas nos últimos anos. No estando, a colheita precoce de capim dourado, praticada por artesãos iniciantes, leva ao declínio da população devido ao desenraizamento das plantas. As políticas locais para a colheita deste vegetal são consistentes com o manejo tradicional, limitando o tempo de colheita (SCHMIDT; TICKTIN, 2012).

O extrativismo e o uso local de *Calathea lutea* (Aubl.) G. Mey., espécie herbácea usada na confecção de cestaria por comunidades locais na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, Amazonas, evidenciaram os aspectos sobre a sustentabilidade da produção de objetos artesanais (LEONI; CASTRO, 2013). Cita-se também o uso de sementes de quarenta e duas espécies de plantas no artesanato de duas aldeias Kayapó no estado do Pará. O uso de sementes como substitutos de contas de vidro fabricadas industrialmente valoriza o conhecimento tradicional de plantas e territórios e a comercialização do artesanato derivado de sementes representa uma alternativa de geração de renda entre os índios Kayapó, além de promover a conservação da floresta (GONZÁLEZ-PERES; ROBERT; COELHO-FERREIRA, 2013).

Para a região Sudeste citam-se os trabalhos de Bortolotto e Guarim Neto (2005) realizado no Mato Grosso do Sul e Correa, Ming e Pinedo-Vasques (2010) para o estado de São Paulo. Para a região Sul podem ser citados os estudos de Coelho-de-Souza (2003), Silveira, Coelho-de-Souza e Rodrigues (2007), Hanazaki (2009), Silveira *et al.* (2011), Guadagnin e Gravato (2013) e Báez-Lizarazo *et al.* (2018) para o Rio Grande do Sul.

De forma geral, dentre as espécies utilizadas no artesanato brasileiro, citam-se: *Schoenoplectus californicus* (CAMEy.) Soják (junco); *Juncus microcephalus* Kunth (Junquinho); *Andropogon bicornis* L. (rabo-de-burro); *Eichhornia crassipes* (Mart.) Solms (aguapé); *Typha domingensis* Pers. (taboa); *Typha latifolia* L. (taboa). Espécies popularmente chamadas de tiririca: *Androtrichum giganteum* (Kunth) H. Pfeiff.; *Cyperus eragrostis* Lam.; *Cyperus hermaphroditus* (Jacq.) Standl.; *Cyperus odoratus* L.; *Cyperus prolixus* Kunth; *Cyperus congelado* J. & C. Presl Presl; *Cyperus surinamensis* Rottb.; *Eleocharis montana* (Kunth) Roem. & Schult.; *Odorata de frango* Vahl (Sempre-viva); *Mauritia flexuosa* L.f. (miriti). Alguns cipós, tais como: *Forsteronia glabrescens* Müll.Arg.; *Amphilophium paniculatum* (L.) Kunth; *Dolichandra unguis-cati* (L.) LG Lohmann; *Pithecoctenium crucigerum* (L.) AH Gentry; *Tynanthus elegans* Miers; *Dioclea violacea* Benth.; *Serjania meridionalis* Cambess. (COELHO-DE-SOUZA, 2003; SILVEIRA; COELHO-DE-SOUZA; RODRIGUES, 2007; HANAZAKI, 2009; SILVEIRA *et al.*, 2011; GUADAGNIN; GRAVATO, 2013; BÁEZ-LIZARAZO *et al.*, 2018).

2.1.4 Descrição, uso, manejo e extrativismo de espécies utilizadas no artesanato

O Brasil detém grande diversidade de espécies botânicas, e seus usos pela população, vão desde fins medicinais (FARIAS *et al.*, 2021), como para o fornecimento de matéria-prima para geração de produtos ou subprodutos, dependendo da espécie (SANTOS *et al.*, 2021). Na visão de Costa (2017), os processos de desenvolvimento das cadeias produtivas oriundas da biodiversidade abordados contribuem para identificação e análise das estratégias (políticas, econômicas e técnicas) utilizadas pelos sujeitos (sujeitantes eujeitados) em suas unidades de produção.

A utilização sustentável da biodiversidade é uma estratégia de conservação pelo uso, uma vez que o estímulo ao uso comercial de plantas e partes de plantas nativas resulta em interesse da sociedade por produtos derivados da flora, criando maior interesse pela conservação das espécies (URRUTH, 2018). No Decreto nº 4.339/2002 (BRASIL, 2002), que institui princípios e diretrizes para a implementação da Política Nacional da Biodiversidade, é citada a criação e consolidação de programas de manejo e regulamentação de atividades relacionadas à utilização sustentável da biodiversidade. Além da importância do desenvolvimento e apoio a programas, ações e medidas que promovam a conservação e a sociobiodiversidade.

Neste cenário, o extrativismo vegetal como atividade tradicional, comumente é exercido pela forte influência dos saberes culturais e dinâmica local. Ressalta-se que esta atividade pode ser cada vez mais aprimorada e, a ciência pode prover conhecimentos sem desprezar a cultura existente em determinados locais. O extrativismo é a mais antiga atividade humana, pois antecede a agricultura, pecuária e a indústria (MIRANDA, 2016).

Saber como explorar melhor espécies vegetais, entender melhor a existência ou não de impactos, bem como, quais tipos de impactos, quais as melhores técnicas que podem ser incorporadas para melhorar o rendimento econômico e, também, a conservação das espécies utilizadas caracterizam-se como um horizonte possível, contribuindo positivamente com comunidades ou grupos que exercem determinada atividade geradora de renda (TICKTIN, 2004).

As informações obtidas a partir da dinâmica interacional do homem com espécies da flora local ou regional possibilitam a formulação de documentos legais que podem orientar o desenvolvimento de políticas de conservação, bem como, políticas de fomento e fortalecimento de atividades extrativistas vegetais de pequeno porte e, que apresentam baixo impacto ambiental e relevante valor cultural. A permissão e orientação para o desenvolvimento do extrativismo vegetal poderá ser contemplado em legislações ambientais municipais (códigos

ambientais, plano diretor) e, em caso, de Áreas de Proteção Ambiental, nos planos de manejo (BORBA; NAZARIO, 2003).

O manejo adequado de recursos vegetais, que considere os potenciais e características locais, caracteriza-se como um meio para se obter resultados socioeconômicos pautados em princípios da sustentabilidade. O extrativismo vegetal é uma atividade admitida no Plano Diretor, por exemplo, do município de Luís Correia, norte do estado do Piauí. A Lei nº 695 de 30 de junho de 2010, admite o desenvolvimento do extrativismo vegetal em áreas do município, definidas pela lei como macrozonas (Quadro 1).

Quadro 1 – Macrozonas do município de Luís Correia (PI) com base no Plano Diretor.

Macrozonas	Localização	Atividades admitidas	Atividades não admitidas
Macrozona rural	Áreas do território municipal que possuem características rurais e que não estão inseridas em nenhuma área de proteção ambiental (APA).	Atividades relacionadas à agricultura e pecuária intensivas; Atividades extrativistas; Atividades turísticas que visem à preservação dos bens naturais, materiais e imateriais de interesse ambiental e histórico-culturais e científicos; Agricultura familiar; Instalação de agroindústrias.	Queimadas, desmatamentos, ou atividades extrativistas que estiverem em desacordo com a legislação ambiental das esferas federal, estadual e municipal. Matança e captura de espécies raras da biota regional.
Macrozona rural de interesse ambiental e turístico	Porção leste do município e abrange o trecho da Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Parnaíba que está em território municipal.	Agricultura, aquicultura, pecuária, silvicultura, extrativismo mineral e vegetal, controladas e de baixo impacto, em conformidade com as restrições previstas pela legislação ambiental federal, estadual, municipal e pelo Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Parnaíba.	
Macrozona rural de interesse ambiental	Porção sul do município e corresponde ao trecho da Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra da Ibiapaba que está em território municipal.	Agricultura, pecuária, silvicultura, extrativismo mineral e vegetal, controladas e de baixo impacto, em conformidade com as restrições previstas pela legislação ambiental federal, estadual, municipal e pelo Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra da Ibiapaba.	

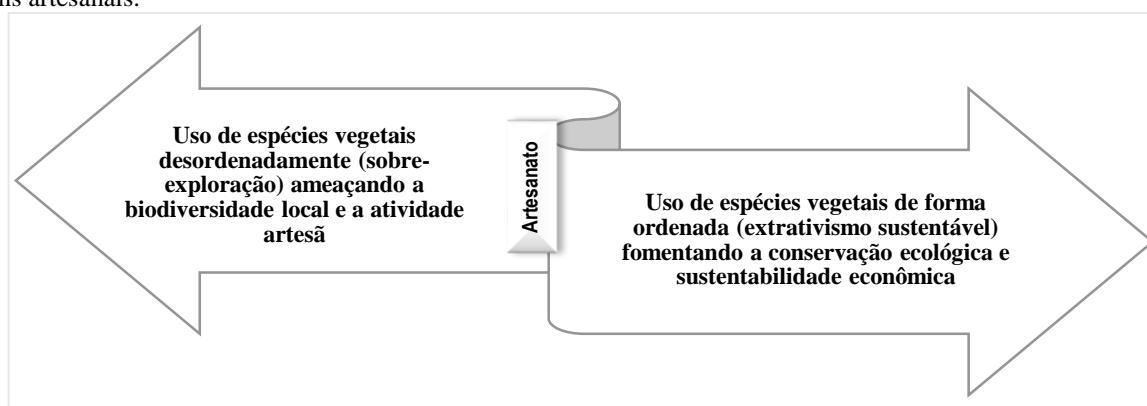
Fonte: Luís Correia (2010).

Ressalta-se a importância de tais documentos, que ao admitirem o desenvolvimento das atividades nas zonas supramencionadas, alertam para que estas, sejam desenvolvidas à luz das legislações vigentes e também orientadas por Planos de Manejo, os quais, via de regra, devem fornecer informações sobre as melhores técnicas alinhadas à realidade local, compreendendo as práticas extrativistas, o grau de dependência com as espécies utilizadas, o manejo tradicional

adotado, desencadeando na formulação de políticas públicas que apoiem o desenvolvimento de atividades econômicas, como o extrativismo vegetal para fins artesanais (TICKTIN, 2004).

É importante compreender que a atividade extrativista para fins artesanais pode se direcionar em um dos sentidos dentre duas possibilidades, a depender das circunstâncias, concepções e práticas adotadas por determinados grupos comunitários. Para Lawrence (2003), Guadagnin e Gravato (2013) e Leoni e Costa (2013), o impacto gerado pelo uso de espécies vegetais no artesanato pode ser positivo ou negativo (Figura 1.1).

Figura 1.1 – Fluxo direcional com base na interação homem *versus* natureza através do extrativismo vegetal para fins artesanais.



Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Em síntese, Lawace (2003) destaca que os Produtos Florestais Não Madeiros (PFNM) surgem em um contexto de manejo florestal cada vez mais pluralista. Postula-se que os PFNM sustentam os meios de subsistência rurais e resgatam as populações de condições de extrema pobreza, proporcionando-lhes uma razão para proteger e manejar as florestas. Nesse sentido, o autor destaca a grande diversidade de produtos possíveis retirados da natureza, em virtude das características biológicas e socioeconômicas, os quais podem agregar valor e consubstanciar a criação de cadeias socioprodutivas. Defende-se que a exploração dos PFNM ocorra em consonância com os conhecimentos dos extrativistas por meio do manejo florestal adaptativo, evitando assim sobre-exploração dos PFNM.

Os desenvolvimentos metodológicos retratados no estudo defendem uma abordagem mais sistêmica, combinando abordagens biológicas e econômicas com as próprias percepções e conhecimentos dos usuários de PFNMs no manejo florestal adaptativo, evitando assim os perigos da categoria PFNMs.

Dentre os trabalhos sobre os PFNMs, cita-se o de Campos *et al.* (2015), que abordaram o conhecimento, uso e manejo da Palmeira Babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng) na Região do Araripe (Nordeste do Brasil) e a considerável diversidade observada nos usos da

espécie, incluindo seu uso na alimentação humana e animal, artesanato, construção, medicina, cosméticos, artigos religiosos e fins comerciais. Ressalta-se que na comunidade Macaúba, foram identificados 50 usos para *A. speciosa*, enquanto na comunidade Saco foram identificados 41 usos. Esses usos foram agrupados em oito categorias diferentes, sendo as mais destacadas o artesanato, a construção e a alimentação humana. O babaçu é considerado um recurso de alta importância comercial pelos moradores dessas comunidades. No entanto, o acesso à tecnologia pode substituir alguns dos usos tradicionais do babaçu e influenciar o tipo de uso praticado na comunidade.

As lianas são componentes importantes das florestas tropicais e dos produtos florestais não-madeireiros (PFNMs), como evidencia o trabalho de Guadagnin e Gravato (2013). Neste estudo foram: 1) registradas as espécies de lianas exploradas pelos povos indígenas Kaingang e sua disponibilidade nos fragmentos florestais remanescentes ao redor da cidade de Porto Alegre, sul do Brasil, 2) descritas as técnicas de colheita e artesanato, e 3) estimado a quantidade de cipós vendidos como artesanato no principal mercado local e a renda obtida. As lianas são exploradas exclusivamente para o comércio de artesanato. Sete espécies de cipós, das 31 encontradas em remanescentes florestais, são utilizadas pelos Kaingangs. Dois deles respondem por 90% de todos os artesanatos vendidos e 40,5% de todos os caules de cipós em remanescentes de crescimento secundário. Todo o processo, desde a coleta até a venda, é realizado pelas famílias Kaingang sem intermediários.

Como observado, o uso sustentável de recursos, além de preservar a cultura e trazer benefícios socioeconômicos às comunidades, é também um aliado à conservação ambiental. Os recursos naturais como bens públicos e de acesso comum, com possibilidade de autonomia da comunidade para a gestão do uso sustentável. Muitos povos associam o uso dos recursos naturais à sua conservação, pois têm uma dependência direta desses recursos para a sua subsistência, desenvolvimento econômico e social (PRADO *et al.*, 2019).

2.2 Artesanato no Brasil

No Brasil, o artesanato movimenta cerca de 28 milhões de reais na economia brasileira, representando 2,8% do PIB do País. O artesanato produzido é um dos mais diversificados com tendência mercadológica internacional. Têm suas particularidades, pois, cada região detém estilos próprios nas tipologias dos artefatos produzidos, modos de produção diferenciados, que comumente estão associados a disponibilidade de matéria-prima e padrões culturais (SANTOS;

SOUZA, 2016). A produção artesã deve ser valorizada porque carrega outros valores para além do financeiro, pois,

As peças artesanais guardam tradições que vão ganhando novos traços com o passar do tempo. Contudo, não perde sua originalidade, fruto da herança de raças distintas. Incentivar este setor econômico significa atenuar desigualdades sociais verificadas nas distintas regiões e preservar os valores culturais locais (SANTOS; SOUZA, 2016, p. 125).

Neste sentido, o artesanato possibilita que as comunidades caminhem para o desenvolvimento local, no qual os artesãos tornam-se atores principais no desenvolvimento de uma atividade que tem grande relevância cultural, numa perspectiva individual e coletiva. O desenvolvimento, nesta perspectiva, deve priorizar a permanência da identidade cultural, além de contemplar as contribuições das instâncias sociais, institucionais e ambientais, a fim de que, a atividade seja constantemente priorizada e fortalecida (FERNANDES; SAMPAIO, 2006; SANTOS, 2010).

No Brasil, alguns eventos ocorreram para que o artesanato fosse reconhecido e fomentado de forma institucional. Sabe-se que muitos artesãos não conseguem acessar políticas públicas que os favoreçam no desenvolvimento da atividade, por isso, se faz necessária a implementação de medidas que visem regulamentar a profissão e aperfeiçoar a produção, aliando conhecimento cultural com inovações, de tal modo que os produtos possam atender a um público maior, gerando mais renda. No quadro 2, podem ser observados alguns desses eventos:

Quadro 2 – Fatos históricos do artesanato do Brasil.

ANO	DESCRIÇÃO DOS EVENTOS
1950	Surgimento de projetos regionais de desenvolvimento econômico de forma integrada; maioria desses projetos eram geridos a nível estadual ou regional, não havendo um direcionamento institucional a nível federal. O foco era no fomento da atividade como meio alternativo de ocupação da família.
1958	Realização de pesquisa financiada pelo Banco do Nordeste a fim de constatar aspectos econômicos da atividade artesã, a geração de emprego e renda, problemática de mercado e horizontes de desenvolvimento desse segmento.
1961	Criação da sociedade de economia mista denominada Artesanato do Nordeste S/A (ARTENE) pela Superintendência do Nordeste (SUDENE) com intuito de fomentar o setor de artesanato no Nordeste. Sua atuação focou em áreas de maior adensamento populacional, atuando na supervisão, assistência e escoamento da produção. Criação do Projeto de Assistência ao Artesanato Brasileiro (PAAB) no âmbito do Ministério da Educação e Cultura (MEC) com intuito de fazer treinamentos de mão de obra, realizar pesquisas sobre o artesanato e seus aspectos culturais, econômicos, tendências de mercados. Também, buscava-se produzir documentos para registrar o artesanato brasileiro.
1962	Extinção do PAAB; Realização de estudo abrangente (material produzido, registro fotográfico e cinematográfico) do artesanato do estado do Ceará, pela Sociedade de Pesquisa e Planejamento (SPLAN)

1963	Constituição de uma comissão, no âmbito do Ministério da Indústria e do Comércio e do Departamento Nacional de Indústria, com intuito de elaborar diretrizes para pequena indústria e artesanato. Por questões de ordem orçamentária, o trabalho não foi desenvolvido.
1975	Primeiro Encontro Nacional de Artesanato (I ENA), realizado pelo Ministério do Trabalho, no âmbito da Secretaria de Mão de Obra, em Brasília. O intuito foi discutir a realidade do artesanato no cenário nacional e estabelecer um planejamento voltado para o fomento do artesanato.
1977	Criação do Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato (PNDA) através do Decreto nº 80.098 no âmbito da Secretaria de Planejamento vinculada ao Ministério do Trabalho. Foi instituído, também, o Programa Comissão Consultiva do Artesanato que visava a implantação de estratégias de coordenação, promoção dos artesãos e apoio à produção e comercialização dos produtos.
1980	Expansão de instituições privadas de apoio ao artesanato com intuito de valorizar a produção e comercialização do artesanato, criando possibilidade socioeconômicas. Nesse período, o artesanato passou a ser considerado mais fortemente como atividade de mercado, com função econômica e social na geração de renda e contribuição financeira do setor produtivo.
1991	No âmbito do Ministério da Ação Social através da Secretaria Nacional de Promoção Social, foi criado o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) que objetivou contribuir com o papel profissional do artesão, oportunizando formações para contribuir nas dimensões profissional, social, econômica e cultural para que aos poucos os artesãos pudessem se emancipar.
1995	Por força do Decreto nº 1508/1995, o PAB foi transferido para o Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo (MICT). A política direcionada ao artesanato brasileiro objetivava coordenar e desenvolver atividades que valorizassem o artesão, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico, atuando na promoção do artesanato e da empresa artesanal. Parceria entre Conselho da Comunidade Solidária, SEBRAE, SUDENE e Caixa Econômica Federal e criação do Programa Artesanato Solidário que incorporava uma vertente de programa social, que tinha por intuito estimular o artesanato tradicional como meio de se obter renda.
1998	Criação do Programa SEBRAE de Artesanato com propósito de desenvolver capacitações, mobilizações, propagação do associativismo e empreendedorismo para potencializar os pequenos negócios e favorecer a criação de ambiente propício à sustentabilidade. Foi publicada a Lei nº 9649/1998 que transformou o MICT em Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), conseqüentemente, o PAB passou a pertencer a este ministério.
2000	O MDIC foi alterado para Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e Comércio Exterior. O PAB passou a pertencer ao Programa Desenvolvimento de Micro, Pequenas e Médias Empresas. Atuando no fortalecimento de empresas através de capacitação, assessoria, financiamento, crédito, dentre outros fatores.
2002	O PAB foi transformado em Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), denominada Artesanato Solidário: programa de apoio ao artesanato e geração de renda (ArteSol) com atuação até os dias atuais.
2017	Criação do Plano Setorial do Artesanato apontando eixos prioritários até 2025: criação e produção, comercialização, formação e capacitação, divulgação, distribuição, fortalecimento do Artesanato, sustentabilidade ambiental e inovação.
2018	Publicação da portaria nº 1007-SEI/2018, o PAB passou a integrar o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).
2019	Publicação do decreto nº 9745/2019, o PAB foi incorporado ao Ministério da Economia no âmbito da Subsecretaria de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas, Empreendedorismo e Artesanato – SEMPE.

Fonte: Brasil (1995); Sebrae (2006); Seraine (2009); Brasil (2018).

Nas diversas regiões do Brasil, o artesanato é desenvolvido demonstrando relação com a disponibilidade de matérias-primas e influência dos aspectos culturais e sociais. No Norte observa forte utilização de frutos, folhas, caules e sementes no artesanato. Centro-Oeste, é muito comum a produção do bordado. No Nordeste, tem-se uma cultura bastante variada, mas observa-se a produção artesã baseada em madeira, barro, cerâmica, bordado, fibras vegetais, dentre outros. No Sul, também se observa um artesanato variado a base de madeira, bordado,

barro e fibras vegetais, sendo constatada forte influência da cultura europeia. No Norte, Nordeste, Sul e Sudeste é comum a produção de artesanato de renda (SANTOS; SOUZA, 2016).

2.2.1 Programa e Instituições de apoio ao artesanato

Atualmente, o Programa do Artesanato Brasileiro pertence ao organograma do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no âmbito da Secretaria da Micro e Pequena Empresa com intuito de “promover o desenvolvimento integrado do setor artesanal e a valorização do artesão, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico” (BRASIL, 2018, p. 2).

A base conceitual do artesanato, definida na Portaria Nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018, que trata do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) e, que criou a Comissão Nacional do Artesanato, apresenta alguns aspectos relacionados à definição de artesanato (Figura 1.2), bem como, as finalidades do PAB, eixos e estratégias, definição de artesão, tipologias do artesanato e técnicas (BRASIL, 2018).

Figura 1.2 – Elementos que compõem a conceituação do artesanato.



Fonte: adaptado de Brasil (2018).

A composição do PAB corresponde a uma coordenação nacional e 27 coordenações estaduais que são vinculadas à respectiva secretaria de estado de cada unidade da federação, sendo estes responsáveis pelo “cadastramento, atualização dos dados e emissão da Carteira Nacional do Artesão, seleção de artesãos e demais diretrizes” (BRASIL, 2018, p. 1).

Outra instituição importante no segmento é o SEBRAE, que afirma que o artesanato está em desenvolvimento em todas as regiões do Brasil, sendo “reconhecida com uma expressão importante da identidade local e da diversidade cultural brasileira, enriquecendo o patrimônio simbólico e artístico nacional” (SEBRAE, 2021). Além disso, se caracteriza como atividade econômica, gerador de renda na produção e na comercialização. É neste sentido que o SEBRAE atua, potencializando a promoção comercial e agregando novos mercados, através dos seguintes projetos e parcerias (Quadro 3).

Quadro 3 – Projetos e parcerias do SEBRAE para o fortalecimento do artesanato brasileiro.

PROJETO	Centro Sebrae de Referência do Artesanato (CRAB)	Caracteriza-se como espaço de conhecimento, exposição e comercialização
	Projeto Brasil Original	Atua na montagem de lojas conceituais sazonais para ampliar novos mercados
	Desenvolvimento da comercialização do artesanato	Foca na gestão e desenvolvimento de negócios.
PARCERIAS	Artesanato solidário (ArteSol)	Trata-se de uma organização da sociedade civil brasileira que atua no resgate do artesanato desde 1998, com atuação na pesquisa, reflexão e capacitação para políticas públicas.
	Coletivo de Fato	Entidade que atua na promoção e potencialização da comercialização do artesanato no Brasil.
	A Casa	Desde 1997, o museu atua como ambiente de expressão cultural do Brasil, visando reconhecer, valorizar e desenvolver o artesanato, contribuindo para o respeito à produção artesanal brasileira.
	Confederação Nacional dos Artesãos do Brasil (Charts)	Trata-se de uma entidade que atua na representação dos artesãos.
	Associação Brasileira de Exportação de Artesanato (Abexa)	Atua na contribuição e viabilização da exportação dos produtos do artesanato.

Fonte: SEBRAE (2021).

Entende-se que artesão é aquela pessoa que, utiliza técnicas ao exercer o ofício genuinamente manual, em que há domínio expressivo das técnicas e processos, resultando na transformação da matéria-prima em produtos que exteriorizam as identidades da cultura brasileira, podendo ser de maneira coletiva ou individual. O artesão faz uso estruturado dos conhecimentos empíricos, os fazeres, mecanismos e processos que resultam em produtos, os quais serão utilizados à nível local e/ou comercializados (BRASIL, 2018). Com base na Portaria Nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018, o artesanato pode ser classificado de acordo com a sua origem (Quadro 4).

Quadro 4 – Categorização da produção artesanal com base na origem cultural.

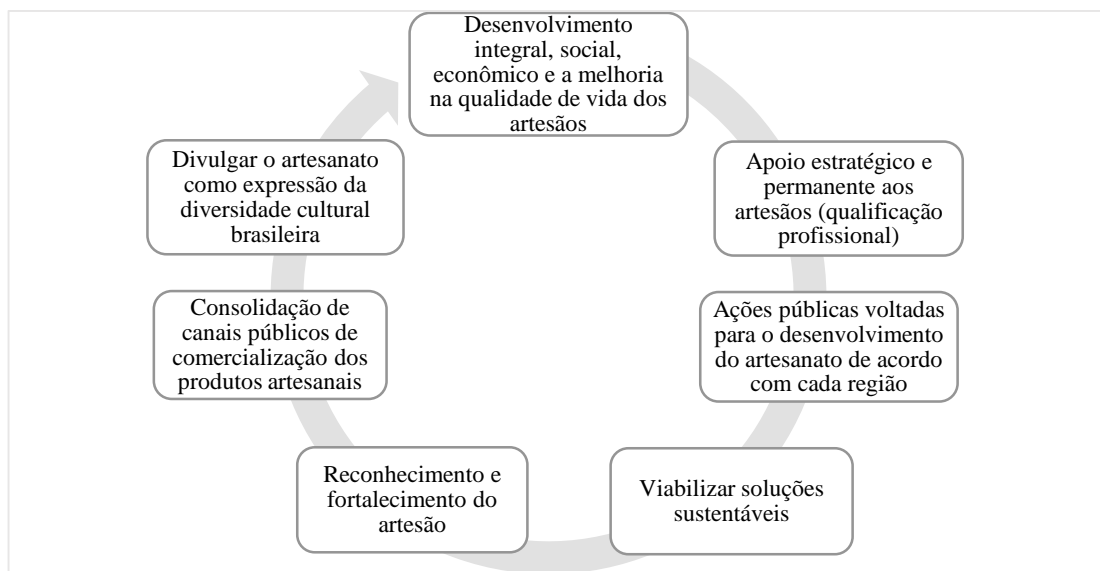
CATEGORIAS	CARACTERÍSTICAS
------------	-----------------

Artesanato Tradicional	Produção, geralmente de origem familiar ou comunitária, que possibilita e favorece a transferência de conhecimentos de técnicas, processos e desenhos originais, cuja importância e valor cultural decorrem do fato de preservar a memória cultural de uma comunidade, transmitida de geração em geração.
Arte Popular	Caracteriza-se pelo trabalho individual do artista popular, artesão autodidata, reconhecido pelo valor histórico e/ou artístico e/ou cultural, trabalhado em harmonia com um tema, uma realidade e uma matéria, expressando aspectos identitários da comunidade ou do imaginário do artista.
Artesanato Indígena	Produzido por membros de etnias indígenas, no qual se identifica o valor de uso, a relação social e a cultural da comunidade, sendo os produtos, em sua maioria, incorporados ao cotidiano da vida tribal e resultantes de trabalhos coletivos, de acordo com a divisão do trabalho indígena. O Selo Indígenas do Brasil, instituído pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (Portaria Interministerial nº 2, de 3 de dezembro de 2014) para valorizar e identificar a origem indígena dos produtos, é sinal distintivo aplicável ao produto artesanal indígena.
Artesanato Quilombola	Produtos feitos coletivamente por membros remanescentes dos quilombos, de acordo com a divisão do trabalho quilombola, no qual se identifica o valor de uso, a relação social e cultural da comunidade, sendo os produtos, em sua maioria, incorporados ao cotidiano da vida comunitária. O Selo Quilombola, instituído pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Portaria nº 22, de 14 de abril de 2010) para certificar a origem de produtos feitos por integrantes de comunidades quilombolas, é sinal distintivo aplicável ao produto artesanal quilombola.
Artesanato de Referência Cultural	Produção artesanal a partir do resgate ou da releitura de elementos culturais tradicionais nacionais ou estrangeiros assimilados, podendo se dar por meio da utilização da iconografia (símbolos e imagens) e/ou pelo emprego de técnicas tradicionais que podem ser somadas à inovação; dinamiza a produção, sem descaracterizar as referências tradicionais locais.
Artesanato Contemporâneo- Conceitual	Produção artesanal, predominantemente urbana, resultante da inovação de materiais e processos e da incorporação de elementos criativos, em diferentes formas de expressão, resgatando técnicas tradicionais, utilizando, geralmente, matéria-prima manufaturada reciclada e reaproveitada.

Fonte: Brasil (2018).

Percebe-se que existem alguns gargalos que precisam ser superados para o reconhecimento e fortalecimento da atividade artesã. Neste sentido, a coordenação nacional do PAB juntamente com as coordenações estaduais deve viabilizar a aplicação de políticas e ações integradas que proporcionem avanços e fortalecimento do artesanato brasileiro (Figura 1.3).

Figura 1.3 – Finalidades de ações e políticas integradas para o fortalecimento do artesanato.



Fonte: adaptado de Brasil (2018).

A atividade artesã, além de representar a permanência de saberes culturais repassados ao longo das gerações, possibilita a geração de renda com a comercialização local, regional e até internacional, sendo uma alternativa para minimizar o desemprego. O fomento ao artesanato pode fortalecer os vínculos comunitários e o pertencimento ao território, possibilitando a permanência nas pessoas na comunidade, uma vez que, estes conseguem obter renda para se manter, por meio das vendas dos artefatos produzidos, podendo uma relação positiva com o turismo e respeito aos ecossistemas locais (CARVALHO, 2001).

Deste modo, compreende-se a importância dos sistemas bioculturais caracterizados pela relação entre ambiente e sociedade, a qual é mediada pela cultura visando estabelecer dinâmicas produtivas que se baseiam em alguns princípios, tais como: a interdependência, flexibilidade adaptativa, a natureza cíclica dos processos, a diversidade e os vínculos de cooperação e associação (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

O artesanato possibilita que as comunidades caminhem para um desenvolvimento local, no qual, os artesãos tornam-se atores principais no desenvolvimento de uma atividade que tem grande relevância cultural, numa perspectiva individual e coletiva. O desenvolvimento, nesta perspectiva, deve priorizar a permanência da identidade cultural, além de contemplar as contribuições das instâncias sociais, institucionais e ambientais, a fim de que, a atividade seja constantemente priorizada e fortalecida (SANTOS; SOUZA, 2016). Assim, destaca-se a importância dos sistemas produtivos locais, entendido como o conjunto de fatores econômicos, políticos e sociais associados a um território, no qual são desenvolvidas atividades econômicas

correlacionadas e vinculadas no processo de produção e comercialização (SIMONETTI; KAMIMURA, 2017).

2.2.2 Artesanato no Piauí

O estado do Piauí apresenta um rico e variado artesanato, resultado do talento e criatividade dos artesãos piauienses, o que tem gerado renda para muitas famílias que ao aproveitarem as matérias-primas disponíveis localmente, reafirmam o valor cultural das diversas regiões desse estado. No quadro 5 pode-se observar alguns marcos importantes no artesanato do Piauí, dentre eles, a criação do Programa de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense (PRODART).

Quadro 5 – Eventos históricos do artesanato do Piauí.

ANO	DESCRIÇÃO DO EVENTO
1957	Com a tendência nacional de inclusão do artesanato na gestão pública, o governador do estado do Piauí, General Jacob Manuel Gaioso e Almendra realizou em parceria com o MEC cursos profissionais de modalidades de artesanato.
1959-1962	Na gestão do governador Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, foi criado o Serviço Social do Estado (SERSE) que aderiu à política nacional que fomentava o ensino das artes industriais.
1970	Na gestão do governador Alberto Tavares e Silva, o SERSE atuou na inclusão maior de pessoas em atividades artesanais como forma de obtenção de renda. Com a articulação da Empresa de Turismo do Piauí (PIENTUR), o Piauí participou da Exposição Brasil Export/73 em Bruxelas fazendo a divulgação dos produtos do artesanato piauiense.
1981	Criação do Programa de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense através do Decreto nº 3.926 de 1981 com intuito de apoiar a atividade, instigando a produção e a comercialização, bem como, fomentando a construção da Central do Artesanato do Piauí, na área central de Teresina. O governador Hugo Napoleão estimulou o fortalecimento de Núcleos de Produção, principalmente, nas cidades de Teresina, Parnaíba, Campo Maior e Pedro II.
1991	Ocorreu o primeiro encontro estadual de artesanato, no qual, foi oportunizado aos artesãos tomar conhecimento sobre o PRODART como política de apoio a esse segmento.
1992	Foi publicado um diagnóstico do artesanato da região norte do Piauí elaborado em parceria entre PRODART e SEBRAE, que se tornou um importante documento base para o delineamento na tomada de decisões e implementação de ações por parte do governo estadual, atuando no fortalecimento dessa atividade como geradora de emprego e renda, entendida como forma de manter as pessoas em suas comunidades.
1993	Foi publicado o diagnóstico intitulado Rota Sul do Artesanato Piauiense, tal documento teve intuito de apresentar ao setor político e empresarial do estado a relevância do artesanato na região sul piauiense, fomentando o resgate de processos tradicionais de fabricação de artefatos. O artesanato piauiense foi exposto em várias feiras e inúmeros estados, tais como, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Pará e Minas Gerais, além de uma feira do artesanato no Chile. Ocorreu a construção do Plano de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense utilizando recursos do Ministério do Bem-Estar Social.
1996	Elaboração do Plano Plurianual para o período 1996-1999 na gestão do governador Francisco de Assis Moraes Souza, sendo o PRODART o responsável pela coordenação desse trabalho. No referido ano, o PRODART atuou de maneira mais sistemática e ordenada, tornando-se um apoio relevante para o segmento. Todavia, sabe-se que nem sempre tais políticas públicas atingem todo o público-alvo.
2000 – 2021	Ações de cadastro de artesãos; Reformas dos locais de venda de artesanato em regiões estratégicas do Piauí.

Fonte: Sebrae (2006); Lima (2015).

A Superintendência de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense (SUDARPI), inserida no organograma da Secretaria de Estado de Cultura (SECULT), é um órgão que atua na promoção e apoio ao artesão no estado. Visa fortalecer associações, grupos e cooperativas que produzem e comercializam o artesanato, através da divulgação, formações em parcerias e abertura de canais de comercialização possibilitando o escoamento da produção em território nacional e internacional (BRASIL, 2021).

Segundo a SUDARPI, o PRODART instituído através do Decreto nº 3.926/1981 combinado com as ações de apoio e fortalecimento têm elevado o patamar do artesanato piauiense proporcionando-lhe posição de destaque, garantindo renda a muitas pessoas em diversas regiões do estado. É importante destacar que o PRODART atua na execução dos seguintes objetivos:

Unir os artesãos existentes no Piauí para buscar a venda dos seus produtos, dentro e fora do Estado; Incentivar a produção artesanal, como sendo uma fonte alternativa de renda familiar; Buscar novos talentos através de estudos, promoções eventos e feiras; Incentivar a produção artesanal através de Cursos e Oficinas de Treinamento e qualificação; Divulgar os trabalhos dos artesãos participando de feiras e eventos nos outros Estados (BRASIL, 2021, p.1).

Dentre outras atuações, podem ser citadas duas importantes ações do PRODART no Piauí, uma delas consiste na emissão de Carteira de Identidade do Artesão, importante documento que possibilita ao artesão acessar benefícios do programa e a outra refere-se às qualificações profissionais no segmento do artesanato.

2.2.3 Percepção ambiental

Dependendo da área do conhecimento, o significado da palavra percepção pode se alterar. A palavra tem origem do latim *perceptio*, entendida como ato ou efeito de perceber, em que os órgãos sensoriais atuam conjuntamente na constatação e interpretação do objeto ou conjunto de fatores do espaço observado e vivenciado, tudo isso, inclui a sensação, representação intelectual, dentre outras constatações (MARIN, 2008; RIBEIRO; ALMEIDA NETO; OLIVEIRA, 2009). Sendo assim, a percepção ambiental pode ser entendida como,

[...] tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o ato de perceber o ambiente que se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo. A percepção de cada indivíduo é um processo pessoal. Contudo, sabemos que o indivíduo não age isoladamente num determinado ambiente, mas de forma coletiva, uma vez que faz parte de um grupo com comportamento e características semelhantes (KRZYSCZAK, 2016, p. 8).

A percepção ambiental está relacionada à forma de interação do ser humano com o meio ambiente. Esta interação se dá pelas experiências vivenciadas, onde o ser humano poderá conhecer o ambiente, se apropriar de formas de uso e valorização dos recursos da natureza, podendo assumir posturas positivas ou negativas. Nesse contexto de interação, o ser humano poderá assumir comportamentos e desenvolver ações em consonância com os interesses individuais ou coletivos, incorporando visões e valores que refletem o contexto da realidade existente (XAVIER, 2007).

Para Reigota (2010), o meio ambiente pode ser entendido como um lugar percebido ou determinado, no qual, interações e relações entre elementos sociais e ambientais acontecem. Essas interações, através de processos tecnológicos e culturais, podem resultar na alteração do ambiente. Sendo assim, Santos (2016, p. 26) afirma que, “compreender melhor o meio construído trará consigo a melhoria da forma como esse ambiente pode ser utilizado, mitigando problemas ambientais reais e potenciais, sem deixar de suprir as necessidades das populações”.

Pesquisas sobre a percepção ambiental são fundamentais, pois contribuem para a compreensão das relações dos indivíduos e de determinados grupos sociais com o espaço em que vivem, uma vez que, cada pessoa tem sua visão, percepção, reação, interpretação, resposta e adaptação às diversas situações que ocorrem no cotidiano. E a forma como os sujeitos reagem, seja individual ou coletivamente, é influenciada pela percepção, pelos fatores cognitivos, valores, experiências, emoções, princípios e anseios (DEL RIO; OLIVEIRA, 1996; SILVA; LEITE, 2008; FERNANDES; REZENDE FILHO, 2010).

Para Santos (2016, p. 28), “cada ser humano tem sua forma peculiar de ver e perceber o mundo da matéria e o mundo intangível e, de formular suas próprias imagens e ideias a partir dos elementos que foram tais mundos”. Dessa forma, compreende-se que as informações obtidas a partir da percepção ambiental, podem fornecer subsídios para o desenvolvimento sustentável à medida que tais informações sejam incorporadas na aplicação de políticas públicas locais (FERNANDES; REZENDE FILHO, 2010).

2.2.4 Sistema Biocultural

O patrimônio biocultural envolve o conjunto de conhecimentos, inovações e práticas das comunidades tradicionais e locais que são mantidos coletivamente, ligados e moldados pelo contexto socioecológico das comunidades (GAVIN *et al.*, 2015). Nesta perspectiva, no patrimônio biocultural também é enfatizado o reconhecimento de múltiplas visões de mundo

que servem de base para diferentes conjuntos de conhecimento sobre o mundo natural e o lugar da nossa espécie nele.

É importante considerar o que populações locais que subsistem diretamente da coleta de recursos naturais conhecem sobre o ambiente, sua percepção sobre os problemas à sustentabilidade da atividade que exercem, e como suas necessidades aproximam os interesses acadêmicos, políticos e sociais (ALBUQUERQUE *et al.*, 2019).

Com a conservação de diversos conjuntos de conhecimento é possível fornecer às comunidades humanas e biológicas uma maior capacidade adaptativa para lidar com os distúrbios futuros (DAVIDSON-HUNT *et al.*, 2012). Ludwig e Macnaghten (2019) defendem que uma abordagem inovadora, que construa pontes sobre o conhecimento desses povos com a governança, pode trazer à tona soluções que abranjam tanto a justiça social, quanto a conservação ambiental frente aos riscos das mudanças globais.

Para Gavin *et al.* (2018), a conservação biocultural é uma proposta recente na literatura quanto a essas necessidades da participação comunitária e na elaboração de propostas efetivas de conservação ambiental e manutenção dos seus direitos (BALDAUF, 2020). Reconhece a importância do aspecto cultural para a conservação, considerando: pontos de vistas plurais (valores intrínsecos e utilitários); intervenções levando em conta o contexto socioecológico; redes institucionais; e a busca de parcerias e aprendizagem social entre múltiplos atores (GAVIN *et al.*, 2018).

As pesquisas que descrevem essas expressões da cultura destacam a importância de compreender a relação dos grupos humanos com os recursos naturais, uma vez que essas práticas culturais utilizam e transmitem informações sobre o mundo natural em que seus membros estão incorporados (GONZÁLEZ *et al.*, 2015). Com esse pressuposto, abordagens bioculturais de sucesso precisam ser efetivas na elaboração de parcerias, na busca pela justiça ambiental e na consideração do contexto sociopolítico local (GAVIN *et al.*, 2015, 2018).

Compreender como as informações são transmitidas em uma cultura é extremamente importante para a evolução dos sistemas de conhecimento, algo fundamental para entender a relação entre pessoas e meio ambiente, com implicações para a conservação da biodiversidade e evolução da espécie humana. Mais do que entender como um traço biocultural é transmitido em uma população humana, é necessário compreender as suas implicações ecológicas e evolutivas (ALBUQUERQUE *et al.*, 2020b).

Destaca-se o estudo de Gavin *et al.* (2015) que defende que as abordagens bioculturais para a conservação podem alcançar resultados de conservação eficazes e justos ao mesmo tempo em que abordam a erosão de ambos os aspectos culturais e biológicos e diversidade. No

estudo o autor propõe um conjunto de diretrizes para a adoção de abordagens bioculturais para a conservação. Primeiro, destacam lições do trabalho sobre diversidade biocultural e patrimônio, teoria dos sistemas socioecológicos, conservação e desenvolvimento integrados, cogestão e conservação baseada na comunidade para definir abordagens para a conservação. Em segundo lugar, descrevem oito princípios que caracterizam tais abordagens. Terceiro, são discutidas razões para adotar abordagens bioculturais e desafios. Se bem usadas, as abordagens bioculturais para a conservação podem ser uma ferramenta poderosa para reduzir a poluição global, perda da diversidade biológica e cultural.

A perda de biodiversidade prejudica a manutenção a longo prazo das funções dos ecossistemas e o bem-estar das populações humanas. Iniciativas políticas em escala global, incluindo a Convenção sobre Diversidade Biológica, não conseguiram conter a perda de biodiversidade. Esse fracasso levou a debates contenciosos sobre soluções alternativas que representam visões opostas de orientações de valor e ferramentas políticas no centro da ação de conservação. Rompendo com os debates polarizadores, argumentamos que as abordagens bioculturais para a conservação podem orientar o progresso em direção a soluções de conservação justas e sustentáveis. Fornecemos exemplos dos princípios centrais da conservação biocultural, que enfatizam a necessidade de abordagens pluralistas, baseadas em parcerias e dinâmicas para a conservação (GAVIN *et al.*, 2018).

Albuquerque *et al.* (2020) destacaram um novo ramo da etnobiologia chamado de etnobiologia evolutiva (EE), a qual investiga os aspectos históricos e contemporâneos que afetam os conhecimentos e práticas humanas associadas com a biota, a partir de cenários teóricos da ecologia e evolução. Essa ciência tem contribuído conceitualmente e teoricamente por empregar cenários ecológicos e evolutivos para estudar as relações dinâmicas entre grupos humanos e seus ambientes, sendo importante para avaliar, por exemplo, o quanto a nossa espécie tem modificado ambientes e de que modo o ambiente (e as modificações empregadas neste) tem afetado a nossa espécie no tempo no espaço.

As abordagens bioculturais para a conservação reconhecem a necessidade de respeitar e incorporar múltiplos sistemas de conhecimento no planejamento da conservação. No entanto, esses diversos conjuntos de conhecimento são baseados em epistemologias distintas, e preencher as lacunas entre eles representa um desafio.

3 REFERÊNCIAS

- AGBO, R. I.; VIHOTOGBÉ, R.; MISSIOUN, A. A.; DAGBA, R. A.; ASSOGBADJO, A. E.; AGBANGLA, C. Indigenous Knowledge of *Detarium microcarpum* Guill. & Perr. (Caesalpinaceae) and implication for conservation in Benin (West Africa). **Environ Dev Sustain**, v. 22, p. 6261-6285, 2020. Disponível em: <https://doi-org.ez17.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10668-019-00477-33>. Acesso em 01 jun. 2021.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. Can apparency affect the use of plants by local people in tropical forests? **Interciência**, n. 30, p. 506-510, 2005.
- ALBUQUERQUE, U. P.; RAMOS, M. A.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Methods and techniques in Ethnobiology and Ethnoecology. In: ALBUQUERQUE, U. P.; CUNHA, L. V. F. C.; LUCENA, R. F. P.; ALVES, N. L. (Org.). **Methods and techniques in ethnobiology and ethnoecology**. New York: Humana Press, 2014. p. 15-37.
- ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* Social-Ecological Theory of Maximization: basic concepts and two initial models. **Biological Theory**, v.14, p.73-85. 2019.
- ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R. E.; REIS, S. V. (Ed.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Cambridge: Timber Press, 1995.
- ALEXIADES, M. N. Ethnobotany in the Third Millennium: expectations and unresolved issues. **Delpinoa**, n. 45, p. 15-28, 2003.
- ANDERSON, P. The social context for harvesting *Iriartea deltoidea* (Arecaceae). **Economic botany**, v. 58, n. 3, p. 410-419, 2004.
- ANDRADE, W. M.; RAMOS, M. A.; SOUTO, W. M. S.; BENTO-SILVA, J. S.; ALBUQUERQUE, U. P.; ARAÚJO, E. L. Knowledge, uses and practices of the licuri palm (*Syargus coronata* (Mart.) Becc.) around protected áreas in northeastern Brasil holding the endangered species Lear's Macaw (*Anodorhynchus leari*). **Tropical Conservation Science**, v. 8, p. 893-911, 2015.
- ANDRADE, W. M. DE. *et al.* Knowledge, uses and practices of the licuri palm (*Syargus coronata* (Mart.) Becc.) around protected areas in northeastern Brazil holding the endangered species Lear's Macaw (*Anodorhynchus leari*). **Tropical Conservation Science**, v. 8, n. 4, p. 893-911, 2015.
- ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, p. 1-20, 2016.
- ARAÚJO, J. L.; LEMOS, J. R. Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil. **Biotemas**, v. 8, n. 2, p. 125-136, 2015.
- ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v.12, n.1, p. 11-32, 2006.

BALDAUF, C. Prospects for Participatory Biodiversity Conservation in the Contemporary Crisis of Democracy. *In: BALDAUF, C. (org.). Participatory Biodiversity Conservation.* Switzerland: Springer, 2020.p. 213–232.

BÁEZ-LIZARAZO, M. R. B. **Estudo etnobotânico das plantas aquáticas vasculares para artesanato no litoral norte do Rio Grande do Sul-Brasil.** 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Programa de Pós graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BÁEZ-LIZARAZO, M. R.; SANTORO, F. R.; ALBUQUERQUE, U. P.; RITTER, M. R. Aquatic vascular plants as handicraft: a case study in southern Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 32, n. 1, jan/mar., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-33062017abb282>. Acesso em: 06 jun. 2021.

BAILEY, K. **Methods of social research.** 4. ed. New York: The Free Press, 1994. 588p.

BENKO, G. Territoires et sciences sociales. *In: ITÇAINA, X.; PALARD, J.; S. SÉGAS (Dir.) Régimes territoriaux et développement économique.* Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology.** Sage. Newbury Park, CA, EEUU. 1988. 821p.

BERNARD, H. **Research methods in cultural anthropology.** 2ed. Newbury Park: Sage Publications, 2006, 803p.

BOISIER, S. Desarrollo territorial y descentralización: El desarrollo en el lugar y en las manos de la gente. **EURE (Santiago)**, Santiago, v. 30, n. 90, p. 27-40, set. 2004.

BORBA, J. A.; NAZÁRIO, L. Contabilidade ambiental: a preocupação empresarial com o meio ambiente através da evidenciação da terminologia comumente empregada nas demonstrações contábeis publicadas no Brasil. *In: Encontro nacional dos programas de pós graduação em administração, 27, 2003. Anais...* São Paulo: ANPAD, 2003.

BORTOLOTTI, I. M.; GUARIM NETO, G. O uso do camalote, *Eichhornia crassipes* (Mart.) Solms, Pontederiaceae, para confecção de artesanato no Distrito de Albuquerque, Corumbá, MS, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, n. 19, v. 2, p. 331-337, 2005.

BRASIL. **Coordenações do PAB.** Coordenação Estadual do Artesanato do Piauí. 2021.

BRASIL. **Decreto n. 1.508, de 31 de maio de 1995.** Dispõe sobre a subordinação do Programa de artesanato brasileiro, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1995/D1508.htm. Acesso em: 02 jun. 2021.

BRASIL. Decreto nº 4.339, de 22 de agosto de 2002. Institui princípios e diretrizes para a implementação da Política Nacional da Biodiversidade. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4339.htm. Acesso em: jan. 2022

BRASIL. **Portal do Artesanato Brasileiro**, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/artesanato>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BRASIL. **Coordenação Estadual do Artesanato do Piauí**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/artesanato/pab-nos-estados/nordeste/coordenacao-estadual-do-artesanato-do-piaui>. Acesso em: 01 abr. 2022.

BRASIL. Portaria Nº **1.007-SEI, de 11 de junho de 2018**. Institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 1 jun. 2018. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11-de-junho-de-2018-34932930. Acesso em: 24 abr. 2021.

BRASIL. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX). 2017. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/plantas-toxicas> Acesso em: 19 fev. 2021.

BRUSCHI, P.; MANCINI, M.; MATTIOLI, E.; MORGANTI, M.; SIGNORINI, M. Traditional uses of plants in a rural community of Mozambique and possible links with Miombo degradation and harvesting sustainability. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 10, n. 59, p. 2-22, 2014.

BYG, A.; BALSLEV, H. Diversity and use of palms in Zahamena, Eastern Madagascar. **Biodiversity and Conservation** **10**, p. 951-970, 2001.

CABALZAR, A.; FONSECA-KRUEL, V. S. da.; MARTINS, L.; MILLIKEN, W.; NESBITT, M. **Manual de etnobotânica**: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), 2017.

CAMPOS, J. L. A. *et al.* Knowledge, use, and management of the babassu palm (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng) in the Araripe Region (Northeastern Brazil). **Economic Botany**, v. 69, n. 3, p. 240-250, 2015.

CARVALHO, H. C. B. de. **Artesanato de caixeta em São Sebastião- SP/ Piracicaba**, 2001. Dissertação (Mestrado em agronomia) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, São Paulo, 2001.

CASASOLA, L. **Turismo e ambiente**. São Paulo: Roca, 2003.

CHAVES, E. M. F.; BARROS, R. F. M. Diversidade e uso de recursos medicinais do carrasco na APA da Serra da Ibiapaba, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 14, n. 2, p. 476-486, 2012.

COELHO-DE-SOUZA, G. P. **Extratativismo em área de reserva da biosfera da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul: um estudo etnobiológico em Maquiné**. 2003. 202 f. Tese (Doutorado em botânica) - Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

COLLETIS, G.; GILLY, J-P.; LEROUX, I.; PECQUEUR, B.; PERRAT, J.; RYCHEN, F.; ZIMMERMANN, J-B. Construction territoriale et dynamique économique. **Sciences de la Société**, n. 48, 1999.

CORREA, D.; MING, L. C.; PINEDO-VASQUES, M. Manejo de Fibras Vegetais utilizadas em artesanatos por comunidades tradicionais do parque Estadual e Turístico do Alto Ribeira e seu entorno, Iporonga, SP. *In*: SILVA, V.; SANTOS DE ALMEIDA, A.; ALBUQUERQUE,

U. **Etnobiologia e Etnoecologia, Pessoas e Natureza na América Latina**. Editores, Nuppea, p. 175-207, 2010.

CPRM. Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea; Diagnóstico da cidade de Luís Correia**, 2004. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/piaui/relatorios/118.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

CREPALDI, M. O. S.; PEIXOTO A. L. Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, n. 19, p.37–60. 2010.

CRESPO, M. F. V. **Estratégia de desenvolvimento do arranjo produtivo local da carnaúba em Ilha Grande de Santa Isabel**. 2007. 106 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Núcleo de Referências em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste (TROPEN), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

CRUZ, M, M.; LÓPEZ BINNQÜIST, C.; NEYRA, L. Artesanías y Medio Ambiente. Compiladoras. Comisión Nacional para el Conocimiento y Uso de la Biodiversidad Conabio / Fondo Nacional para el Fomento de las Artesanías **FONART. México**, 2009. 148p.

D’ALVA, O. A. **O extrativismo da carnaúba no Ceará**. 2004. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

D’ALVA, O. A. **O extrativismo da carnaúba no Ceará**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. (Org.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo, São Carlos: Studio Nobel, Editora da UFSCar, 1996.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2000.

DUPUY, Y.; GILLY, J.-P.; LUNG, Y. De l’analyse sectorielle à l’analyse territoriale: pour une approche méso-économique. In: ITÇAINA, X.; PALARD, J.; SÉGAS, S. (Dir.) **Régimes territoriaux et développement économique**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007.

ENRÍQUEZ, M. A. **Trajetórias do desenvolvimento: da ilusão do crescimento ao imperativo da sustentabilidade**. Rio de Janeiro, Garamond, 2010.

FARIAS, P. A. M.; SILVA, I. A.; QUEIROZ, A. L. F. G.; SILVA, J.G.; MELO, E. R. DINIZ; BARROS J.M.M.; LAURENTINO, C. S.; COIMBRA, C. G. O. Propriedades terapêuticas de plantas do gênero *Syagrus*: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.8, p. 76999-77010, 2021.

FAVILLA, C.; BARRETO, L.; REZENDE, R. **Artesanato Brasil**. Brasília: Sebrae, 2016.

FERNANDES, J.; REZENDE FILHO, C. de B. **Percepção ambiental: as transformações no cotidiano de Caiçaras de Ubatuba-SP na década de 1960 e na primeira década do século XXI**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2010.

FERNANDES, V.; SAMPAIO, C. A. C. S. Formulação de Estratégias de Desenvolvimento baseado no conhecimento local. **RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 5, n. 2, 2006.

- FLORA DO BRASIL 2020.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FONTAN, J. M.; J. L. KLEIN. La mobilisation du capital socio-territorial: le cas du technopôle Angus, **Lien social et Politiques-RIAC**, n. 52, 2004.
- GAVIN, M. C. *et al.* Effective biodiversity conservation requires dynamic, pluralistic, partnership-based approaches. *Sustainability (Switzerland)*, v. 10, n. 6, p. 1–11, 2018.
- GAVIN, M. C. *et al.* Defining biocultural approaches to conservation. *Trends in Ecology and Evolution*, v. 30, n. 3, p. 140–145, 2015.
- GEHLEN, I.; RIELLA, A. Dinâmicas territoriais e desenvolvimento sustentável. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 11, p. 20-16, jan/jun., 2004.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, J. A. F.; LEITE, E. R.; CAVALCANTE, A. C. R.; CÂNDIDO, M. J. D.; LEMPP, B.; BOMMFIM, M. A. D.; ROGÉRIO, M. C. P. Resíduo agroindustrial da carnaúba como fonte de volumoso para a terminação de ovinos. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 44, n. 1, p. 58-67, 2009.
- GONZÁLEZ, A.Y. V. *et al.* La fiesta xita: patrimonio biocultural mazahua de San Pedro el Alto, México. **Culturales**, v.4, p. 199-228, 2015.
- GONZALEZ-PEREZ, S. E.; DE ROBERT, P.; COELHO-FERREIRA, M. Seed use and socioeconomic significance in Kayapó handicrafts: a case study from Pará State, Brazil. **Economic botany**, v. 67, n. 1, p. 1-16, 2013.
- GUADAGNIN, D.; GRAVATO, I. Ethnobotany, Availability and Use of Lianas by the Kaingang People in Suburban Forests in Southern Brazil. **Economic Botany**, v. 67, n. 4, p. 350-362, 2013.
- HANAZAKI, N. **O artesanato de taboa (*Typha cf. dominguensis* Pers.) e junco (*Androtrichum trigynum* (Spreng.) H. Pfeiff.) na Guarda do Embaú, Palhoça, SC.** 2009. 51 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Centro de Ciências Biológicas da, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 18 nov. 2020.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cadastro Central de Empresas 2018. **Pessoal ocupado.** Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo agropecuário**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 1-105, 2017.
- ICMBIO - Instituto Chico Mendes de conservação da biodiversidade, Ministério do Meio Ambiente. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba.** 2020. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/plano_de_manejo_da_apa_delta_do_parnaiba.pdf. Acesso em: 18 nov. 2020.

- KRZYSCZAK, F. R. As diferentes concepções de meio ambiente e suas visões. **Revista de Educação do Ideau**, Getúlio Vargas, v. 11, n. 23, 2016.
- LAWRENCE, A. No forest without timber? **International Forestry Review**, v. 5, n. 2, p. 87-96, 2003.
- LEITE, A. A. M.; PALOMINO, R. C.; NETO, A. F. F. Conhecimento, inovação e sustentabilidade no setor tradicional: o caso dos artesãos de Petrolina – PE. **Revista Gestão Industrial**, Ponta Grossa, v. 5, p. 158-171, 2009.
- LEONI, J. M.; COSTA, F. R. C. Sustainable use of *Calathea lutea* in handicrafts: A case study from the Amanã Sustainable Development Reserve in the Brazilian Amazon. **Economic Botany**, v. 67, n. 1, p. 30-40, 2013.
- LINS NETO, E. M. F.; PERONI, N.; ALBUQUERQUE, U. P. Traditional knowledge and management of umbu (*Spondias tuberosa*, Anacardiaceae): an endemic species from the semi-arid region of Northeastern Brazil. **Economic Botany**, v. 64, n. 1, p. 11-21. 2010.
- LIMA, N. K. do N. **Artesanato como exemplo de trabalho informal em uma região econômica periférica: uma análise geográfica do aglomerado produtivo de palhas e bordados da Região Norte do Piauí**. 2015. 202 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.
- LIRA COSSIO, L. A. Nuevos paradigmas de planificación territorial en América Latina. *In*: LIRA COSSIO, L. A. (Org.). **Geografía y Territorio. Procesos territoriales y socio espaciales. Aproximación desde Iberoamérica**. Colombia: Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, Tunja, 2009, p. 121-139.
- LOPES, V. de F. M.; MATTOS, U. A. de O.; LIANZA, S.; SILVA, E. R. da.; SANTOS, P. R. dos. Dinâmicas territoriais e a organização dos pescadores: A experiência da rede solidária da pesca no Brasil. **Revista de Gestão Costeira Integrada/Journal of Integrated Coastal Zone Management**, v. 11, n. 2, p.187-196, 2011.
- LUDWIG, D.; MACNAGHTEN, P. Traditional ecological knowledge in innovation governance: a framework for responsible and just innovation. **Journal of Responsible Innovation**, p. 1–19, 2019.
- MARIN, A. A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**. São Carlos; Sorocaba-SP: UFSCAR; Rio-Claro-SP: UNESP/IBRC; Ribeirão Preto-SP: USP/FFCLRP, v.3, n.1, p.203-222, jan/jun. 2008.
- MARQUES, J. G. W. O olhar (des)multiplicado: o papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. *In*: AMOROZO, M. C.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (Ed.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas**. Rio Claro, SP: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 22. ed., Petrópolis: Vozes, p. 9-29, 2003.

MIRANDA, G. **A utilização de agrotóxicos nos municípios de Jataí e Perolândia (GO): embasamento legal e impacto na saúde pública.** 78f. 2016. Dissertação (Mestrado Geografia) - Universidade Federal de Goiás, GO.

MIRAGAYA, J.; SIGNORI, L. A importância da Política Nacional de Ordenamento Territorial (PNOT) para o desenvolvimento Sustentável Brasileiro. *In*: FARIA, R. de.; SCHVARSBURG, B. (Org.). **Políticas Urbanas e Regionais no Brasil.** Brasília: Universidade Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2011.

NEDELICHEVA, A., DOGAN, Y., OBRATOV-PETKOVIC, D., PADURE, I. The traditional use of plants for handicrafts in southeastern Europe. **Human Ecology**, v. 39, n. 6, p. 813-828. 2011.

OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, BA, v. 23, n. 2, p. 590-605, 2009.

OLIVEIRA, V. V. de.; MELO, R. de S.; BRITO, A. S. Artesanato local e atividade pesqueira na comunidade do Carnaubal (Luís Correia, Piauí-Brasil) como fatores para o desenvolvimento sustentável do turismo. **TURyDES**, v. 7, n. 16, 2014.

PRADO, A. C. C. *et al.* Etnobotânica como subsídio à gestão socioambiental de uma unidade de conservação de uso sustentável. **Rodriguésia**, v.70, 2019.

PECQUEUR, Be. A guinada territorial da economia global. **Revista Eisforia**, Florianópolis, v. 4, n. especial, p. 81-103, dez. 2006.

PEREIRA, V. S.; LEMOS, J. R. Levantamento florístico no povoado Pontal do Anel, Luís Correia, Piauí, Nordeste do Brasil. *In*: LEMOS, J. R. (Org.). **Pesquisas botânicas e ecológicas no Piauí.** Curitiba: CRV, p. 123-147, 2018.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The Useful Plants of Tamboapata, Peru: I. Statistical hypothesis testing with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v. 47, n. 2, p. 15-32, 1993.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LUÍS CORREIA. **Lei nº 695 de 30 de junho de 2010 – aprova o Plano Diretor do município de Luís Correia e dá outras providências.** Luís Correia, 2010.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RIBEIRO, E. M. G. A.; BAPTISTEL, A. C.; LINS NETO, E. M. F.; MONTEIRO, J. M. Conhecimento etnobotânico sobre o buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.) em comunidades rurais do município de Currais, Sul do Piauí, Brasil. **Gaia Scientia**, p. 28-35, 2014.

RIBEIRO, P. R. de A.; ALMEIDA NETO, A.; OLIVEIRA, A. C. M. de. **Feedback-Error-Learning in pelletizing plant control.** ENIA - 7th Brazilian Meeting on Artificial Intelligence, 2009.

RIGUEIRA, D.M.G. **Sustentabilidade dos recursos florestais utilizados no artesanato de Garapuá – Baixo Sul / BA,** 2005. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ROCHA, W. A. **Descrição botânica e uso econômico da *Copernicia prunifera* no estado do Piauí**. Projeto cadeia produtiva da carnaúba no estado do Piauí: diagnóstico e cenários. Relatório final. Teresina: UFPI/TROPEN/CNPq, 2004.

RODRIGUEZ, M. M.; SILVA, E. V. da. **Planejamento e gestão Ambiental**: subsídios da geocologia das paisagens e da teoria geossistêmica. 3. ed., Fortaleza: Edições UFC, 2018.

ROS-TONEN, M. A. F.; WIERSUN K. F. The importance of non-timber forest products for forest-based rural livelihoods: an evolving research agenda. **International conference on livelihoods and biodiversity**. Bonn: GTZ/CIFOR, p. 19-23, 2003.

ROTTA, E.; BELTRAMI, L. C. C.; ZONTA, M. **Manual de prática de coleta e herborização de material botânico**. Embrapa Florestas. Colombo, PR, 2008.

SANTOS, A. M. P. dos.; SOUZA, R. O. de. Estudo de caso sobre os aspectos econômicos do artesanato da Associação dos Artesãos da Feira de Artesanato - FEART, em Juazeiro do Norte – Ceará. **Ciência e Sustentabilidade – CeS**, Juazeiro do Norte, v. 2, n. 1, p. 124-148, jan/jun. 2016.

SANTOS, R. da. S.; COELHO-FERREIRA, M. Estudo etnobotânico de *Mauritia flexuosa* L. f. (Arecaceae) em comunidades ribeirinhas do Município de Abaetetuba, Pará, Brasil. **Acta Amazonica**, v. 42, n. 1, mar., 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0044-59672012000100001>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SANTOS, T. de S. O artesanato como elemento impulsionador no desenvolvimento local em municípios brasileiros. *In: XIX congresso de pós-graduação da UFLA*, 2010.

SANTOS, W. da. C. *et al.* Carnaubeira: Há mais de dois séculos gerando empregos Carnauba: More than two centuries generating jobs. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 93852-93870, 2021.

SEBRAE. **Programa Sebrae de artesanato**. 2006. Disponível em: <http://www.artesanatobrasil.com.br/menuesq.htm>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SERAINÉ, A. B. M. S. **Ressignificação produtiva do setor artesanal na década de 1990: o encontro entre artesanato e empreendedorismo**. 2009. 263 f. Tese (Doutorado Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SCHMIDT, I. B.; TICKTIN, T. When lessons from population models and local ecological knowledge coincide—Effects of flower stalk harvesting in the Brazilian savanna. **Biological Conservation**, v. 152, p. 187-195, 2012.

SIEBERT, S.F. Demographic effects of collecting rattan cane and their implications for sustainable harvesting. **Conservation Biology**, Washington, v. 18, n. 2, p. 424-431, 2004.

SILVA, E. G. de A.; SILVA FILHO, F. P.; SANTOS, B. R.; SOARES, E. D. M. Mosaicos geográficos e ecoturismo de base comunitária na APA Delta do Parnaíba. *In: SILVA, E. G. de A (Org.). Meio ambiente, comunidades e turismo: experiências e diálogos de saberes*. Teresina: EDUFPI, p. 13-26, 2016.

SILVA, J. D. A.; NASCIMENTO, M. G. P.; GRAZINA, L. G.; CASTRO, K. N. de C.; MAYO, S. J.; ANDRADE, I. M. Ethnobotanical survey of medicinal plants used by the

community of Sobradinho, Luís Correia, Piauí, Brazil. **Journal of Medicinal Plants Research**, v.9, n. 3, p. 872-883, 2015.

SILVA, L. E. da.; MOURA, E. A. de.; MENEZES, E. C. O. de.; OLIVEIRA, A. L. de. Desenvolvimento Territorial Sustentável pela Perspectiva da Pesca Artesanal: a realidade da Ponta Oeste da Ilha do Mel, Paraná, Brasil. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 20, n. 4, p. 1195-1215, out./dez. 2019.

SILVA, M. G.; NASCIMENTO, M. G. P.; REIS, R. B. dos; SILVA, M. F. S.; ANDRADE, I. M. de. Potencial de *Mandevilla clandestina* J. F. Morales (Cipó-de-leite) no artesanato de Parnaíba-PI, Brasil. **Revista ESPACIOS**, v. 37, n. 36, 2016. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a16v37n36/16373615.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SILVA, M. C. GOMES da.; RAMOS, M. A.; ALVES, A. G. C. The use of firewood for home consumption and the fabrication of handcrafted ceramics in a semi-arid region of Northeast Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 33, p. 331-339, 2019.

SILVA, M. M. P.; LEITE, V. D. Estratégias para realização de educação ambiental em escolas do ensino fundamental. **Rev. Eletrônica Mestrado em Educação Ambiente**, v. 20, 2008. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3855>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SILVEIRA, T. C. L.; BASSI, J.; RAMOS, C.; TERME, C. M.; FUHR, G.; KUBO, R.; RODRIGUES, G.; MELLO, R. S. P.; COELHO-DE-SOUZA G.; IRGANG, B. E. *Schoenoplectus californicus* - Junco. In: CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. (Org.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: Plantas para o Futuro -Região Sul**. Brasília: MDA, 40, 2011, p. 282-290.

SILVEIRA, T. C. L.; COELHO-DE-SOUZA, G.; RODRIGUES, G. G. Crescimento, produção primária e regeneração de *Typha domingensis* Pers.: Elementos para avaliação do uso sustentável da espécie. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 5, n. 1, p. 678-680, 2007.

SIMONETTI, E. R. de S.; KAMIMURA, Q. P. As políticas públicas direcionadas ao desenvolvimento de arranjos produtivos. In: Oliveira, C. W. de A.; Costa, J. A. V.; Figueiredo, G. M.; Moraes, A. R. de.; Carneiro, R. B.; Silva, I. B. da (Org.). **Arranjos produtivos locais e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ipea, 2017, p. 21-36.

SOARES, L. A. A. O enfoque sociológico da teoria econômica no ordenamento territorial. In: GOMES DE ALMEIDA, F.; SOARES, L. A. A. (Org.). **Ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 61-84.

SOLDATI, G.; ALBUQUERQUE, U. P. Produtos florestais não-madeireiros: uma visão geral In: ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. **Árvores de valor e o valor das árvores: pontos de conexão**. Recife: NUPEEA, 2010, p. 15-60.

SOUSA, R. P. de. **Uso sustentável da *Copernicia prunifera* (Miller) H. E Moore no semiárido potiguar: valorização de saberes e conservação dos recursos genéticos**. 2014. 78 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Unidade Acadêmica Especializada em Ciências Agrárias Campus Macaíba, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Macaíba, 2007.

SOUSA, R. P. de.; SILVA, R. A. R.; ROCHA, T. G. F.; SANTANA, J. A. da S.; VIEIRA, F. de A. Etnoecologia e etnobotânica da palmeira carnaúba no semiárido brasileiro. **CERNE**, v. 21, n. 4, p. 587-594, 2015.

STANLEY, D.; VOEKS, R.; SHORT, L. Is non-timber forest product harvest sustainable in the less developed world? A systematic review of the recent economic and ecological literature. **Ethnobiology and Conservation**, v. 1, p. 1-39, 2012.

STASOFT, Inc.. **STATISTICA for Windows** [Data analysis software system] version 7.1. Tulsa, Oklahoma, 2005.

TICKTIN, T. The ecological implications of harvesting non-timber forest products. **Journal of Applied Ecology**, v. 41, n. 1, p. 11-21. 2004.

TICKTIN, T. The ecological implications of harvesting non-timber forest products. **Journal of Applied Ecology**, London, v. 41, n. 1, p. 11–21, fev. 2004.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A Memória Biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TORRI, M. Linking Local Plants with Small Handicraft Enterprises among Indigenous Mapuche Communities: Towards a Combined Approach of Local Development and Enhancement of Ethnobotanical Knowledge? **Bulletin of Latin American Research**, v. 33, n. 4, p. 419-435, 2014.

TROTTER, R.; LOGAN, M. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. In: ETKIN, N. L. (ed.). **Indigenous medicine and diet: biobehavioural approaches**. Redgrave Bedford Hills, New York, p. 91-112, 1986.

TUXILL, J.; NABHAN, G. P. **Plantas, comunidades y áreas protegidas: una guía para El manejo in situ**. Pueblos y plantas. Manual de conservación. Montevideo: Editora Nordan Comunidad, 2001.

URRUTH, L. M. Certificação para uso sustentável da flora nativa do Rio Grande do Sul. In: Anais do III Seminário no Sul-Brasileiro sobre a Sustentabilidade da Araucária, Tapera: Livraria e Editora Werlang Ltda, 2018. p. 28-31.

VEIGA, J. E. da. **Para entender o desenvolvimento sustentável**. São Paulo, Editora: EDITORA 34, 2015.

VIEIRA FILHO, M. A. M.; MEIRELES, V. de J. S.; LEMOS, J. R. Conhecimento popular relacionado ao uso das plantas na cultura local da comunidade rural de Curral Velho, Luís Correia, Piauí. In: LEMOS, J. R. (Org.). **Pesquisas botânicas e ecológicas no Piauí**. Curitiba: CRV, p. 161-189, 2018.

VIEIRA, I. R. **Subsídios para o extrativismo sustentável de folhas de carnaúba na APA Delta do Parnaíba, Piauí**. 2013. 100 f. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento e meio ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Fortaleza, 2013.

VIEIRA, I. R.; LOIOLA, M. I. B. Percepção ambiental das artesãs que usam as folhas de carnaúba (*Copernicia prunifera* H.E.Moore, Arecaceae) na Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, Piauí, Brasil. **Soc. & Nat.**, Uberlândia, v. 26, n. 1, p. 63-76, 2014.

VIEIRA, I. R.; OLIVEIRA, J. S; LOIOLA, M. I. B. Efeitos do extrativismo de fibras de carnaúba, Piauí, Brasil. **REDE – Revista Eletrônica do PRODEMA**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 96-109, 2016.

VIRAPONGSE, A.; SCHMINK, M.; LARKIN, S. Value chain dynamics of na emergin palm fiber handicraft market in Maranhão, Brazil. *Forests*, **Trees and Livelihoods**, v. 23, n. 1-2, p. 36-53, 2014.

WADT, L. H. O.; KAINER, K. A.; GOMES-SILVA, D. A. P. Population structure and nut yield of a *Bertholletia excelsa* stand in Southwestern Amazonia. **Forest Ecology and Management**, v. 211, n. 1, p. 371-384. 2005.

XAVIER, H. **A Percepção Geográfica do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

4 ARTIGOS

4.1 Panorama científico sobre a utilização de espécies de plantas no artesanato do Brasil

Resumo

O artesanato com recursos vegetais faz parte da cultura popular a nível mundial, representando uma oportunidade de geração de renda e subsistência. Assim, objetivou-se realizar o mapeamento das publicações científicas sobre o uso de espécies botânicas no artesanato brasileiro, traçando o panorama sobre a temática no intervalo de 2011 a 2022. Foi adotada a revisão bibliométrica, cujos dados foram obtidos no Portal de Periódico da Capes, *Web of Science* e *Scopus*. Foram registrados com os termos Handicraft” AND “Plants”; “Handicraft” AND “Plants” AND “Ethnobotany”; “Handicraft” AND “Plants” AND “Ethnobotany” AND “Brazil” 42 publicações científicas que após o critério de inclusão/exclusão, resultou em 18 artigos. Foi constatada pouca variação de publicações por ano, no intervalo 2011-2022. Os periódicos *Economic Botany* (33,33%) e *Acta Botanica Brasilica* (16,66%) apresentaram o maior número de publicações. Foram registradas 87 espécies distribuídas em 26 famílias, das quais Fabaceae (25,28%), Cyperaceae (14,95%) e Arecaceae (12,64%) foram as mais representativas. Os principais públicos-alvo foram artesãos tradicionais (50%), indígenas (33,32%) e associação de artesanato (5,56%). As regiões brasileiras com expressiva participação foram Norte (44,44%) e Nordeste (27,78%). O enfoque comum dos estudos foi a importância socioeconômica do artesanato como atividade mantenedora das tradições e geradora de ocupação e rendimento. Conclui-se que a flora brasileira apresenta forte potencial para uso artesanal, possibilitando a diversificação de artefatos, ao tempo que reduz as pressões sobre grupos restritos de plantas. Reafirma-se a necessidade de estudos que envolvam conservação e fortalecimento dessa atividade na perspectiva sustentável.

Palavras-chave: Artesanato; Etnobotânica; Produtos Florestais Não-Madeireiros.

Abstract

Handicrafts made with plant resources are part of popular culture worldwide, representing an opportunity for income and subsistence generation. The objective was to map scientific publications on the use of botanical species in Brazilian handicrafts, tracing the panorama on the thematic area in the period from 2011 to 2022. A bibliometric review was adopted, whose data were obtained from the CAPES Journal Portal, Web of Science and Scopus. They were registered with the terms “Handicraft” AND “Plants”; “Handicraft” AND “Plants” AND “Ethnobotany”; “Handicraft” AND “Plants” AND “Ethnobotany” AND “Brazil” 42 scientific publications that, after the inclusion/exclusion criteria, resulted in 18 scientific papers. In the period 2011-2022, there was little variation in the number of publications per year. The journals *Economic Botany* (33.33%) and *Acta Botanica Brasilica* (16.66%) had the highest number of publications. Eighty-seven species distributed in 26 families were recorded, of which Fabaceae (25.28%), Cyperaceae (14.95%) and Arecaceae (12.64%) were the most representative. The main target audiences were traditional artisans (50%), indigenous people (33.32%) and handicraft associations (5.56%). The Brazilian regions with significant contribution were the North (44.44%) and Northeast (27.78%). The common focus of the studies was the socioeconomic importance of handicrafts as an activity that maintains traditions and generates employment and income. It is concluded that the Brazilian flora has a strong potential for artisanal use, enabling the diversification of artifacts, while reducing pressures on restricted groups of plants. The need for studies involving the conservation and strengthening of this activity from a sustainable perspective is reaffirmed.

Keywords: Bibliometrics; Ethnobotany; Non-Timber Forest Products.

INTRODUÇÃO

O Brasil apresenta ampla biodiversidade (MARTINELLI; MORAES, 2013) com produtos florestais não-madeireiros (PFNM) com forte potencial para uso no artesanato, caracterizando-se como um segmento consolidado e ao mesmo tempo próspero para o desenvolvimento de cadeias socioprodutivas. (LEONI; COSTA, 2013; CAMPOS *et al.*, 2015, PETERSON *et al.*, 2019).

O artesanato com base no manejo responsável dos recursos vegetais (flores, frutos, folhas, caule, sementes e raízes) representa uma alternativa de conservação das florestas, tendo em vista que a exploração coerente possibilita a conservação das espécies utilizadas na confecção dos artefatos (CARVALHO, 2018).

O artesanato representa uma oportunidade de geração de renda e subsistência para as famílias, possibilitando que as comunidades caminhem para o desenvolvimento sustentável. Os artesãos são os atores principais na realização desta atividade de grande relevância cultural numa perspectiva individual e coletiva (FLORES; LIMA, 2013; CARVALHO, 2018).

Além de contribuir na geração de renda para as comunidades humanas, há reafirmação da cultura local (ALEXIADES; SHANLEY, 2004; STRACHULSKI; FLORIANI, 2013; BÁEZ-LIZARAZO *et al.*, 2018), evidenciando seu valor histórico e social impulsionado pelo desenvolvimento regional, ao tempo em que contribui na manutenção da dimensão simbólica e artística de um país.

Nesse sentido, entende-se que o artesanato se manifesta como um meio de reprodução socioeconômica, enaltecendo as práticas e conhecimentos tradicionais repassados ao longo das gerações (TORRI, 2014). Comumente, as espécies vegetais utilizadas na produção das peças artesanais são conhecidas pela comunidade e ocorrem em locais próximos, facilitando a obtenção e uso (MESA; TORO; IZASA, 2017).

As plantas utilizadas no artesanato são consideradas de amplo valor social, ambiental e econômico para diversos povos em distintos países, como na China (LUO; AHMED; LONG, 2020), Bangladesh (RAHMAN *et al.*, 2012) e Paquistão (ABDULLAH *et al.*, 2020) no continente asiático; no México (PINEDA-LÓPEZ *et al.*, 2015; MALDONADO; VOEKS, 2021), na América do Norte; No continente africano (KOTZE; TRAYNOR, 2011; RAKOTOARISOA *et al.*, 2016); Na Bulgária, Romênia, Sérvia e Turquia (DOGAN *et al.*,

2008; NEDELICHEVA *et al.*, 2011), no continente europeu; e Colômbia (GIRALDO-CAÑAS, 2010; MESA; TORO; IZASA, 2017) e Chile (TORRI, 2014), na América do Sul.

Partindo da compreensão da dimensão histórico-cultural do artesanato, observa-se que ele tem se adaptado ao longo do tempo para se dinamizar e permanecer como atividade socioeconômica, movido principalmente pelas demandas de mercado, que por vezes fomentou a diversificação e aperfeiçoamento da produção (RAMOS; MUYLDER; FREIRE, 2014; SEHNEM *et al.*, 2020).

Nesse contexto de integração ao mercado, cita-se a potencialização da atividade artesã em atendimento à demanda turística, sendo entendido como um atrativo que pode gerar ocupação e renda em territórios explorados pelo turismo, em virtude da materialização de peculiaridades regionais e valores culturais (FAVILLA; BARRETO; REZENDE, 2016).

Dados do IBGE apontam a existência de 27.397 estabelecimentos agropecuários com receitas advindas do artesanato no Brasil. Destacando-se as regiões Nordeste, Norte e Sul (IBGE, 2017). O Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB), apresenta o registro de mais de 192 mil artesãos cadastrados (BRASIL, 2022). Assim, entende-se a importância da atividade nas diversas regiões brasileiras.

Mediante o exposto, entende-se que as pesquisas sobre artesanatos podem auxiliar na elaboração de planos sobre colheita, manejo, conservação e desenvolvimento sustentável dos recursos extraídos (BÁEZ-LIZARAZO *et al.*, 2018). Nesse sentido, destaca-se a relevância de analisar a produção científica relacionada a produção artesanal, identificando quanto o campo científico avançou em estudos sobre o tema e quais suas características.

Pretendeu-se com este estudo bibliométrico obter respostas aos seguintes questionamentos: Quais as principais contribuições das publicações científicas sobre o uso de plantas no artesanato? Quais as famílias botânicas mais representativas em número de espécies citadas nas publicações? Quais as lacunas percebidas com base nos resultados alcançados?

Nesse sentido, objetivou-se realizar um mapeamento dos artigos das publicações científicas sobre o uso de espécies botânicas no artesanato no Brasil, traçando um panorama referente ao escopo contemplado em um intervalo de 2011 a 2022.

MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento das publicações científicas foi realizado de junho a setembro de 2022, possibilitando a coleta, seleção e análise crítica e planejada dos artigos científicos (DAVID *et al.*, 2020). Essa metodologia possibilita a busca e análise dentro de uma abordagem

quantitativa, organizativa e classificatória de algumas informações científicas, bem como uma abordagem qualitativa, uma vez que, se admite a análise de tendências, abordagens, padrões e compreensão situacional de determinada área (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010; CHUEKE; AMATUCCI, 2015). Quanto à sequencialidade da pesquisa, foram seguidos cinco passos: seleção do banco de dados, definição das palavras-chave e período de pesquisa, busca dos artigos e definição dos critérios de inclusão e exclusão, leitura dos artigos e, análise e tabulação dos dados.

As bases selecionadas para o levantamento dos artigos científicos foram: o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), *Web of Science* e *Scopus*. Inicialmente foram testadas palavras-chave relacionadas ao artesanato, tais como, plantas, etnobotânica e artesanato, dentre outras combinações para definir os melhores descritores. Assim, os descritores que apresentaram maiores amplitudes foram: *Handicraft* (artesanato), *Plants* (plantas), *Ethnobotany* (etnobotânica) e *Brazil* (Brasil). Com descritores, foram utilizadas a combinação das palavras-chaves “Handicraft” AND “Plants”; “Handicraft” AND “Plants” AND “Ethnobotany”; “Handicraft” AND “Plants” AND “Ethnobotany” AND “Brazil”. Foi utilizado o operador booleano AND que serve para combinar palavras na pesquisa em bases de dados científicos. Nesse levantamento foram considerados apenas artigos científicos que tratassem da temática relacionada ao artesanato, uso de plantas e etnobotânica de maneira integrada no território brasileiro, sendo este o critério de inclusão dentro do recorte temporal de 2011-2022.

Foi realizada uma “busca avançada” para maior refinamento da pesquisa utilizando-se o campo “assunto” com os seguintes filtros: “Data da publicação: “últimos 10 anos”, Tipo de material: optou-se por “artigos” e no campo Idioma: selecionou-se a opção “qualquer idioma”.

Os artigos obtidos foram lidos, tanto o título quanto o resumo. Ao identificar que este estava em consonância com o critério de inclusão, procedeu-se com a leitura e análise na íntegra. As informações obtidas tais como: autor, título do artigo, ano da publicação, objetivos, famílias botânicas utilizadas no artesanato, estados, dentre outras informações, foram tabuladas no programa *Microsoft Excel* 2019.

O mapa com a quantidade de pesquisas por estados do Brasil foi plotado no *Microsoft Excel* 2019. Além disso, foi realizada a consulta na Plataforma Sucupira – Qualis Periódicos, considerando a classificação de periódicos oficial quadriênio 2013-2016 para obter a classificação do qualis na área de avaliação para Ciências Ambientais.

Foi realizado o tratamento bibliométrico com base na análise de redes a partir da bibliografia selecionada utilizando o *Software* VOSview versão 1.6.18 (VAN ECK;

WALTMAN, 2010), com intuito de analisar e visualizar agrupamentos de dados bibliográficos dentro da abordagem *distance-based*. A base de dados utilizada na análise foi a *Web of Science*.

A distância entre os nodos da rede bibliográfica, assinala aproximadamente sua relação de acordo com determinados critérios de agregação, formando um mapa (PALLUDETO; FILIPINI, 2019). Nesta análise, utilizou-se o critério de *co-ocorrência* (de termos relevantes) visando identificar termos significativos interligados e componentes comuns aos textos da base de dados.

Com os dados tabulados, prosseguiu-se com as análises quantitativa e qualitativa, conforme proposto por Creswell (2007), além da abordagem exploratória e descritiva (GIL, 2008). Assim, foram analisadas as frequências absolutas e relativas (estatística descritiva), resultando na elaboração de sínteses, comparações e interpretações, as quais foram utilizadas na elaboração dos gráficos e tabelas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Distribuição temporal das publicações científicas sobre uso de plantas no artesanato

A busca com as combinações dos descritores “Handicraft” AND “Plants” AND “Ethnobotany” AND “Brazil” resultaram em artigos com diferentes temáticas, dos quais alguns não se enquadram nos objetivos da pesquisa, sendo excluídos das análises (Tabela 1.1). Ao verificar repetição de artigos nos resultados da busca, considerou-se apenas um.

Tabela 1.1 – Descritores e número de trabalhos sobre o uso de plantas no artesanato depositados nas bases de dados.

Descritores	Portal Periódico da Capes	Web of Science	Scopus
Handicraft AND Plants	79,57% (n=292)	71,05% (n=54)	84,37% (n=907)
Handicraft AND Plants AND Ethnobotany	16,62% (n=61)	22,37% (n=17)	13,49% (n=145)
Handicraft AND Plants AND Ethnobotany AND Brazil	3,81% (n=14)	6,58% (n=5)	2,14% (n=23)
Total	367	76	1.075

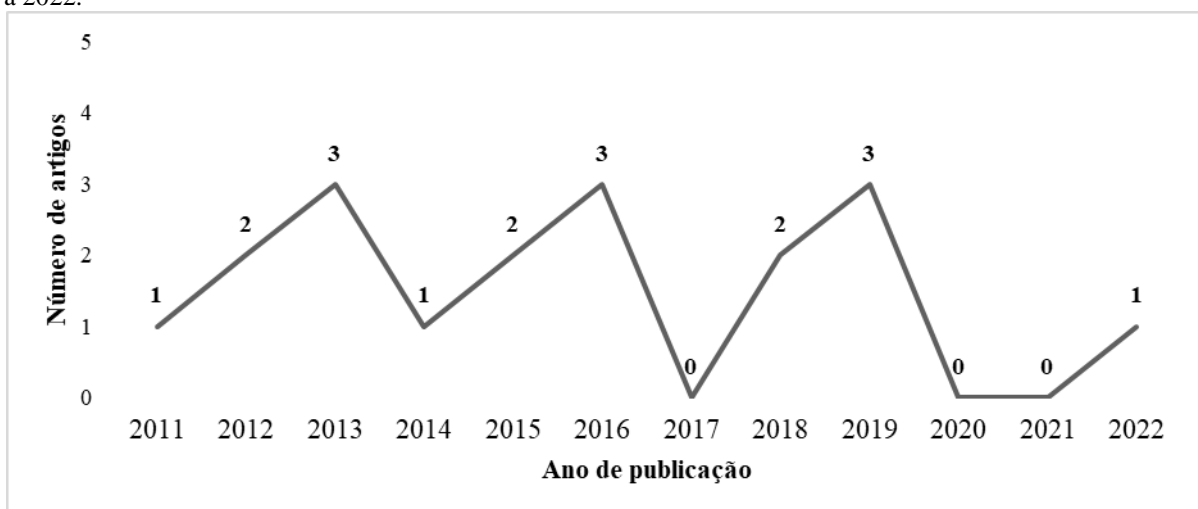
Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Com os descritores “Handicraft” AND “Plants” AND “Ethnobotany” AND “Brazil”, foram identificados no Portal Periódico da Capes 14 artigos, enquanto na *Web of Science* e *Scopus*, foram registrados cinco e 23 artigos, respectivamente. Após leitura de título e resumo, foram excluídos 24 e, portanto, avaliados 18 artigos que abordam exclusivamente, o artesanato

como única categoria de uso, ou seja, trata-se de pesquisas sobre o uso de espécies de plantas no artesanato com enfoque etnobotânico, desde a coleta, a produção dos artefatos e a comercialização fazendo correlações com variáveis ambientais, econômicas e sociais (Tabela 1.2).

A quantidade de publicações por ano fornece o indicativo em relação ao desenvolvimento de pesquisas sobre determinada temática, podendo estar em declínio ou expansão. Foi constatado pouca variação quanto a quantidade de publicações por ano (Figura 2.1).

Figura 2.1 – Número de publicações científicas sobre o uso de plantas no artesanato no intervalo temporal de 2011 a 2022.



Fonte: Araujo, N. S. (2023).

A ampla diversidade da flora brasileira caracteriza-se como fonte incomensurável e potencial para o uso econômico, possibilitando muitas vantagens socioeconômicas com a implantação de cadeias produtivas que poderão ser desenvolvidas em sintonia com a natureza numa perspectiva de conservação dos recursos naturais (OLIVEIRA JUNIOR; CABREIRA, 2012; OLIVEIRA JUNIOR *et al.*, 2018).

Assim, percebe-se que há necessidade de realização de mais pesquisas com enfoque etnobotânico para a compreensão do uso de plantas no artesanato brasileiro. Constatou-se que nos anos 2017, 2020 e 2022 não houve registro de publicações científicas e nos anos de 2011, 2014 e 2022, apenas um em cada. Levantamentos sobre o uso de espécies vegetais por populações são fundamentais na compreensão da relação homem-natureza e na elaboração de medidas que fomentem a exploração sustentável (LEONI; COSTA, 2013).

A exploração sustentável dos recursos vegetais é fundamental, pois, além de conservar as florestas, possibilita a geração de renda contínua, garantindo a manutenção da cultura ao longo das gerações (LAWRENCE, 2003).

Tabela 1.2 – Título, autor, estado e periódico das publicações científicas sobre uso de plantas no artesanato brasileiro.

Autor	Título	Estado	Periódico
Eichemberg e Scatena (2011)	Handicrafts from Jalapão (TO), Brazil, and their relationship to plant anatomy	Tocantins	Journal of the Torrey Botanical Society
Santos, Coelho-Ferreira (2012)	Estudo etnobotânico de <i>Mauritia flexuosa</i> L. f. (Arecaceae) em comunidades ribeirinhas do Município de Abaetetuba, Pará, Brasil	Pará	Acta Amazonica
Schmidt e Ticktin (2012)	When lessons from population models and local ecological knowledge coincide – Effects of flower stalk harvesting in the Brazilian savana	Tocantins	Biological Conservation
Guadagnin e Gravato (2013)	Ethnobotany, availability and use of Lianas by the Kaingang people in suburban forests in southern Brazil	Rio Grande do Sul	Economy Botany
González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)	Seed Use and Socioeconomic Significance in Kayapó Handicrafts: A Case Study from Pará State, Brazil	Pará	Economy Botany
Leoni e Costa (2013)	Sustainable Use of <i>Calathea lutea</i> in Handicrafts: A Case Study from the Amanã Sustainable Development Reserve in the Brazilian Amazon	Amazonas	Economy Botany
Oliveira <i>et al.</i> (2014)	Implications of the harvest time on <i>Syngonanthus nitens</i> (Bong.) Ruhland (Eriocaulaceae) management in the state of Minas Gerais	Minas Gerais	Brazilian Journal of Botany
Campos <i>et al.</i> (2015)	Knowledge, Use, and Management of the Babassu Palm (<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng) in the Araripe Region (Northeastern Brazil)	Ceará, Pernambuco e Piauí	Economy Botany
Andrade Martins <i>et al.</i> (2015)	Knowledge, uses and practices of the licuri palm (<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.) around protected areas in northeastern Brazil holding the endangered species Lear's Macaw (<i>Anodorhynchus leari</i>)	Bahia	Tropical Conservation Science
Vieira <i>et al.</i> (2016)	A contingent valuation study of buriti (<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.) in the main region of production in Brazil: is environmental conservation a collective responsibility?	Maranhão	Acta Botanica Brasilica
Nakazono e Magnusson (2016)	Unsustainable Management of Arumã (<i>Ischnosiphon polyphyllus</i> [Poepp. & Endl.] Körn.) by the Novo Airão Artisans Association, Rio Negro, Amazon, Brazil	Amazonas	Economy Botany
Corredor e Scatena (2016)	Ecological anatomy of <i>Syngonanthus nitens</i> (Bong.) Ruhland and its relation to the golden grass handicrafts in Jalapão (TO), Brazil	Tocantins	Journal of the Torrey Botanical Society
Báez-Lizarazo <i>et al.</i> (2018)	Aquatic vascular plants as handicraft: a case study in southern Brazil	Rio Grande do Sul	Acta Botanica Brasilica
Viana <i>et al.</i> (2018)	Engaging plant anatomy and local knowledge on the buriti palm (<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.: Arecaceae): the microscopic world meets the golden grass artisan's perspective	Tocantins	Cultural Studies of Science Education
Campos <i>et al.</i> (2019)	Socioeconomic Factors and Cultural Changes Explain the Knowledge and Use of Ouricuri Palm	Pernambuco	Economy Botany

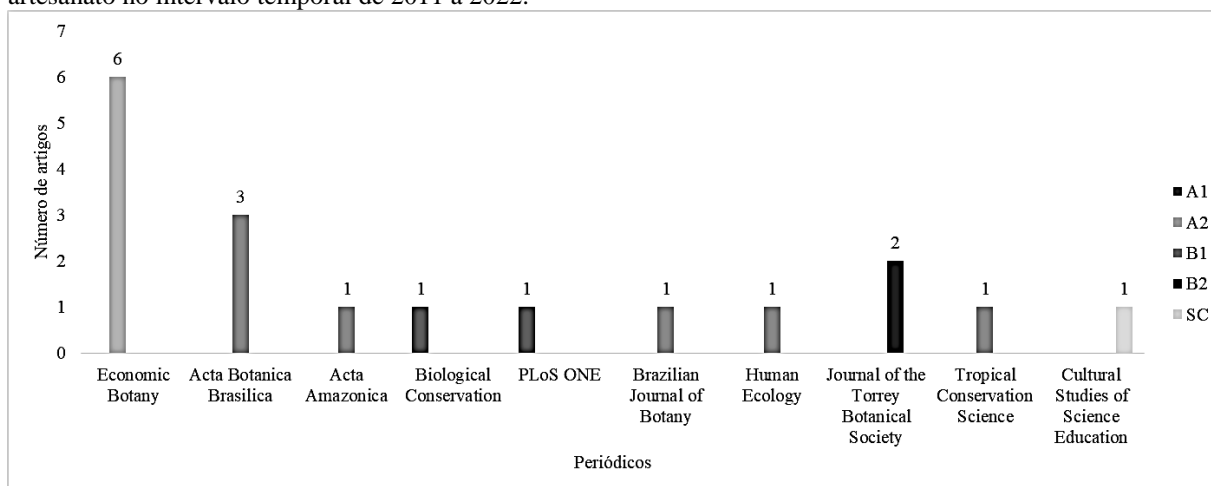
<i>(Syagrus coronata)</i> by the Fulni-ô Indigenous People of Northeast Brazil			
Peterson <i>et al.</i> (2019)	The Caiçara in Juatinga Ecological Reserve, Brazil: Landscape Ethnoecology of Cultural Products	Rio de Janeiro	Human Ecology
Silva <i>et al.</i> (2019)	Market integration does not affect traditional ecological knowledge but contributes additional pressure on plant resources	Pernambuco	Acta Botanica Brasilica
Guadagnin e Barradas (2022)	Survivorship and yield of a harvested population of <i>Forsteronia glabrescens</i>	Rio Grande do Sul	PLoS ONE

Fonte: Araujo, N. S. (2023).

A produção científica tem papel relevante na formulação de ações de proteção aos recursos naturais e culturais (BEZERRA *et al.*, 2022). Assim, a relação homem e natureza estabelecida pela produção de artesanato nas diversas regiões brasileiras, em que se destaca a dinâmica socioambiental, os hábitos e a seleção de espécies utilizadas no artesanato no Brasil devem ser mais investigados.

Foram dez o número de periódicos registrados com os descritores utilizados, sendo a maioria estrangeiro (80%) (Figura 2.2). Entende-se que os periódicos indexados em bases de dados de abrangência internacional e que possuam fator de impacto (FI) maior apresentam mais notoriedade e capacidade atrativa de artigos científicos. Geralmente, os pesquisadores buscam melhores periódicos científicos almejando a internacionalização das pesquisas e instituições (NAVAS-FERNANDEZ; ABADAL; RODRIGUES, 2018).

Figura 2.2 – Número de publicações científicas por periódico abordando a temática sobre o uso de plantas no artesanato no intervalo temporal de 2011 a 2022.



Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Os periódicos *Economic Botany* e *Acta Botanica Brasilica* apresentaram o maior número de publicações, representando 33,33% e 16,66%, respectivamente. Constatou-se que os artigos estão classificados em vários extratos, entre A1, A2, B1, B2 e Sem Classificação de

Qualis (SC), na área de avaliação para Ciências Ambientais. Destacou-se o qualis B1, contabilizando sete artigos, perfazendo 38,89% das publicações. Com o Qualis A2 foram contabilizados seis (33,33%), dois artigos A1 (11,11%), dois B2 (11,11%) e um sem classificação de Qualis (5,56%).

Grupos sociais associados ao uso de plantas no artesanato

Categorizou-se os grupos sociais que constituíram o público-alvo de cada um dos artigos que abordaram exclusivamente sobre a categoria de uso “artesanato” (Tabela 1.3). O grupo social “artesãos tradicionais”, indígenas, contabilizou o maior registro de estudos realizados. Este resultado pode estar associado ao conhecimento indígena e a relação próxima que os indígenas estabelecem com a natureza, fazendo diversos usos, dentre eles, o uso artesanal de espécies vegetais. Esta relação pode ser associada às várias influências socioculturais integradas ao conhecimento empírico, resultante da convivência próxima e constante com a natureza resultando na exploração sistemática das potencialidades locais (DARIO, 2018).

Tabela 1.3 – Grupos sociais abordados nos artigos científicos sobre o uso de plantas no artesanato.

Grupo social	Percentual
Artesão tradicional	50%
Indígenas	33,32%
Associação de artesanato	5,56%
Quilombolas	5,56%
Ribeirinhos	5,56%

Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Entende-se a relevância e o papel destes grupos sociais no desenvolvimento local, tendo em vista que as atividades exercidas apresentam forte relação com variáveis socioeconômicas e ambientais. Esses grupos sociais se caracterizam pelo respeito ao modo como manejam e conservam a biodiversidade. Constata-se que o projeto de desenvolvimento aplicado nas comunidades tem se tornado uma ameaça, o que torna fundamental a união desses grupos para garantir seus direitos ao território (DAVID *et al.*, 2020).

Em um mapeamento sobre trabalhos etnobotânicos realizados no Brasil, feito por Ritter *et al.* (2015), verificou-se que em 55,4% das publicações científicas não foi possível identificar o grupo social envolvido, justificando-se pela dificuldade de definir os grupos étnicos específicos, considerando a diversidade cultural brasileira. Em contraponto, 44,6% foram especificados o grupo social. Sendo 25 artigos com agricultores, 14 com indígenas, 11 com caiçaras, 10 com afrodescendentes, oito com pescadores e sete com extrativistas e caboclos.

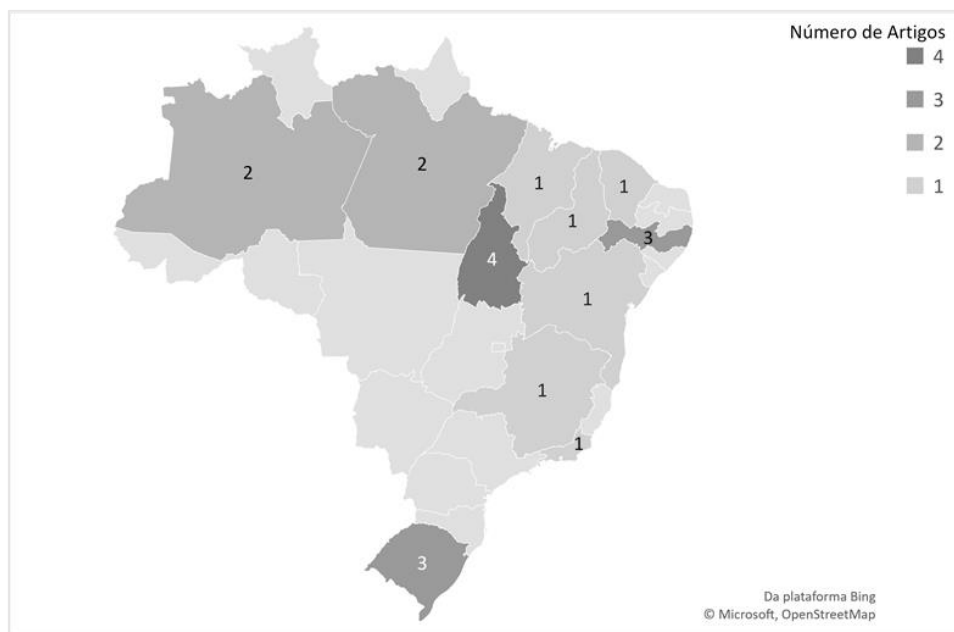
Diante da diversidade sociocultural do Brasil, infere-se que o uso de Produtos Florestais Não Madeiros (PFNM) na confecção de artesanato representa alternativa de geração de renda e permanência local fomentando a manutenção das tradições culturais perpetuadas ao longo das gerações. Os PFNM podem ser definidos como produtos que são retirados da floresta que não são madeira, tais como: folhas, frutos, sementes, raízes (EMBRAPA, 2012). Além disso, estes produtos destinados aos usos múltiplos são importantes para as comunidades que convivem nas florestas, podendo ser utilizados para produção de itens de uso doméstico ou para fins de comercialização (CABALZAR *et al.*, 2017).

Vale ressaltar que o artesanato possibilita que as comunidades caminhem para um desenvolvimento local, no qual, os artesãos tornam-se atores principais no desenvolvimento de uma atividade que tem grande relevância cultural, numa perspectiva individual e coletiva (SANTOS, 2010).

Distribuição geográfica das publicações científicas sobre o tema

Os estudos estão distribuídos em quatro regiões brasileiras, Norte, Nordeste, Sudeste e Sul, concentrando-se na região Norte do Brasil (Figura 2.3). Entende-se que o Brasil possui uma rica diversidade biológica e um imenso aporte cultural, principalmente, vivenciado pelas comunidades tradicionais, as quais possuem muito conhecimento sobre os elementos da natureza e adotam tecnologias tradicionais, estabelecendo usos múltiplos desses elementos (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Figura 2.3 – Distribuição dos estudos científicos sobre o uso de plantas no artesanato no Brasil, no intervalo temporal de 2011 a 2021.



Fonte: Araujo, N. S. (2023).

A região Norte apresentou maior número de artigos, dos quais, quatro foram do estado de Tocantins (EICHEMBERG; SCATENA, 2011; SCHMIDTE; TICKTIN, 2012; CORREDOR; SCATENA, 2016; VIANA *et al.*, 2018), dois no estado do Pará (SANTOS; COELHO-FERREIRA, 2012; GONZÁLEZ-PÉREZ; ROBERT; COELHO-FERREIRA, 2013) e dois no estado do Amazonas (LEONI; COSTA, 2013; NAKAZONO; MAGNUSSON, 2016).

A região Nordeste foi a segunda colocada em número de artigos, contabilizando cinco pesquisas. Duas no estado de Pernambuco (CAMPOS *et al.*, 2019; SILVA *et al.*, 2019), uma no estado do Maranhão (VIEIRA *et al.*, 2016), uma na Bahia (ANDRADE MARTINS *et al.*, 2015) e um envolvendo os estados do Ceará, Pernambuco e Piauí (CAMPOS, 2015).

Sugere-se que há um registro maior de publicações nestes locais devido a condições sociais de baixo poder aquisitivo que impliquem em uma maior busca de PFNM para a obtenção de renda (RAMOS *et al.*, 2014). A produção artesanal representa uma via de competição, ocupação e renda para as comunidades distantes de grandes centros urbanos, consolidando-se como estratégia produtiva que se mantém paralelamente ao desenvolvimento industrial (DUTRA; MINCIOTTI; CORCINO, 2022).

Em levantamento realizado sobre estudos etnobotânicos no Brasil entre 1988 a 2013, registrou-se 101 artigos no Nordeste e 31 na região Norte (RITTER *et al.*, 2015). Uma estratégia para potencializar a realização de pesquisas seria a ampliação de cursos e programas com disciplinas abordando a temática biodiversidade, conservação, etnobotânica e uso sustentável dos recursos naturais. Ainda foi verificado que dos 101 estudos realizados no Nordeste, 48 se

concentraram no estado de Pernambuco, destacando-se entre os demais estados nordestinos. Justifica-se esse dado em virtude da atuação de grupos de pesquisa e recurso humano associado que contribuíram significativamente para a produção de conhecimento etnobotânico (RITTER *et al.*, 2015).

Neste levantamento, destacou-se o Tocantins com quatro publicações (EICHEMBERG; SCATENA, 2011; SCHMIDT; TICKTIN, 2012; CORREDOR; SCATENA, 2016; VIANA *et al.*, 2018). Pernambuco com três estudos (CAMPOS *et al.*, 2015; CAMPOS *et al.*, 2019; SILVA *et al.*, 2019) e o estado do Rio Grande do Sul com três estudos (GUADAGNIN; GRAVATO, 2013; BÁEZ-LIZARAZO *et al.*, 2018; GUADAGNIN; BARRADAS, 2022).

As pesquisas brasileiras sobre a temática relacionada ao uso de plantas no artesanato podem ser consideradas expressivas, embora não se tenha obtido estudos para a região Centro-Oeste. Mesmo assim, compreende-se que mais estudos no Brasil são necessários para compreender melhor a dinâmica de coleta, confecção e comercialização de artesanato feito a partir de espécies vegetais, bem como, avaliar as transformações que ocorrem dentro do campo das pesquisas etnobotânicas voltados para a categoria de uso “artesanato”. No Brasil tem-se uma realidade culturalmente diversa, que contempla amplos conhecimentos e práticas locais, as quais, integradas com a biodiversidade que resulta em um patrimônio de grande potencial (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

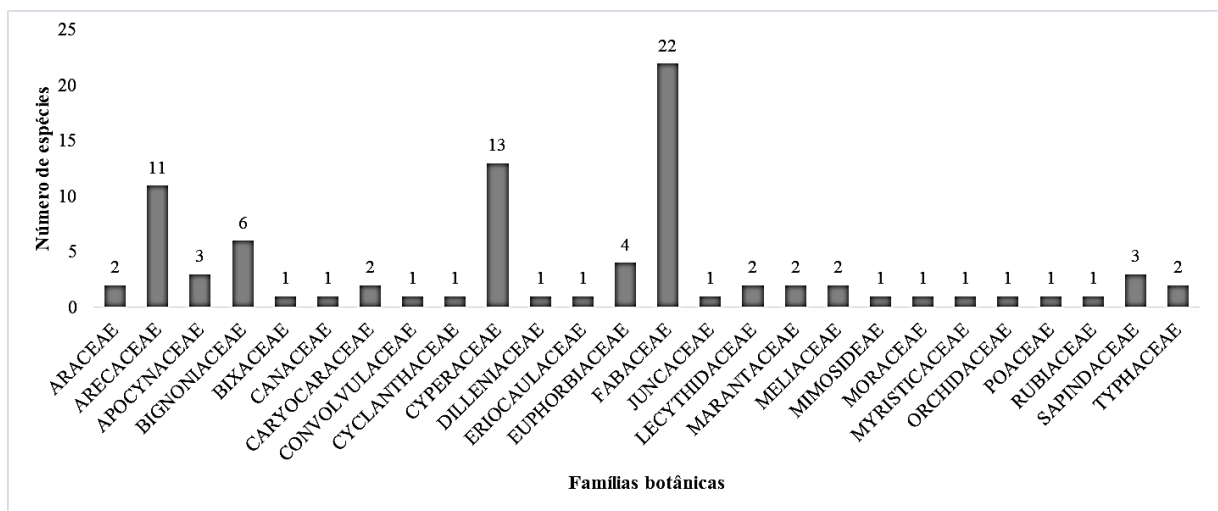
Neste sentido, o uso múltiplo de espécies vegetais em diversas categorias de uso, incluindo o artesanato que tem potencial mercadológico, poderá viabilizar a geração de renda pautadas na sustentabilidade ambiental (OLIVEIRA, 2017). Nota-se que os estudos têm relação com a região onde foi desenvolvido, reafirmando que pesquisas com enfoque etnobotânico diversificam-se de acordo com a região que foram realizadas. Um fator importante é o ecossistema ou os ecossistemas existentes, os quais influenciam no rumo da pesquisa (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Percebe-se que há necessidade de expansão dos estudos sobre esta temática no Brasil, ampliando o repertório de informações sobre a utilização de plantas na categoria de uso “artesanato”. Sendo assim, compreende-se que a realização dos estudos associados ao uso de plantas no artesanato é relevante para caracterizar o conhecimento tradicional, produzindo informações que podem ser base para avaliar impactos e o estágio de conservação de determinados ecossistemas, e conseqüentemente, viabilizar a elaboração de planos de ação que corroborem para a conciliação entre extrativismo vegetal para fins artesanais e conservação ambiental (PEREIRA *et al.*, 2012; ABDULLAH *et al.*, 2020).

Famílias botânicas utilizadas no artesanato

A biodiversidade tem o potencial econômico e histórico-cultural de fomentar a realização de estudos que poderão identificar a interação socioeconômica das populações tradicionais que fazem usos das plantas para a confecção de produtos artesanais (AGBO *et al.*, 2020). Nesse sentido, foram identificadas as famílias botânicas mais representativas em número de espécies utilizadas no artesanato (Figura 2.4).

Figura 2.4 – Famílias botânicas utilizadas no artesanato do Brasil.



Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Das 26 famílias botânicas registradas neste estudo, as mais representativas em número de espécies foram Fabaceae (25,28%), Cyperaceae (14,95%) e Arecaceae (12,64%), seis famílias com o registro de uso de duas espécies (2,30%), cada, e as demais, 13 famílias apresentaram espécie (1,15%) para cada família.

Pode-se citar o uso no artesanato da família Arecaceae e Fabaceae por índios urbanos da Amazônia, sendo oito e seis espécies, respectivamente (BARBOSA *et al.*, 2018). Associa-se o uso das espécies dessas famílias no artesanato a sua abundância nos diversos biomas brasileiros, bem como facilidades de acesso e conservação das estruturas extraídas (SANTOS *et al.*, 2007).

Fabaceae é composta de 650 gêneros e 19.000 espécies, com distribuição cosmopolita. No Brasil, é uma das famílias mais representativas, composta por 200 gêneros e 2.800 espécies. Com maior número de espécies arbóreas na reserva Ducke, na região amazônica. Com ocorrência de espécies de valor ornamental, medicinal e artesanal nos Cerrados, Restinga, Mata Atlântica e nas florestas do interior brasileiro. (SOUZA; LORENZI, 2019).

O presente levantamento sugere que a abundância da família Fabaceae favorece sua utilização no artesanato nas regiões brasileiras, foram 22 espécies mencionadas para os estados do Rio Grande do Sul, Pará e Rio de Janeiro (GUADAGNIN; GRAVATO, 2013; GONZÁLEZ-PÉREZ; ROBERT; COELHO-FERREIRA, 2013; PETERSON *et al.*, 2019).

O artesanato produzido pelos Kayapós, no estado do Pará, envolve o uso de 42 espécies, sendo 18 da família Fabaceae e oito da Arecaceae. Estas são as mais abundantes nas proximidades das aldeias. Além disso, há uma preferência por sementes, destinadas à fabricação de brincos e colares. O aumento do uso das sementes pode estar associado à preferência por produtos naturais e pelo valor maior de produtos industriais (GONZÁLEZ-PÉREZ; ROBERT; COELHO-FERREIRA, 2013).

Arecaceae é presente quase que em todas as formações vegetacionais brasileiras, destaca-se pelo uso ecológico e econômico. O fruto pode ser usado na fabricação de bebidas, doces e óleos. No artesanato destaca-se os gêneros *Acrocomia*, *Attalea*, *Copernicia*, *Mauritia*, *Orbygnia* e *Syagrus*, sendo comumente comercializadas em mercados e feiras em diversas regiões do Brasil (LIMA *et al.*, 2003). Mundialmente, a família é composta por cerca de 240 gêneros e 2700 espécies (LORENZI *et al.*, 2010; SOUZA; LORENZI, 2019) e 40 gêneros e 300 espécies no Brasil (DRANSFIELD *et al.* 2008; SOARES *et al.*, 2020).

Cyperaceae, por sua vez, apresentou-se como representativa, principalmente pela contribuição das pesquisas de González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013) e Báez-Lizarazo *et al.* (2018), que registraram conjuntamente 13 espécies. Espécies desta família já tiveram registro de uso artesanal em outros países, como *Schoenoplectus californicus* (C.A.Mey.) Soják no Equador e Peru (VIDAURRE *et al.*, 2006) e no México (ELIZONDO *et al.*, 2008). O uso das espécies em países distintos pode estar associado a traços culturais convergentes, considerando que as comunidades possuem o recurso natural disponível e usufruem deste de modo similar (KOTZE; TRAYNOR, 2011). A família é composta por 34 gêneros e 647 espécies com ocorrência no Brasil (SCHNEIDER *et al.*, 2022).

Potencialidades da flora brasileira para o uso sustentável no artesanato

Foram constatadas 87 espécies distribuídas em 26 famílias, representando a potencialidade da flora brasileira como recurso para o desenvolvimento de atividades tradicionais, como é o caso do artesanato (Tabela 1.4). Pode-se afirmar que o Brasil tem rico potencial para o desenvolvimento de cadeias da sociobiodiversidade fomentando a economia

local e o fortalecimento de grupos sociais (RIBEIRO *et al.*, 2019; HARTWIG; RODRIGUES; OLIVEIRA JUNIOR, 2020).

Tabela 1.4 – Família, espécies e nome popular das plantas utilizadas no artesanato brasileiro.

Família/espécie	Nome popular	Autor
ARACEAE		
<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott.	Imbé, imbé-guaçu	Peterson <i>et al.</i> (2019)
<i>Philodendron corcovadense</i> Kunth.	Imbé-mirim	Peterson <i>et al.</i> (2019)
ARECACEAE		
<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng	Babaçu	Campos <i>et al.</i> (2015)
<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	Buriti	Eichemberg e Scatena (2011), Santos, Coelho-Ferreira (2012), Vieira <i>et al.</i> (2016), Viana <i>et al.</i> (2018)
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex-Mart.	Macaúva	González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
<i>Astrocaryum aculeatum</i> G. Mey.	Tucumã*	
<i>Astrocaryum huaimi</i> Mart.	Tucumã*	
<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Murmuru	González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
<i>Attalea maripa</i> (Aubl.) Mart.	Inajá/najá*	
<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	Açaí*	
<i>Oenocarpus distichus</i> Mart.	Bacaba*	
<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	Paxiúba	
<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	Licuri, Ouricuri	Andrade Martins <i>et al.</i> (2015), Campos <i>et al.</i> (2019)
APOCYNACEAE		
<i>Forsteronia glabrescens</i> Müll.Arg.	Cipó marronzinho	Guadagnin e Gravato (2013)
<i>Cascabela thevetia</i> (L.) Lippol	Aguai	González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
<i>Forsteronia glabrescens</i> Müll. Arg		
BIGNONIACEAE		
<i>Amphilophium paniculatum</i> (L.) Kunth	Cipó-de-cesto	
<i>Dolicandra unguis-cati</i> (L.) LG Lohmann	Cipó batata-de-morcego	Guadagnin e Barradas (2022)
<i>Pithecoctenium crucigerum</i> (L.) AH Gentry	Cipó pente-de-macaco	
<i>Tynanthus elegans</i> Miers	Cipó cravo	
<i>Anemopaegma</i> sp.	Balaio	Peterson <i>et al.</i> (2019)
<i>Tabebuia cassinoides</i> (Lam.) DC.	Caixeta	
BIXACEAE		
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
CANACEAE		
<i>Canna</i> sp.	Sororoca	González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
CARYOCARACEAE		
<i>Caryocar brasiliense</i> A. St.-Hil.	Pequi	González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers.	Pequi do mato	
CONVOLVULACEAE		
<i>Ipomoea</i> sp.	Batata	Peterson <i>et al.</i> (2019)
CYCLANTHACEAE		
<i>Thoracocarpus bissectus</i> (Vell.) Harling	Timbupeba-rolça	Peterson <i>et al.</i> (2019)
CYPERACEAE		
<i>Scleria mitis</i> PJ Bergius.	Tiririca	González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
<i>Androtrichum giganteum</i> (Kunth) H. Pfeiff.	Tiririca	
<i>Cyperus eragrostis</i> Lam.	Tiririca	

<i>Cyperus hermaphroditus</i> (Jacq.) Standl	Tiririca	
<i>Cyperus odoratus</i> L.	Tiririca	
<i>Cyperus prolixus</i> Kunth	Tiririca	
<i>Cyperus rigens</i> J. Presl & C. Presl	Tiririca	
<i>Cyperus surinamensis</i> Rottb.	Tiririca	Báez-Lizarazo <i>et al.</i> (2018)
<i>Eleocharis montana</i> (Kunth) Roem. & Schult.	Tiririca	
<i>Fimbristylis dichotoma</i> (L.) Vahl	Tiririca	
<i>Kyllinga odorata</i> Vahl	Sempre-viva	
<i>Rhynchospora holoschoenoides</i> (Rich.) Herter	Tiririca	
<i>Schoenoplectus californicus</i> (C.A.Mey.) Soják	Junco-redondo, Junco-três-quinas ou Piri	
DILLENIACEAE		
<i>Davilla</i> sp.	Caboclo	Peterson <i>et al.</i> (2019)
ERIOCAULACEAE		
<i>Syngonanthus nitens</i> (Bong.) Ruhland	Capim dourado	Eichemberg <i>et al.</i> (2012); Oliveira <i>et al.</i> (2014); Corredor e Scatena (2016)
EUPHORBIACEAE		
<i>Hevea brasiliensis</i> (Willd. ex A. Juss.) Müll. Arg.	Seringueira	González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
<i>Alchornea glandulosa</i> Poepp. & Endl.	Chichá	
<i>Pausandra morisiana</i> (Casar.) Radlk	Guacá	Peterson <i>et al.</i> (2019)
<i>Croton celtidifolius</i> Baill.	Cubitinga vermelha/branca	
FABACEAE		
<i>Albizia pedicellaris</i> (DC.) L. Rico	Timbuíba rosa/branca	Peterson <i>et al.</i> (2019)
<i>Dioclea violacea</i> Benth.	Cipó-olho-de-boi	Guadagnin e Gravato (2013) González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
<i>Acosmium nitens</i> (Vogel) Yakolev	Peroba da Bahia	
<i>Adenantha pavonina</i> L.	Tento Carolina	
<i>Cassia Leiandra</i> Benth.	Ingá marimari	
<i>Centrosema</i> sp.	_____	
<i>Dialium guianensis</i> (Aubl.) Sandwith.	jatobá mirim	
<i>Enterolobium maximum</i> Ducke	Orelha de macaco pequeno	
<i>Enterolobium schomburgkii</i> (Benth.) Benth.	Orelha de macaco grande	
<i>Enterolobium</i> sp.	Orelha de macaco	González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	
<i>Macrolobium acaciifolium</i> (Benth.) Benth.	Fruto moeda	
<i>Ormosia excelsa</i> Benth.	Tento de várzea	
<i>Ormosia flava</i> (Ducke) Rudd.	Tento negro	
<i>Ormosia</i> sp. 1	Bico de tucano	
<i>Ormosia</i> sp. 2	Olho de cabra	
<i>Rhynchosia phaseoloides</i> (Sw.) DC	Olho de cabra mirim	
<i>Schizolobium</i> sp.	Paricá	
<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.), Blake	Garapuvu	
<i>Sclerolobium</i> sp.	Ingá-flecha, Ingá-ferro	Peterson <i>et al.</i> (2019)
<i>Stryphnodendron</i> sp.	Canafista	

<i>Tachigali denudata</i> (Vogel) Oliveira-Filho	Ingá-amarelo	
JUNCACEAE		
<i>Juncus microcephalus</i> Kunth	Junquinho	Báez-Lizarazo <i>et al.</i> (2018)
LECYTHIDACEAE		
<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	Castanha-do-Brasil/Castanha	González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Jequitibá	Peterson <i>et al.</i> (2019)
MARANTACEAE		
<i>Calathea lutea</i> (Aubl.) G. Mey.	Cauaçu	Leoni e Costa (2013)
<i>Ischnosiphon polyphyllus</i> [Poepp. & Endl.] Körn.	Arumã	Nakazono e Magnusson (2016)
MELIACEAE		
<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S.Irwin & Barneby	Angelim	Peterson <i>et al.</i> (2019)
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Cedro	
MIMOSIDAEAE		
<i>Anadenanthera colubrina</i> Vell. Brenan	Cobi	Peterson <i>et al.</i> (2019)
MORACEAE		
<i>Ficus cf. enormis</i> Mart. ex Miq	Figueira parda	Peterson <i>et al.</i> (2019)
MYRISTICACEAE		
<i>Virola bicuhyba</i> (Schott ex. Spreng.)	Bacubixaba	Peterson <i>et al.</i> (2019)
ORCHIDACEAE		
<i>Vanilla</i> sp.	Timbupeba-chata	Peterson <i>et al.</i> (2019)
POACEAE		
<i>Andropogon bicornis</i> L.	Rabo-de-burro	Báez-Lizarazo <i>et al.</i> (2018)
RUBIACEAE		
<i>Psychotria</i> sp.	Caquera crespa	Peterson <i>et al.</i> (2019)
SAPINDACEAE		
<i>Serjania meridionalis</i> Cambess	Cipó casca grossa	Guadagnin e Gravato (2013)
<i>Sapindus saponaria</i> L.	Saboneteira/Olho de Veado	González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013)
<i>Matayba guianensis</i> Aubl.	Ingá-de-concha	Peterson <i>et al.</i> (2019)
TYPHACEAE		
<i>Typha domingensis</i> Pers.	Taboa	Báez-Lizarazo <i>et al.</i> (2018)
<i>Typha latifolia</i> L.	Taboa	

Fonte: Portal Periódica da Capes; *Web of Science*; *Scopus* (2023).

Entende-se que o artesanato representa a expressão cultural de grupos sociais (indígenas, quilombolas, associação de artesãos), os quais expressam a criatividade e representatividade histórica. Somado a isso, o desenvolvimento do artesanato caracteriza-se como uma oportunidade de subsistência, podendo gerar emprego e renda, perpetuando a valorização cultural material e imaterial (SEBRAE, 2016; SILVA *et al.*, 2016).

A abordagem voltada para o extrativismo com fins artesanais em uma unidade de conservação discutindo sobre implicações positivas e negativas nas dimensões social, econômica e ecológica foi observada (NAKAZONO; MAGNUSSON, 2016). Um ponto em comum a todos os estudos foram os relatos sobre a importância socioeconômica do artesanato como atividade mantenedora das tradições nas comunidades estudadas.

Sendo assim, constatou-se que os artigos relatam a produção de artesanato para subsistência e comércio (33,33%) e exclusivamente para a comercialização (66,67%). Deste modo, os artigos abordam o artesanato como gerador de ocupação e rendimentos sustentado em três pilares: o cultural, o econômico e o social (LEITE; SEHNEM, 2018).

Nas comunidades do povo Kaingang no Sul do Brasil, constatou-se a existência de dois padrões de exploração de espécies de cipós para artesanato, sendo um para o autoconsumo e outro para a comercialização. Observou-se que a exploração de recursos florestais tanto para a comercialização quanto para o autoconsumo podem gerar impactos negativos na disponibilidade e diversidade de espécies (GUADAGNIN; GRAVATO, 2013).

Apontaram que a crescente demanda de produção para a comercialização representa um alerta em relação à superexploração. O povo Kaingang utiliza algumas estratégias visando minimizar a superexploração, tais como a divisão de áreas exploradas, períodos de descanso entre as colheitas e a proteção de informações entre os membros da família sobre áreas rentáveis passíveis de coleta (GUADAGNIN; GRAVATO, 2013).

Sendo assim, reconhecer quais espécies são mais relevantes culturalmente em determinadas áreas, pode contribuir para identificar quais espécies poderão ser superexploradas e alertar a comunidade sobre esta realidade para refletirem sobre o desenvolvimento na perspectiva da sustentabilidade (KOTZE; TRAYNOR, 2011; BÁEZ-LIZARAZO *et al.*, 2018).

Um estudo sobre a comercialização de PFM na África, Ásia e América do Sul, constatou-se duas vertentes de exploração dos recursos. A primeira corresponde à extração com base na regeneração natural e a segunda na extração baseada em espécies cultivadas, podendo ser monoculturas ou florestas mistas. Foi observado que essa última possui uma base de recursos estável. Já na vertente baseada na regeneração natural, frequentemente ocorre um declínio dos recursos (RUIZ-PÉREZ *et al.*, 2004).

Nessa perspectiva, comunidades do litoral do Rio Grande do Sul, desenvolvem a atividade artesanal com uso de plantas vasculares aquáticas, reconhecida pelo baixo custo de produção, envolvendo a extração de plantas nativas não cultivadas e mão de obra local (BÁEZ-LIZARAZO *et al.*, 2018). Entende-se que esta ocupação representa uma estratégia de diversificação econômica no meio rural (VIRAPONGSE *et al.*, 2014).

Considerando a potencialidade da flora brasileira para uso no artesanato, destaca-se a palmeira *Mauritia flexuosa*. Em comunidades ribeirinhas de Abaetetuba, no estado do Pará, foi constatada a fabricação de diversos utensílios artesanais. E que esses artefatos são significativos no dia a dia dos residentes. As comunidades mais distantes da cidade apresentam menor influência da urbanização, utilizando de forma mais frequente os artefatos produzidos

localmente, possibilitando a manutenção contínua do conhecimento tradicional (SANTOS; COELHO-FERREIRA, 2012).

Na região Nordeste, a palmeira *Attalea speciosa* Mart. ex Spreng (babaçu), destaca-se como recurso de relevante importância para comunidades rurais da região do Araripe, com uso mais frequente no artesanato, construção e alimentação humana. Foi notado uma tendência a substituição dos usos tradicionais em decorrência do acesso à tecnologia (CAMPOS *et al.*, 2015). Pode ser considerada uma espécie relevante para inúmeras comunidades tradicionais, uma vez que, todas as partes possuem potencial de uso econômico, tais como uso das folhas na cobertura de residências (REZENDE *et al.*, 2010); no artesanato (CORRÊA; LIN CHAU; VASQUES, 2010; CAMPOS *et al.*, 2015), em festividades dos povos indígenas (NASCIMENTO, 2010) e ainda o uso de frutos na indústria cosmética e as amêndoas na alimentação (LIMA *et al.*, 2003).

No estado de Pernambuco foi constatado o uso da palmeira *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. (Ouricuri) na produção diversa de artesanatos pela comunidade indígena Fulni-ô. Constata-se que a prática artesã é mantida também pelos artesãos mais jovens, o que representa um ponto positivo na manutenção da atividade, uma vez que a espécie apresenta alto valor de importância socioeconômica e cultural para o povo Fulni-ô (CAMPOS *et al.*, 2019).

O uso dos cipós na confecção de artesanato representa outra possibilidade na dinâmica socioeconômica das comunidades tradicionais (GUADAGNIN; GRAVATO, 2013). São considerados relevantes componentes de florestas tropicais, compondo os produtos florestais não madeireiros (PFNM) (CAMPANELLO *et al.*, 2007). Constatou-se o uso de sete espécies de Lianas exploradas para a produção e comercialização de artesanato pelos indígenas Kaingang em áreas florestais de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (GUADAGNIN; GRAVATO, 2013).

Typha L. (Typhaceae) também é uma espécie frequentemente utilizada. Estudos mostram o uso difuso da espécie, inferindo que o maior número de pesquisas publicadas no Brasil está associado ao uso artesanal. Foi observado que alguns trabalhos não detalham as fases que envolve a dinâmica de confecção (SILVA *et al.*, 2020; CARVALHO; BÁEZ-LIZARAZO; RITTER, 2021), enquanto outros além de detalhar aspectos da dinâmica de produção enfocam a comercialização e fatores socioeconômicos, uma vez que, os artefatos geram renda complementar ou principal para os artesãos e extrativistas, contribuindo para o desenvolvimento local (BITENCOURT, 2015; GUIMARÃES, 2016; BÁEZ-LIZARAZO *et al.*, 2018; OLIVEIRA; SANTOS; GOMES, 2018; BRUM, 2019; SAUINI, 2019).

Como exemplo, cita-se o estudo de Maldonado e Voeks (2021), que aborda os aspectos ambientais, culturais e econômicos relacionados ao uso artesanal de *Typha domingensis* (taboa) e *Schoenoplectus californicus* (junco) em uma comunidade indígena do México. A taboa é considerada pela comunidade como uma espécie invasora, todavia, é percebida como um recurso que expandiu suas capacidades artesanais e, portanto, contribuiu significativamente para seus meios de subsistência. Foi observado que os artesãos já faziam uso do junco para fins artesanais, antes da expansão da taboa no lago Patzcuaro, um recurso hídrico importante cultural e economicamente para o local. A dinâmica de comercialização de artefatos de taboa representa a venda de imagens romantizadas de indigenismo para turistas, utilizando a narrativa indígena como uma vantagem para comercializar sua cultura através do artesanato.

Sobre a dinâmica socioeconômica, notou-se que há sazonalidade na comercialização, embora o junco e a taboa sejam vendidos durante o ano, há períodos que é mais viável estocar, quando os preços estão baixos devido a uma colheita mais abundante. Outro ponto relevante é que o artesanato criado pela taboa se tornou uma parte central na economia turística da referida comunidade indígena no México, tendo em vista que, a comercialização contribuiu para a permanência dos nativos em suas cidades de origem. Sendo assim, a taboa possibilitou o aprimoramento da dinâmica da tecelagem, aumentando a variedade de artesanatos produzidos, além de ter enriquecido as práticas culturais tradicionais da comunidade indígena e encorajado sua constância (MALDONADO; VOEKS, 2021).

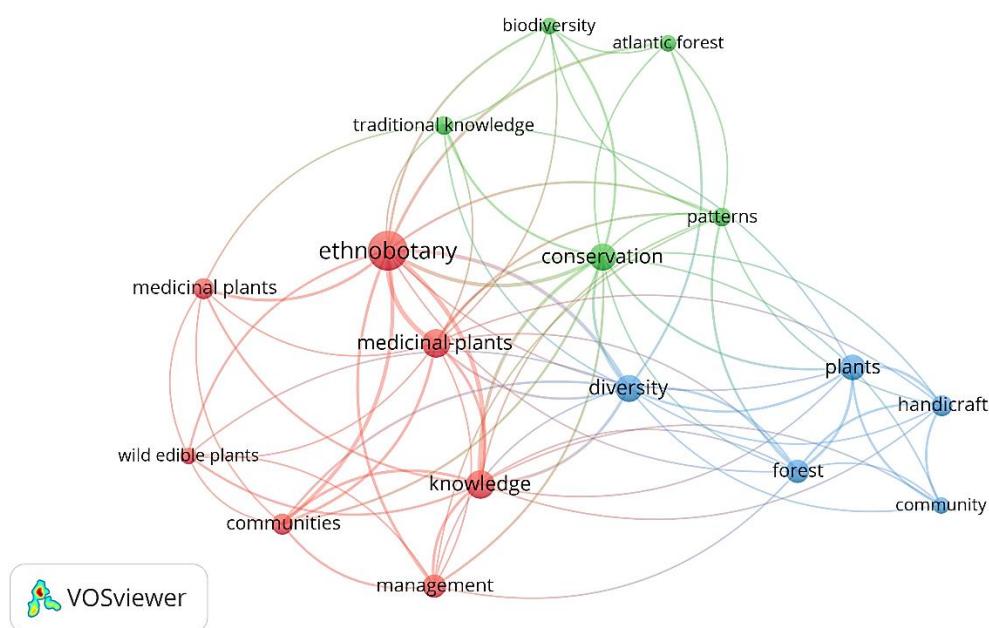
O uso de produtos industrializados nas comunidades tradicionais tem se tornando um motivo para o declínio de usos de produtos artesanais. Este fato é corroborado pelo estudo de Abdullah *et al.* (2020), realizado em áreas rurais do Paquistão e países adjacentes (Afeganistão, Arábia Saudita, Irã, Omã), que constataram que o uso sustentável da palmeira *Nannorrhops ritchiana* (Griff) Aitch. entre as gerações mais jovens está em declínio expressivo, motivado pela industrialização e substituição dos produtos fabricados artesanalmente. Assim, enfatizam a necessidade de fomentar ações para estimular o patrimônio de forma sustentável.

Embora tenha se evidenciado a preocupação com a conservação dos recursos, constatou-se que são ínfimos os trabalhos científicos que desenvolvam metodologias para constatar superexploração de espécies, proposição de técnicas e manejo adequado para utilização dos recursos naturais. A exploração sustentável de PFNM é relevante na conservação da dinâmica de subsistência e conservação da biodiversidade. Nesse sentido, foi observado o uso no artesanato de *Syngonanthus nitens* (capim dourado) na região do Jalapão, estado do Tocantins, constatando que quando realizado em consonância com o manejo tradicional não impacta a

dinâmica populacional da espécie. Todavia, quando a colheita é feita precocemente resulta no declínio em virtude do desenraizamento da espécie (SCHMIDT; TICKTIN, 2012).

Em relação ao mapeamento dos termos relevantes a partir dos descritores utilizados, foram obtidos três *clusters* (Figura 2.5), o *cluster* vermelho agrupa as palavras-chave que relacionam a etnobotânica (*ethnobotany*) a plantas medicinais (*medicinal plants*), plantas comestíveis silvestres (*wild edible plants*), conhecimento (*knowledge*) e gestão (*management*). O *cluster* verde associa conservação (*conservation*) a conhecimento tradicional (*traditional knowledge*), a padrões (*patterns*), a biodiversidade (*biodiversity*) e floresta atlântica (*atlantic forest*). O *cluster* azul associa diversidade (*diversity*) a floresta (*forest*), plantas (*plants*), artesanato (*handicraft*) e comunidade (*community*).

Figura 2.5 – Mapeamento dos termos relevantes com os descritores "Handicraft AND Plants AND Ethnobotany".



Fonte: VOSviewer/ Fonte: Araujo, N. S. (2023).

A constatação sobre o uso de espécies vegetais no artesanato, denota que se faz necessária a ampliação das pesquisas sobre a temática nas cinco regiões brasileiras. Por outro lado, os estudos realizados, contribuem para consolidar a ocorrência da atividade socioeconômica como prática sociocultural relevante no país. A biodiversidade brasileira fornece uma gama de possibilidades para a realização de levantamentos e pesquisas, no qual poderão contribuir na melhoria das técnicas e práticas do extrativismo vegetal. Assim como, na análise do potencial de outras espécies para uso artesanal, diversificando a produção de artefatos, ao tempo que reduzirá as pressões antrópicas sobre grupos restritos de plantas.

CONCLUSÃO

Verificou-se a partir da análise dos artigos que grupos sociais utilizam plantas na confecção de artesanato em distintos estados do Brasil, destacando a região Norte e Nordeste. Estes recorrem à flora para desenvolver atividades socioeconômicas potencialmente sustentáveis, as quais fortalecem a dinâmica cultural ao longo de gerações.

Considerando a biodiversidade brasileira, o seu potencial econômico e cultural, faz-se necessário o desenvolvimento de estudos sobre a temática em questão nas cinco regiões do Brasil, para se estabelecer um panorama nacional referente ao uso de espécies vegetais no artesanato.

Defende-se que a realização de pesquisas nas regiões do Brasil contemple não somente o levantamento da riqueza e diversidade de espécies utilizadas, mas que analise as variáveis sociais, ambientais, econômicas e políticas para identificar os pontos fortes e pontos fracos que poderão ameaçar o desenvolvimento sustentável do artesanato nas comunidades.

REFERÊNCIAS

- ABDULLAH, S. M. K.; PIERONI, A.; HAQ, Z. U.; AHMAD, Z. Mazri (*Nannorrhops ritchiana* (Griff) Aitch.): a remarkable source of manufacturing traditional handicrafts, goods and utensils in Pakistan. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 16, n. 45, p. 1-13, 2020.
- AGBO, R. I.; VIHOTOGBÉ, R.; MISSIOUN, A. A.; DAGBA, R. A.; ASSOGBADJO, A. E.; AGBANGLA, C. Indigenous Knowledge of *Detarium microcarpum* Guill. & Perr. (Caesalpiniaceae) and implication for conservation in Benin (West Africa). **Environ Dev Sustain**, v. 22, p. 6261-6285, 2020. Disponível em: <https://doi-org.ez17.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10668-019-00477-33>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- ALEXIADES, M. N.; SHANLEY, P. Forest products, livelihoods and conservation: case studies of Non-Timber forest product systems. In: Alexiades, M. N, Shanley, P. (Org.). **Forest products, livelihoods and conservation case studies of non-timber forest product systems** (3), Latin America, Bogor Barat: CIFOR, 2004.
- ANDRADE MARTINS, de W.; RAMOS, M. A.; SOUTO, W. M. S.; BENTO-SILVA, J. S.; ALBUQUERQUE, U. P. de; ARAÚJO, de L. E. Knowledge, Uses and Practices of the Licuri Palm (*Syagrus Coronata* (Mart.) Becc.) around Protected Areas in Northeastern Brazil Holding the Endangered Species Lear's Macaw (*Anodorhynchus Leari*). **Tropical Conservation Science**, v. 8, n. 4, p. 893-911, 2015. Disponível em: doi:10.1177/194008291500800403. Acesso em: 19 set. 2022.

- BÁEZ-LIZARAZO, M. R.; SANTORO, F. R.; ALBUQUERQUE, U. P.; RITTER, M. R. Aquatic vascular plants as handicraft: a case study in southern Brazil. **Acta Bot. Bras.**, v. 32, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-33062017abb0282>. Acesso em: 1 jun. 2021, 2018.
- BARBOSA, N. DE M.; HERRERA, R. C.; PARRY, M. M.; PARRY, S. M.; SANTANA, N. C. Contribuição da flora nativa no artesanato produzido por índios urbanos na Amazônia. **Biota Amazônia**, v.8 , n. 3, p. 53-56, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18561/2179-5746/biotaamazonia.v8n3p53-56>. Acesso em: 18 set. 2022.
- BEZERRA, M. A.; MOITA NETO, J. M.; ANDRADE, I. M.; SANTOS FILHO, F. S. Contribuições e perspectivas da pesquisa brasileira sobre plantas alimentícias silvestres com foco no semiárido. **Iheringia, Série Botânica**. v. 77, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21826/2446-82312022v77e2022003>. Acesso em: 18 set. 2022.
- BITENCOURT, L. **O artesanato de taboa (*Typha cf. dominguensis* Pers.) e junco (*Androtrichum trigynum* (Spreng.) H. Pfeiff.) na Guarda do Embaú, Palhoça, SC**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.
- BRASIL. **Portal do Artesanato Brasileiro**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/artesanato>. Acesso em: 01 set. 2022.
- BRUM, C. M. **Levantamento de espécies vegetais presentes no Parque Estadual de Itapeva relevantes para a comunidade indígena da etnia Mbyá Guarani**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2019.
- CABALZAR, A.; FONSECA-KRUEL, V. S. da.; MARTINS, L.; MILLIKEN, W.; NESBITT, M. **Manual de etnobotânica: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas**. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), 2017.
- CAMPANELLO, P. I.; J. F. GARIBALDI, M. G.; GATTI, G. GOLDSTEIN. Lianas in a subtropical Atlantic forest: Host preference and tree growth. **Forest Ecology and Management**, v. 242, p. 250-259, 2007.
- CAMPOS, J. L. A.; ARAÚJO, E. de L.; GAOUE, O. G.; ALBUQUERQUE, U. P. Socioeconomic Factors and Cultural Changes Explain the Knowledge and Use of Ouricuri Palm (*Syagrus coronata*) by the Fulni-ô Indigenous People of Northeast Brazil. **Economic Botany**, v. 73, n. 2, p. 187–199, 2019.
- CAMPOS, J. L. A.; DA SILVA, T. L. L.; ALBUQUERQUE, U. P.; PERONI, N.; ARAÚJO, E. L. Knowledge, Use, and Management of the Babassu Palm (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng) in the Araripe Region (Northeastern Brazil). **Economic Botany** v. 69, n. 3, p. 240–250, 2015. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24826032>. Acesso em: 17 set. 2022.
- CARVALHO, A. F. D. **Mulheres artesãs: extrativismo da taboa (*Typha* spp.) em Pacatuba/SE**. Tese (Doutorado em Associação Plena em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2018. 230 p.

CARVALHO, J. D. T.; BÁEZ-LIZARAZO, M. R.; Ritter, M. R. Revisão etnobotânica de *Typha l.* (Typhaceae) no Brasil. **Ethnoscintia**, v.3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscintia/article/view/10717>. Acesso em: 01 mar. 2022

CHUEKE, G. V.; AMATUCCI, M. O que é bibliometria? Uma introdução ao Fórum. **Internext**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-5, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/188619165.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2021.

CORRÊA, D. A. G.; LIN CHAU, VASQUES, M. P. Manejo de fibras vegetais utilizadas em artesanatos por comunidades tradicionais do parque estadual e turístico do Alto Ribeira, e seu entorno, Iporanga, SP. *In*: SILVA, Valdeline Atanázio da; ALMEIDA, Alysson Luiz Santos de; ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino. **Etnobiologia e Etnoecologia: Pessoas & natureza na América Latina**. 1. ed. Recife: Nupeea, 2010.

CORREDOR, B. A. D.; SCATENA, V. L. Ecological anatomy of *Syngonanthus nitens* (Bong.) Ruhland and its relation to the golden grass handicrafts in Jalapão (TO), Brazil. **The Journal of the Torrey Botanical Society**, v. 143, n. 2, p. 192-198, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3159/TORREY-D-14-00071.1>. Acesso em: 18 set. 2022.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell; tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DARIO, F. R. Uso de plantas da Caatinga pelo povo indígena Pankararu no estado de Pernambuco, Brasil. **Revista Geotemas**, v. 8, n. 1, p. 60-76, 2018. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/GEOTemas/article/view/863>. Acesso em: 01 mar. 2022.

DAVID, M. de.; SILVA, C. J. da.; ALCÂNTARA, L. C. S.; SGUAREZI, S. B. Conhecimento tradicional em comunidades do cerrado mato-grossense: um estudo bibliométrico. **Biodiversidade**, v. 19, n. 2, p. 32-45, 2020.

DOGAN, Y.; NEDELICHEVA, A.; OBRATOV-PETKOVIC, D.; PADURE, I. Plants used in traditional handicrafts in several Balkan countries. **Indian Journal of Traditional Knowledge**, v. 7, p. 157-161, 2008.

DRANSFIELD, J.; UHL, N. W.; ASMUSSEN, C. B.; BAKER, W. J.; HARLEY, M. M.; LEWIS, C. E. **Genera Palmarum - the evolution and classification of palms**. Royal Botanic Gardens, Kew. 2008. 732 p.

DUTRA, J. T. de.; MINCIOTTI, S. A.; CORCINO, K. F. Estudo sobre Marketing e Artesanato: levantamento bibliométrico com análise sistemática da produção acadêmica. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, p. 1-17, 2022.

EICHEMBERG, M. T.; SCATENA, V. L. Handicrafts from Jalapao (TO), Brazil, and their relationship to plant anatomy. *Journal of The Torrey Botanical Society*. **Lawrence: Torrey Botanical Soc**, v. 138, n. 1, p. 34-40, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/20392>. Acesso em: 17 set. 2022.

ELIZONDO, M. S. G.; ELIZONDO, M. G.; FLORES, J. A. T.; ENRIQUEZ, I. L. L.; REZNICEK, A. A.; DIEGO-PÉREZ, N. Sinopsis de *Scirpus* sl (Cyperaceae) para México. **Acta Botánica Mexicana**, v. 82, p. 15-41, 2008.

EMBRAPA. **Produto florestais não madeireiros: uso sustentável de açaí, andiroba, castanha e cipó-títica**. Macapá, 2012.

FAVILLA, C.; BARRETO, L.; REZENDE, R. **Artesanato Brasil**. Brasília: Sebrae, 2016.

FLORES, A. S.; LIMA, D. da S. Fibras vegetais utilizadas no artesanato comercializado em Boa Vista, Roraima. **Bol. Mus. Int. de Roraima**, v.7, n. 1, p. 35-39, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/nailt/Downloads/1715.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRALDO-CAÑAS, D. Gramíneas (Poaceae) ornamentales y usadas en artesanías en Colombia. **Polibotánica**, v. 30, p. 163-191, 2010.

GONZÁLEZ-PÉREZ, S. E.; ROBERT, P. De.; COELHO-FERREIRA, M. Seed Use and Socioeconomic Significance in Kayapó Handicrafts: A Case Study from Pará State, Brazil. **Economic Botany**, v. 67, n. 1, p. 1–16, 2013.

GUADAGNIN, D. L.; BARRADAS, P. V. F. Survivorship and yield of a harvested population of *Forsteronia glabrescens*. **PLoS ONE**, v. 17, n. 6, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0268632>. Acesso em: 18 set. 2022.

GUADAGNIN, D.; GRAVATO, I. Ethnobotany, Availability and Use of Lianas by the Kaingang People in Suburban Forests in Southern Brazil. **Economic Botany**, v. 67, n. 4, p. 350-362, 2013.

GUIMARÃES, M. F. M. 2016. **Plantas úteis em comunidades urbanas: a importância das espécies exóticas e do gênero na manutenção do conhecimento e uso dos recursos vegetais**. Dissertação (Mestrado em Ecologia - Evolução e funcionamento de ecossistemas). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016.

HARTWIG, B. R.; RODRIGUES, D.S.; OLIVEIRA JR, C. J. F. Erva-baleeira: uma possibilidade real da sociobiodiversidade para modelos sustentáveis de produção. **Holos**, v. 36, n. 3, 2022. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/9409/pdf>. Acesso em: 01 set. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/index.html. Acesso em: 01 set. 2022.

KOTZE, D. C.; TRAYNOR, C. H. Wetland plant species used for craft production in KwaZulu-Natal, South Africa: ethnobotanical knowledge and environmental sustainability. **Economic Botany**, v. 65, p. 271-282, 2011.

LAWRENCE, A. No forest without timber? **International Forestry Review**, v. 5, n. 2, p. 87–96, 2003.

LEITE, A. A. V.; SEHNEM, S. Proposição de um modelo de gestão sustentável e competitivo para o artesanato. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 16, n. 2, p. 264-285, 2018.

LEONI, J. M.; COSTA, F. R. C. Sustainable Use of *Calathea lutea* in Handicrafts: A Case Study from the Amanã Sustainable Development Reserve in the Brazilian Amazon. **Economic Botany**, v. 67, p. 30-40, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12231-013-9223-x>. Acesso em: 18 set. 2022.

LIMA, E. S.; FELFILI, J. M.; MARIMON, B. S.; SCARIOT, A. Diversidade, estrutura e distribuição espacial de palmeiras em um cerrado sensu stricto no Brasil Central - DF. **Revista Brasil. Bot.**, v. 26, n. 3, p. 361-370, 2003.

LORENZI, H.; NOBLICK, L. R.; KAHN, F.; FERREIRA, E. **Flora Brasileira: Arecaceae** (palmeiras). Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2010.

LUO, B., AHMED, S., LONG, C. Bamboos for weaving and relevant traditional knowledge in Sansui, Southwest China. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 16, n. 63, p. 1-9, 2020.

MALDONADO, G.; VOEKS, R. 2021. The Paradox of Culturally Useful Invasive Species: Southern Cattail (*Typha domingensis*) Crafts of Lake Patzcuaro, Mexico. **Journal of Latin American Geography**, v. 20, n. 3, p. 148, 2021. Disponível em: link.gale.com/apps/doc/A687676835/AONE?u=capes&sid=bookmark-AONE&xid=d33ec367. Acesso em: 17 abr. 2022.

MARTINELLI, G.; MORAES, M. A. **Livro Vermelho da Flora do Brasil**. Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2013. 1100 p.

MESA, C. L.; TORO, B. A.; IZASA, A. C. Manejo de *Mauritia flexuosa* L.f. para la producción de artesanías em la altillanura colombiana. **Colombia Forestal**, v. 20, n. 1, p. 85-101, 2017.

NAKAZONO, E. M.; MAGNUSSON, W. E. Unsustainable Management of Arumã (*Ischnosiphon polyphyllus* [Poepp. & Endl.] Körn.) by the Novo Airão Artisans Association, Rio Negro, Amazon, Brazil. **Economic Botany**, v. 70, n. 2, p. 132-144, 2016.

NASCIMENTO, A. R. T. Riqueza e Etnobotânica de Palmeiras no Território Indígena Krahô, Tocantins, Brasil. **Floresta**, Curitiba, PR, v. 40, n. 1, p. 209-220, 2010.

NAVAS-FERNANDEZ, M.; ABADAL, E.; RODRIGUES, R. S. Internacionalidad de las revistas científicas españolas indizadas en Web of Science y Scopus. **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 41, p. 1-18, 2018.

NEDELICHEVA, A.; DOGAN, Y.; OBRATOV-PETKOVIC, D.; PADURE, I. M. The Traditional Use of Plants for Handicrafts in Southeastern Europe. **Human Ecology**, v. 39, p. 813-828, 2011.

OLIVEIRA JÚNIOR, C. J. F. De.; VOIGTEL, S. D. S.; NICOLAU, S. A.; ARAGAKI, S. Sociobiodiversidade e agricultura familiar em Joanópolis, SP, Brasil: potencial econômico da flora local. **Hoehnea**, v. 45, n. 1, p. 40-54, 2018.

OLIVEIRA JÚNIOR, C. J. F.; CABREIRA, P. P. Sistemas agroflorestais: potencial econômico da biodiversidade vegetal a partir do conhecimento tradicional ou local. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 7, p. 212-224, 2012.

OLIVEIRA, D. M.; SANTOS, L. A. S.; GOMES, L. J. Uso da flora em assentamento agroextrativista do litoral de Sergipe, Brasil. **Guaju**, v. 4, p. 63-183, 2018.

OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, BA, v. 23, n. 2 p. 590-605, 2009.

OLIVEIRA, M. N. S. de.; CRUZ, S. M.; SOUSA, A. M. de.; MOREIRA, F. da C.; TANAKA, M. K. Implications of the harvest time on *Syngonanthus nitens* (Bong.) Ruhland (Eriocaulaceae) management in the state of Minas Gerais. **Braz. J. Bot**, v. 37, p. 95-103, 2014. Disponível em: <https://doi-org.ez17.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s40415-014-0049-2>. Acesso em: 17 set. 2022.

OLIVEIRA, V. J. dos S. de. Caracterização das Produções Científicas Sobre Levantamento Etnobotânico de Plantas Medicinais: Revisão Integrativa. **Ensaios Cienc. Biol. Agrar. Saúde**, v. 21, n. 1, p. 42-47, 2017.

PALLUDETO, A. W. A.; FELIPINI, A. R. Panorama da literatura sobre a financeirização (1992-2017): uma abordagem bibliométrica. **Economia e sociedade**, v. 28 n. 1, p. 313-337, 2019.

PEREIRA, Z. V.; FERNANDES, S. S. L.; SANGALLI, A.; MUSSURY, R. M. Usos múltiplos de espécies nativas do bioma Cerrado no Assentamento Lagoa Grande, Dourados, Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 7, n. 2, p. 126-136, 2016.

PETERSON, D.; BERKES, F.; DAVIDSON-HUNT, I.; HANAZAKI, N. The Caiçara in Juatinga Ecological Reserve, Brazil: Landscape Ethnoecology of Cultural Products. **Human Ecology**, v. 47, p. 827–838, 2019.

PINEDA-LÓPEZ, M. de R.; SÁNCHEZ-VELÁSQUEZ, L. R.; VENTURA, Y. P.; FERNÁNDEZ, P. G.; BINNQÜIST, C. L.; ROJO-ALBORECA, A. The Role of Women in the Forest Conservation in a Mexican National Park: Pruning Firs for the Manufacture of Christmas Wreaths. **Human Ecology**, v. 43, p. 493–501, 2015.

RAHMAN, H.; FARDUSI, J.; ROY, B.; KAMAL, M.; UDDIN, J.; KHAN, M. A. S. A. Production, Economics, Employment Generation and Marketing Pattern of Rattan-Based Cottage Enterprises: A Case Study from an Urban Area of North-Eastern Bangladesh. **Small-scale Forestry**, v.11, p. 207–221, 2012.

RAKOTOARISOA, T. F.; RICHTER, T.; RAKOTONDRAMANANA, H.; MANTILLA-CONTRERAS, J. Turning a Problem Into Profit: Using Water Hyacinth (*Eichhornia*

crassipes) for Making Handicrafts at Lake Alaotra, Madagascar. **Economic Botany**, v. 70, n. 4, p. 365–379, 2016.

RAMOS, G. M. P. D.; MUYLDER, C. F.; FREIRE, D. A. L. O artesanato e o empreendedorismo: um estudo bibliométrico da produção acadêmica em eventos enanpad de 1999 a 2008. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade**, v. 4, n. 1, p. 76-94, 2014.

REZENDE, J. B. A.; LIMA, J.; MEIRA, F. M.; LIMA, P.; TENÓRIO, G. Manejo de Caraná no Alto Tiquié. In: CABALZAR, Aloisio (Org.). **Manejo do mundo: conhecimento e práticas dos povos indígenas do Rio Negro, noroeste Amazônico**. São Paulo: FOIRN & ISA, 2010.

RIBEIRO, D. A.; MACEDO, D. G.; OLIVEIRA, L. G. S.; SANTOS, M. O.; ALMEIDA, B. V.; MACEDO, J. G. F.; MACEDO, M. J. F.; SOUZA, R. K. D.; ARAÚJO, T. M. S.; SOUZA, M. M. A. Conservation priorities for medicinal woody species in a Cerrado area in the Chapada do Araripe, northeastern Brazil. **Environment Development Sustainable**, v. 21, p. 61-77, 2019.

RITTER, M. R.; SILVA, T. C.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Bibliometric analysis of ethnobotanical research in Brazil (1988-2013). **Acta Botanica Brasilica**, v. 29, p. 113-119, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/rpqXHGTXXYKgtYX7vXVpKgx/?lang=en>. Acesso em: 10 set. 2022.

RUIZ-PEREZ, M.; BELCHER, B.; ACHDIAWAN, R.; ALEXIADES, M. AUBERTIN, C.; CABALLERO, J.; CAMPBELL, B.; CLEMENT, C.; CUNNINGHAM, T.; FANTINI, R.; FORESTA, H. de.; FERNANDEZ, C. G.; GAUTAM, K. H.; MARTINEZ, P. H.; JONG, W. de.; KUSTERS, K.; KUTTY, M. G.; LOPEZ, C.; FU, M. Y.; ALFARO, M. M.; NAIR, T. K. R.; NDOYE, O.; OCAMPO, R.; RAI, N.; RICKER, M.; SCHRECKENBERG, K.; SHACKLETON, S.; SHANLEY, P.; SUNDERLAND, T. Youn Markets drive the specialization strategies of forest peoples, **Ecol. Soc.**, v. 9, n. 2, 2004.

SANTOS, R. da S.; COELHO-FERREIRA, M. Estudo etnobotânico de *Mauritia flexuosa* L. f. (Arecaceae) em comunidades ribeirinhas do Município de Abaetetuba, Pará, Brasil. **Acta Amazonica**, v. 42, n. 1, 2012.

SANTOS, R. M.; VIEIRA, F. A.; FAGUNDES, M.; NUNES, Y. R. F.; GUSMÃO, E. Riqueza e similaridade florística de oito remanescentes florestais no norte de Minas Gerais, Brasil. **Revista Árvore**, v. 31, n. 1, p. 135-144, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-67622007000100015>. Acesso em: 17 set. 2022.

SANTOS, T. de S. O artesanato como elemento impulsionador no desenvolvimento local em municípios brasileiros. In: CONGRESSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFLA, 19., 2010, Lavras. **Anais [...]**. Lavras: UFLA, p. 1-7.

SAUINI, T. **Levantamento etnobotânico participativo entre os moradores do Quilombo do Cambury, Ubatuba, SP, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Biologia Química). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2019. 151 p.

SCHMIDT, I. B.; TICKTIN, T. When lessons from population models and local ecological knowledge coincide – Effects of flower stalk harvesting in the Brazilian savana. **Biological**

Conservation, v. 152, p. 187-195, 2012. Disponível em:
<https://doi.org/10.1016/j.biocon.2012.03.018>. Acesso em: 17 set. 2022.

SCHNEIDER, L. J. C.; PEREIRA-SILVA, L.; THOMAS, W.W.; MATZENAUER, W. HEFLER, S. M.; NUNES, C. S.; MACIEL-SILVA, J. F.; PRATA, A. P. N.; JIMÉNEZ-MEJÍAS, P.; WEBER, P.; SILVA FILHO, P. J. S.; COSTA, S. M.; SOARES NETO, R. L.; ALVES, K. N. L.; GIL, A. S. B.; TREVISAN, R.; LÓPEZ, M. G.; HALL, C. F.; FERNANDES-JÚNIOR, A. J.; VITTA, F. A.; ORSOLANO, G. N.; WANDERLEY, M. G. L. **Cyperaceae in Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB100>. Acesso em: 12 out. 2022.

SEBRAE. Serviço de Apoio à Pequena Empresa. **Artesanato cearense**: tradição que se renova. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/CE/Anexos/Cat%C3%A1logo%20Artesanato%202014%20Digital%20Baixa.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SEHNEM, S.; PIEKAS, A.; DAL MAGRO, C. B.; FABRIS, J. & LEITE, A. Public policies, management strategies, and the sustainable and competitive management model in Handicrafts, **Journal of Cleaner Production**, v. 266, p. 1-13, 2020.

SILVA, L. E. D.; AMARAL, W.; SILVA, M.; OLIVEIRA, A. L. D. Conservation of genetic resources: a study with medicinal plants on the coast of Paraná - Brazil. **Ambiente & Sociedade**, v. 23, p. 20, 2020.

SILVA, M. G.; NASCIMENTO, M. G. P.; REIS, R. B. dos.; SILVA, M. F. S.; ANDRADE, I. M. de. Potencial de *Mandevilla clandestina* J. F. Morales (Cipó-de-leite) no artesanato de Parnaíba-PI, Brasil. **Revista ESPACIOS**, v. 37, n. 36, 2016. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a16v37n36/16373615.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SILVA, T. L. L. da.; CAMPOS, J. L. de A.; ALVES, A. G. C.; ALBUQUERQUE, U. P. Market integration does not affect traditional ecological knowledge but contributes additional pressure on plant resources, **Acta Bot. Bras.**, v. 33, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-33062018abb0310>. Acesso em: 19 set. 2022.

SOARES, K. P.; LORENZI, H.; VIANNA, S. A.; LEITMAN, P. M.; HEIDEN, G.; MORAES, R. M.; MARTINS, R. C.; CAMPOS-ROCHA, A.; SANT'ANNA-SANTOS, B. F. **Arecaceae in Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB53>. Acesso em: 27 set. 2022.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Integrative review: what is it? How to do it? **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em: 1 mai. 2022.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática**: guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado na APG IV. 4 ed. Nova Odessa, SP: Jardim Botânico Plantarum, 2019.

STRACHULSKI, J.; FLORIANI, N. Conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico na comunidade rural de Linha Criciumal, em Cândido de Abreu-PR. **Revista**

Geografar-Curitiba, v. 8, n. 1, p. 125-153, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/30327/20463>. Acesso em: 31 mai. 2022.

TORRI, M. C. Linking local plants with small handicraft enterprises among indigenous Mapuche communities: towards a combined approach of local development and enhancement of ethnobotanical knowledge? **Bulletin of Latin American Research**, v. 33, p. 419-435, 2014.

VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. Software survey: VOSviewer, a computer program for bibliometric mapping. **Scientometrics**, v. 84, n. 2, p. 523-538, 2010.

VIANA, R. V. R.; SCATENA, V. L.; EICHEMBERG, M. T.; SANO, P. T. Engaging plant anatomy and local knowledge on the buriti palm (*Mauritia flexuosa* L.f.: *Arecaceae*): the microscopic world meets the golden grass artisan's perspective. **Cultural Studies Of Science Education**. New York: Springer, v. 13, n. 1, p. 253-265, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/160210>. Acesso em: 18 set. 2022.

VIDAURRE, J.; PANIAGUAN, N.; MORAES, M. Etnobotánica en los Andes de Bolivia. **Botánica Económica en los Andes Centrales**, v. 1, p. 224-238, 2006.

VIEIRA, I. R.; OLIVEIRA, J. S.; SANTOS, K. P. P.; SILVA, G. O.; VIEIRA, F. J.; BARROS, R. F. M. A contingent valuation study of buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.) in the main region of production in Brazil: is environmental conservation a collective responsibility? **Acta Bot. Bras.**, v. 30, n. 04, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-33062016abb0115>. Acesso em: 19 set. 2022.

VIRAPONGSE, A.; SCHMINK, M.; LARKIN, S. Value chain dynamics of an emerging palm fiber handicraft market in Maranhão, Brazil. **Forests, Trees and Livelihoods**, v. 23, p. 36-53, 2014.

4.2 Aspectos socioeconômicos da produção de artesanatos no litoral piauiense, Brasil

Resumo

A produção artesanal é uma atividade econômica relevante para a maioria dos municípios e regiões brasileiras. O artesanato no Piauí destaca-se pela utilização de plantas nativas da região. Há necessidade de fomento, valorização e fortalecimento das atividades tradicionais nessa área. Neste sentido, objetivou-se compreender os aspectos sociais e econômicos associados ao artesanato no litoral piauiense, Brasil. Adotou-se a técnica de *Rapport* e “Bola de neve” para seleção dos participantes. Foi adotada a observação participante e realização de entrevistas com formulários semiestruturados. Dos 80 entrevistados, 81,25% pertencem ao gênero feminino. 71,25% são adultos e 18,75% idosos. 66,25% possuem ensino fundamental incompleto. Com relação a renda, 93,75% têm renda igual a um salário mínimo. 84,2% afirmaram que ingressaram na atividade pela necessidade de obtenção de renda, enquanto 10,5%, destacaram a manutenção da cultura familiar, 5,3% informaram que o ingresso se deu pelo incentivo de parentes. Sobre as problemáticas na dinâmica de produção e comercialização, destacaram a dificuldade em relação ao transporte e organização (76,25%), falta de incentivo financeiro do poder público (18,75%) e os meses de baixa lucratividade nas vendas (2,5%). Os principais estados que compram artesanatos são Ceará (21%), São Paulo (20%), Distrito Federal (18%) e Pernambuco (16%). Conclui-se que, a utilização das espécies no artesanato apresenta relevância socioeconômica na região, (existe uma rede de contatos entre artesãos e clientes de outros estados brasileiros), gera renda para as famílias, mantém as tradições locais e reafirma a potencialidade territorial.

Palavras-chaves: Artesãos; Desenvolvimento; Recursos Naturais.

Abstract

The handicraft production stands out as a relevant economic activity for most Brazilian municipalities and regions. The handicraft in Piauí stands out for the use of plants native to the region. It is perceived, the need for fomentation, valorization and strengthening of traditional activities in this area. In this sense, the objective was to understand the social and economic aspects associated with crafts on the coast of Piauí, Brazil. The *Rapport* and “Snowball” technique was adopted for the selection of participants. Participant observation and interviews with semi-structured forms were adopted. Of the 80 interviewees, 81.25% are female. 71.25% are adults and 18.75% are elderly. 66.25% have incomplete primary education. With regard to income, 93.75% have an income equal to one minimum wage. 84.2% stated that they joined the activity due to the need to obtain income, while 10.5% highlighted the maintenance of the family culture, 5.3% reported that they joined because of the incentive of relatives. On the problems in the dynamics of production and commercialization, the difficulty in relation to transport and organization (76.25%), lack of financial incentive from the public power (18.75%) and the months of low profitability in sales (2.5%). The main states that buy handicrafts are Ceará (25%), São Paulo (20%), Federal District (18%), Pernambuco (16%). It is concluded that the use of species in handicrafts has socioeconomic relevance in the region (there is a network of contacts between artisans and customers from other Brazilian states), generates income for families, maintains local traditions and reaffirms the territorial potential.

Keywords: Artisans; Development; Natural Resources.

INTRODUÇÃO

O emprego de técnicas para transformação e uso dos recursos florestais é uma prática que viabilizou o desenvolvimento de setores como a agricultura, manufatura e indústria. Dentre as práticas, se destaca a confecção de artesanatos (NOJOSA, 2022). Esta atividade tem enorme potencial como ocupação organizada e está apoiada em instituições que atuam fortemente nesse segmento (FAVILLA; BARRETO; REZENDE, 2016).

A produção de artesanatos para fins comerciais, na contemporaneidade, assinala a presença de novas territorialidades, se insere no espaço rural brasileiro enquanto uma estratégia de acesso à renda, de reprodução e permanência para muitas famílias (KAUFMANN; CANCELIER, 2022). A valorização do artesanato perpassa pela noção de desenvolvimento territorial, ao tempo que evidencia os aspectos culturais e simbólicos de uma comunidade, a partir do seu potencial endógeno. E que, ao considerar as reais necessidades e vocações, culmina no fortalecimento do discurso e sentido de pertencimento ao local (MELLO, 2015).

A dinâmica produtiva e comercial do século XXI tem sido adaptada a novas técnicas que reinventam as possibilidades de sua atuação e inspiram soluções para problemas dos mais variados setores. Essas questões ressaltam as duas principais convergências que sobressaem na discussão em torno da atualização dessa temática: a compreensão da carga tradicional que envolve os processos artesanais, visto como um testemunho de saberes coletivos que devem ser preservados; e as adequações possíveis que alinham a sua não descaracterização às transformações no contexto contemporâneo (NOJOSA, 2022).

No Brasil, contabiliza-se cerca de 27.397 estabelecimentos agropecuários com receitas advindas de artesanato com maior concentração no Nordeste, Norte e Sul (IBGE, 2017). Dados do sistema de informações cadastrais do artesanato brasileiro (SICAB), apontam a existência de 192 mil pessoas registradas com carteira profissional de artesão (BRASIL, 2022). Tais dados corroboram para o valor socioeconômico da atividade artesã no território brasileiro.

No estado do Piauí, institucionalmente, as ações de promoção e apoio ao artesanato são de competência da Superintendência de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense (SUDARP), órgão vinculado à Secretaria de Estado da Cultura (SECULT). No Programa de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense (PRODART) existem, aproximadamente, cinco mil artesãos cadastrados (PIAUI, 2023). Outra instituição de apoio é o SEBRAE, atuando com propósito de desenvolver capacitações, mobilizações, propagação do associativismo e empreendedorismo no segmento do artesanato.

O artesanato piauiense é bastante diversificado, em função da criatividade, talento dos artesãos locais, sobretudo como fonte de renda das famílias residentes e aproveitamento das

diversas fontes de matérias-primas naturais em todo o Estado do Piauí, uma vez que o estado possui rica biodiversidade com potencial de desenvolvimento de atividade extrativista para fins artesanais (PIAUI, 2023). Na região litorânea do Piauí, artesanatos são produzidos com recursos da flora da restinga (SOLDATI; ALBUQUERQUE, 2010; ICMBIO, 2020). Apesar do significativo valor cultural, a atividade é pouco valorizada e reconhecida (VIEIRA; OLIVEIRA; LOIOLA, 2016; SILVA *et al.*, 2016).

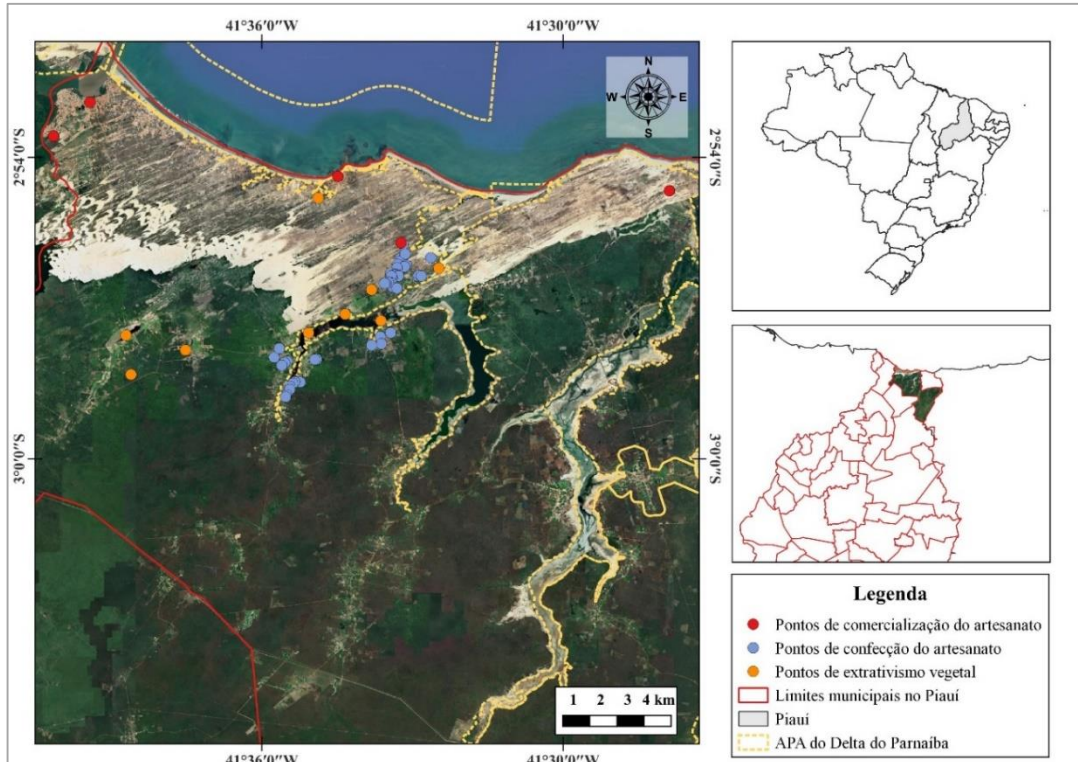
Perante o exposto, o estudo é justificado pela necessidade de compreensão do cenário socioprodutivo do artesanato no litoral do Piauí, em um contexto de informalidade de empregos e reafirmação sociocultural territorial, onde o artesanato pode ser assumido como um meio de subsistência e seu desenvolvimento ser motivo de permanência local. A obtenção de dados sobre a atividade artesã torna-se útil para embasar a aplicação e o aperfeiçoamento de políticas públicas voltadas para esse segmento. Diante do exposto, objetivou-se descrever a dinâmica socioeconômica associada à produção de artesanato com espécies vegetais no litoral piauiense.

MATERIAIS E MÉTODO

Área de estudo

O presente estudo foi realizado no município de Luís Correia, situado ao norte do estado do Piauí, que apresente área de 1.070,926 km². Algumas áreas do seu território estão inseridas na Área de Proteção Ambiental do Delta do Rio Parnaíba (Figura 3.1). Por tratar-se de uma região litorânea, com belas praias que atraem pessoas de diversas cidades brasileiras, observa-se a relação do artesanato com o turismo, caracterizando-se como atrativo local, uma vez que, os produtos são vendidos para os turistas e utilizados na ornamentação de hotéis, pousadas e restaurantes.

Figura 3.1- Mapa de localização da área de estudo com pontos de extrativismo de espécies vegetais, confecção e comercialização de artesanato no município de Luís Correia, Piauí.



Fonte: Araujo, N. S. (2023).

O clima é quente e tropical com temperaturas que variam de mínimas 25°C e máximas de 32°C. A média de precipitação anual registrada é de 1.200 mm classificada no Regime Equatorial Marítimo com isoietas anuais que variam de 800 a 1.600 mm. Os meses de fevereiro, março e abril são identificados como os meses mais úmidos (INMET, 2020). A área estudada caracteriza-se por comunidade vegetacional transicional caatinga e cerrado, floresta ciliar de carnaúba/caatinga de várzea e as formações vegetais litorâneas, tais como, dunas, restingas e mangues (IBAMA, 1999; AGUIAR; GOMES, 2004).

A população de Luís Correia é de 28.422 habitantes, dos quais 15.776 viviam na área rural, enquanto 12.646 estavam na área urbana, e dos quais 14.605 homens e 13.817 mulheres. O IDH municipal é 0,541 (IBGE, 2010). O PIB do município Luís Correia foi da ordem de R\$ 258 milhões. Em 2016, época da mais recente pesquisa referente à taxa de ocupação da população residente no município, foram identificadas 2.656 pessoas empregadas, sendo o salário médio mensal recebido de 1,3 salários mínimos (IBGE, 2020). O rendimento nominal médio mensal das pessoas com 10 anos ou mais de idade era de R\$ 532,89. O rendimento nominal médio mensal domiciliar era de R\$ 898,90 no ano de 2010 (IBGE, 2010).

Aspectos éticos

Esta pesquisa foi aprovada e consubstanciada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) sob o nº do parecer 5.219.062/2022. Possui cadastro no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (Sisgen) sob o nº A777FA7. Anteriormente à realização das entrevistas, foram esclarecidos aos participantes os objetivos da pesquisa, possibilidade de desistir da entrevista, e sobre o anonimato na divulgação dos resultados. Após o consentimento, foi solicitada a assinatura ou impressão da digital em duas vias (uma destinada aos pesquisadores e uma a cada entrevistado) do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) segundo as exigências éticas do Conselho Nacional de Saúde (Resolução nº 466/2012). A pesquisa ocorreu no período de janeiro a dezembro de 2022.

Coleta dos dados

Aplicou-se a técnica de *Rapport* (BERNARD, 2006) para estabelecer uma relação de confiança, aceitação e compreensão sobre a pesquisa. Assim, foi realizado o contato com comerciantes de artesanato, artesãos e presidente de associação comunitária, no qual, foram expostos os objetivos da pesquisa, a relevância da obtenção de dados sobre o artesanato de Luís Correia e os benefícios que podem ser gerados, principalmente no reconhecimento e divulgação científica dessa atividade socioeconômica.

A definição do universo amostral foi do tipo não probabilístico por amostragem intencional (seleção racional), que centraliza a pesquisa em grupos específicos que detém experiência e/ou conhecimento do universo (ALBUQUERQUE *et al.*, 2014). Para tanto, foram selecionados artesãos com idade igual ou superior a 18 anos residentes no município de Luís Correia por meio da técnica de “Bola de Neve” (BAILEY, 1994), que visa definir, a partir da declaração da própria comunidade, os atores mais significativos do contexto analisado. Desta maneira, com base no primeiro contato com comerciantes de artesanato, agente comunitário de saúde e presidente da associação comunitária, intencionalmente, chegou-se a um artesão, este por sua vez, indicou outro artesão, de tal modo que 80 artesãos foram entrevistados.

Foi adotada a observação participante e realização de entrevistas com aplicação de formulários padronizados semiestruturados (APOLINÁRIO, 2006), abordando questões sobre variáveis sociodemográficas e dinâmica de comercialização. Foi realizado o registro fotográfico com foco na produção das imagens dos fatos, situações estudadas e contexto estudado (TITTONI, 2009). O diário de campo foi adotado como instrumento para o registro de ideias, impressões, observações dos detalhes que ocorrem (ALBUQUERQUE *et al.*, 2014).

Análise dos dados

Os dados foram tabulados em *Microsoft Excel 2019*, baseando-se em análise quantitativa e qualitativa, conforme proposto por Creswell (2007). Contemplando a abordagem exploratória e descritiva (GIL, 2008). Adotou-se a análise proposta por Bardin (2010) que preconiza a estruturação de pré-análise, exploração do material e o tratamento dos dados. As informações foram transcritas e transformadas em categorias temáticas. Em seguida, os dados foram tratados por meio de estatística descritiva (frequências relativas) relacionada ao perfil socioeconômico e variáveis inerentes à dinâmica socioprodutiva dos artesanatos, estabelecendo sínteses, comparações e interpretações, as quais, foram utilizadas na elaboração dos gráficos e tabelas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil socioeconômico dos entrevistados

A maioria (81,25%) dos artesãos são do gênero feminino (Tabela 2.1). Os dados se assemelham com os de Vieira *et al.* (2019), que realizaram um estudo com artesãos em três municípios da região dos Lençóis Maranhenses, constatando a maior participação feminina. Ressalta-se, em particular, a importância do papel feminino nas comunidades rurais, onde as mulheres, além dos afazeres domésticos e criação dos filhos auxiliam na obtenção de renda. Carvalho (2018) destacou o papel das mulheres no extrativismo da *Typha domingensis*, como sendo uma cultura transmitida pelas gerações anteriores e por processos de observação do cotidiano, sobretudo porque o conhecimento do manejo correto é passado de artesã para artesã durante a colheita e nos encontros nas associações, centros de artesanatos, reuniões do grupo e em espaços de oração realizado no Assentamento Santana dos Frades, Pacatuba/SE.

Tabela 2.1 - Dados descritivos do perfil socioeconômico dos artesãos com espécies vegetais entrevistados em Luís Correia, Piauí.

Variáveis Socioeconômicas		Número de entrevistados	Percentual (%)
Gênero	Masculino	15	18,75%
	Feminino	65	81,25%
Faixa etária	18 a 29 anos	8	10%
	30 a 59 anos	57	71,25%
	60 anos ou mais	15	18,75%
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	53	66,25%

	Ensino Fundamental Completo	16	20%
	Ensino Médio Completo	10	12,5%
	Ensino Superior Completo	1	1,25%
Atividade	Artesão	50	62,5%
	Artesão e extrativista	1	1,25%
	Extrativista	29	36,25%
Renda	Um salário mínimo	75	93,75%
	Até três salários mínimos	5	6,25%

Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Gonçalves *et al.* (2021), em seu estudo na Floresta Nacional do Tapajós (Flona Tapajós), região oeste do estado do Pará, descreveram que a relação das mulheres está baseada historicamente na cultura de alguns povos em coletar alimentos, combustíveis e matéria-prima para a confecção de artesanatos. Essa atividade representa uma oportunidade de sustento em região com um baixo índice de desenvolvimento humano, principalmente para as mulheres (CASTILHO *et al.*, 2017).

O município de Luís Correia tem sua economia fundamentalmente, baseada no segmento de bens e serviços, no setor do turismo e na agricultura familiar, além de agropecuaristas com produção suína, avícola, bovinocultura, ovinocultura e caprinocultura.

A idade dos entrevistados variou de 18 a 78 anos na comunidade e a maioria dos artesãos são adultos 71,25% (30 a 59 anos), seguido de idosos 18,75% (60 anos ou mais) e Jovens (18 a 29 anos). A maioria dos entrevistados possui Ensino Fundamental incompleto (66,25%) seguido do Ensino Fundamental Completo (20%), Ensino Médio Completo (12,5%) e Ensino Superior Completo (1,25%). Os estudos em ambiente rural demonstram que é comum encontrar populações que se caracterizam pela baixa escolaridade e de elevada faixa etária (PAES; MIRO; TERRA, 2016; SILVA, 2021).

Com relação à renda dos entrevistados, a maioria (93,75%) têm renda igual a um salário mínimo (referente a R\$1.212) e apenas (6,25%) tem renda maior que um salário mínimo. É perceptível que o artesanato, apesar de ser a única fonte de renda para a maioria das famílias, ainda é insuficiente na garantia de melhores condições financeiras (SILVA *et al.*, 2016).

As atividades artesanais se constituem como umas das fontes de renda para comunidades tradicionais. É através do trabalho e suas produções que a vida é garantida. Nestas atividades estão incluídos aspectos socioeconômicos (trabalho e geração de renda) e fatores culturais, seja na forma de conteúdo do patrimônio material (produtos, utensílios e demais objetos) e imaterial (significados e conhecimentos) (MOURÃO, 2021).

Lima (2015), em trabalho realizado na região Norte do estado do Piauí, relaciona a busca de ocupações informais e de baixa remuneração à falta de emprego formal em localidades com

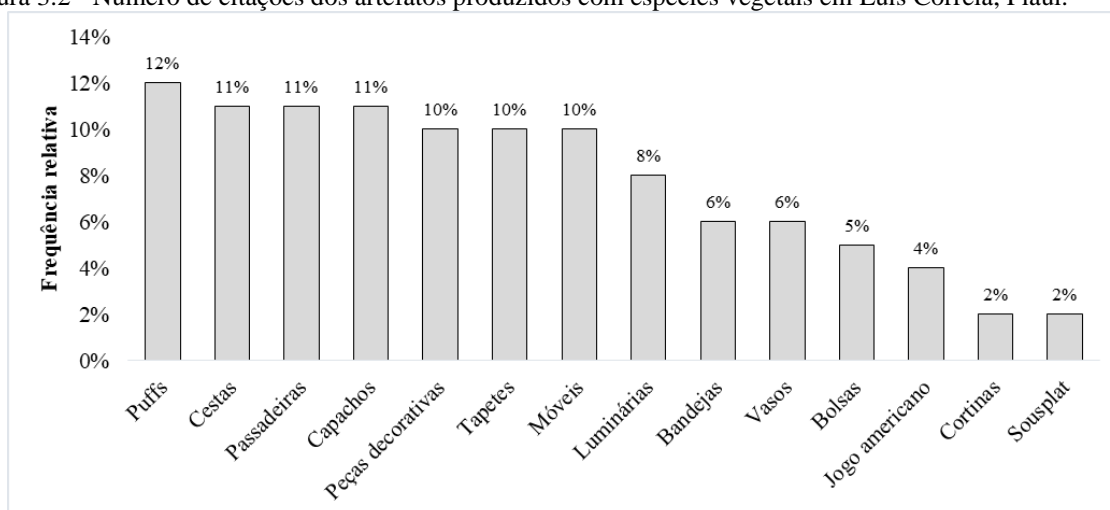
baixo crescimento econômico e a existência de moradores com grau de instrução inferior ao que o mercado de trabalho exige, sendo comum o baixo valor de venda associado aos artesanatos produzidos (VIEIRA; LOIOLA, 2014).

Dinâmica de produção e comercialização

Diante da diversificação de produtos confeccionados com espécies vegetais disponíveis localmente, foi possível constatar a frequência de confecção de tipos de artesanatos (Figura 3.2). A diversificação dos produtos é fomentada, principalmente, pela demanda de mercado, tendo em vista que os artesãos trabalham por encomenda. Na percepção dos informantes (86,25%), a sofisticação dos artefatos possibilita a maior aceitação pelos clientes. O estudo de Luo, Ahmed e Long (2020), realizado no sudoeste da China, constatou que as tendências de mercado tendem a influenciar na diversificação da produção artesanal de bambu.

Foi constatado que ao longo do processo, estabeleceu-se uma rede colaborativa de clientes, os quais solicitam artesanatos com medidas específicas, inclusive estabelecidas por arquitetos. De modo similar, Guadagnin e Gravato (2013) e Báez-Lizarazo *et al.* (2018) constataram que a dinâmica de mercado influencia no processo de produção, resultando no processo de sofisticação de técnicas e incremento de materiais alternativos.

Figura 3.2 - Número de citações dos artefatos produzidos com espécies vegetais em Luís Correia, Piauí.



Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Foi constatado o motivo que fomentou a utilização de espécies vegetais e o ingresso no ramo do artesanato, 84,2%, afirmaram que foi a necessidade de obtenção de renda, enquanto 10,5%, destacaram que optaram pela manutenção da cultura familiar, 5,3% que o ingresso se

deu pelo incentivo de parentes. A valorização de bens simbólicos, permite que o produtor de artesanato assuma um papel de destaque na manutenção do patrimônio cultural, permitindo que a cultura tradicional ou popular, emergja como recurso fundamental no cruzamento da economia, emprego e desenvolvimento integrado (MELLO, 2015).

O estudo de Abdullah *et al.* (2020), realizado em áreas do Paquistão acerca o uso da palmeira (*Nannorrhops ritchiana* (Griff) Aitch.) no artesanato, mostrou variações culturais e regionais, bem como, o processo de valorização ambiental, cultural e econômica. Os usos variam de acordo com áreas culturais, indicando que o patrimônio cultural influencia na prática artesanal. Nesse sentido, no litoral piauiense foi registrada uma diversidade de artefatos produzidos dentro da perspectiva sociocultural existente, principalmente para atender a demanda de mercado. Pôde-se constatar as dimensões e valores dos produtos mais comercializados (Tabela 2.2).

Tabela 2.2 - Dimensões e valores de artefatos produzidos com espécies vegetais e comercializados em Luís Correia, Piauí.

Item	Tamanho (metros)	Valor R\$ / unidade
Tapetes redondos	1 x 1	90,00 – 140,00
	1,20 x 1,20	120,00
	1,5 x 1,5	170,00 – 260,00
	2 x 2	260,00
	2,5 x 2,5	320,00
Tapetes quadrados	1 x 1	110,00
	1,5 x 1,5	200,00 – 330,00
	2 x 2	300,00
	3 x 3	800,00
Tapetes retangular	3 x 2	700,00
	3 x 2,5	750,00
	2 x 1,5	280,00
Puffs redondos e quadrados	50 x 40	140,00
	50 x 30	90,00
	50 x 20	70,00
	50 x 40	170,00
	50 x 30	130,00
Passadeira de porta redonda	1,5 x 0,50	85,00
	1,5 x 0,50	95,00
Capacho redondo e quadrado	0,70 x 0,40	30,00
	0,70 x 0,40	35,00
	90 x 40	40,00
	90 x 40	45,00
Tamboretetes	0,70 de altura	140,00
Cadeiras	1 x 0,40	200,00

Poltrona	0,70 x 0,70	800,00
Sofá 3 lugares	1,6 x 0,40	1.200,00
<i>Sousplat</i>	0,20 de diâmetro	15,00
Lixeira	40 x 30	40,00
Filtro dos sonhos	0,25 de diâmetro	50,00 e 70,00
Cesto do tipo cofo	45 x 30	50,00
Cortina de semente de mucunã	1,5 x 2	120,00
Fruteira	0,40 de diâmetro	65,00
Luminária	25 x 20 / 30 x 25	30,00 e 40,00
Objetos decorativos	—————	10,00 a 50,00

Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Destaca-se que a confecção de puffs, cestarias, passadeiras e capachos é uma atividade tradicional entre os moradores, praticada pelos mais idosos, como também pelos mais jovens, correspondendo de forma conjunta a 45% da produção de artefatos destinados à comercialização, incluem objetos confeccionados a partir da fibra da folha trançada, comumente produzidas com taboa e carnaúba. Os estudos de Marques *et al.* (2019) e Bansal *et al.* (2019) retratam que a fibra da taboa (*Typha domingensis* Pers.) é comumente utilizada por diversos grupos de artesãos em várias regiões do mundo. Assim como, a Carnaúba (*Copernicia prunifera* (Mill.) H.E. Moore), que pode ser utilizada na confecção de cestos, cordas, tapetes, bolsas e objetos de decoração (GUIMARÃES *et al.*, 2018).

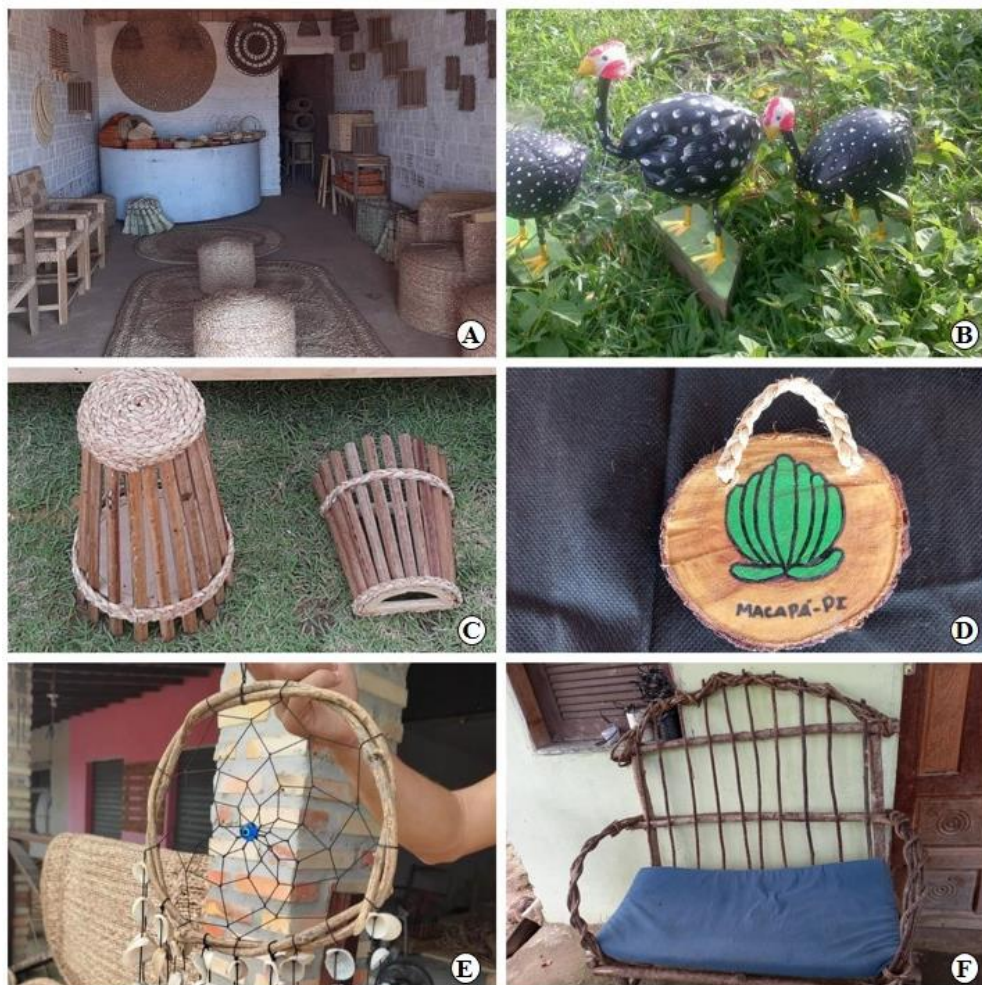
Considerando a diversificação de produtos, nota-se que a biodiversidade do litoral piauiense apresenta relevância socioeconômica, a qual, pode ser explorada de modo conservacionista. Dada as potencialidades deste território, ações de gestão e fomento para a incrementação de mais espécies representa uma via possível para o desenvolvimento local, possibilitando geração de mais renda.

Rakotoarisoa *et al.* (2016) avaliaram na região do Lago Alaotra, Madagascar, a substituição de *Cyperus madagascariensis* (Willd.) Roem. & Schult. (papiro tradicional) por *Eichhornia crassipes* (Mart.) Solms (aguapé), como fonte de matéria prima para o artesanato. Alguns pontos positivos foram detectados: diminuição do tempo de confecção; produtos mais robustos e mais aceitáveis pelos clientes e agregação de valor (3 vezes a mais). Além disso, o uso de *E. crassipes* possibilitaria aumento de renda das famílias, criação de novas possibilidades mercadológicas e redução da pressão de uso sobre *C. madagascariensis*.

Na área de estudo, constatou-se uma variável produção artesanal com as espécies encontradas localmente (Figura 3.3). Foram citadas as espécies de Taboa (*Typha domingensis* Pers), Mucunã (*Dioclea grandiflora* Mart. ex Benth), Carnaúba (*Copernicia prunifera* (Mill.)

H.E. Moore), Coqueiro (*Cocos nucifera* L.), Marmeleiro (*Croton urticifolius* Lam.), Nim indiano (*Azadirachta indica* A. Juss.), Mangue-vermelho (*Rhizophora mangle* L.) e Cipó-de-Boi (*Adenocalymma validum* (K. Schum.) L.G. Lohmann). Após passarem por processos de coleta, secagem, planejamento e confecção resultam em artesanatos de boa qualidade, visando atender a demanda de mercado, a qual, gera renda e reafirma a cultura tradicional da região litorânea do Piauí.

Figura 3.3 - Produtos de artesanato com espécies botânicas, Luís Correia, Piauí. **A.** Loja de artesanato. **B.** Artesanato com fruto do Coqueiro. **C.** Luminária de fibra de Taboa com talo de Carnaúba. **D.** Objeto decorativo do galho de Nim-indiano. **E.** Filtro dos sonhos com cipó-de-boi. **F.** Sofá de jardim com galhos de marmeleiro.



Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Estudos sobre o uso da flora no artesanato têm associado fatores socioeconômicos e mudanças culturais. Campos *et al.* (2019) constataram em uma comunidade indígena Fulni-ô, no estado de Pernambuco, que a proximidade entre povos indígenas e não indígenas resultou em alterações culturais e socioeconômicas, observadas através das mudanças de traços culturais, resultando na redução do conhecimento tradicional acerca da natureza. Foi notado

que a diversidade de recursos e maior escolaridade estão relacionados ao conhecimento mais abrangente sobre a palmeira. Os Fulni-ô que usam a folha tem menor escolaridade em relação aos que apenas conhecem.

Nedelcheva *et al.* (2011) constataram que a diversificação de materiais vegetais (plantas nativas de fácil colheita e baixo custo) na fabricação de objetos está associada a maior qualidade e valor ornamental ou simbólico. Portanto, entende-se que as características do artesanato representam a vegetação local, a composição e diversidade das espécies e a heterogeneidade cultural local.

Algumas variáveis foram avaliadas relacionadas a influência na dinâmica socioprodutiva e na comercialização dos artesanatos do litoral piauiense. Cada variável foi avaliada pelo grau de importância dada com base na percepção do artesão (Tabela 2.3).

Tabela 2.3 – Variáveis relacionadas à dinâmica de produção e comercialização dos artesanatos com espécies vegetais, Luís Correia, Piauí.

Variáveis	Sem relevância	Baixa importância	Média importância	Alta importância	Grande relevância
Estímulos e subsídios do poder público	11,25%	83,75%	5%	0%	0%
Localização geográfica	2,5%	2,5%	1,25%	11,25%	86,25%
Qualidade da mão-de-obra	0%	12,5%	12,5%	75%	0%
Custo da mão-de-obra	0%	0%	6,25%	93,75%	0%
Proximidade com fornecedores	0%	0%	5%	95%	0%
Proximidade com clientes	0%	0%	87,5%	12,5%	0%
Infraestrutura disponível	0%	25%	50%	25%	0%
Transporte	0%	6,25%	6,25%	18,75%	68,75%

Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Diante do exposto na Tabela 3 e com base na perspectiva de um aglomerado produtivo do artesanato para o litoral do Piauí, pode-se constatar a falta de integração e cooperação entre os artesãos. Dos entraves para a dinâmica de produção e comercialização foram citadas problemáticas como transporte e organização (76,25%), falta de incentivo financeiro do poder público (18,75%) e os meses de baixa lucratividade nas vendas (2,5%). Especificamente, destacaram a falta de pessoas para a confecção das tranças de taboa – etapa anterior a produção dos artefatos (2,5%).

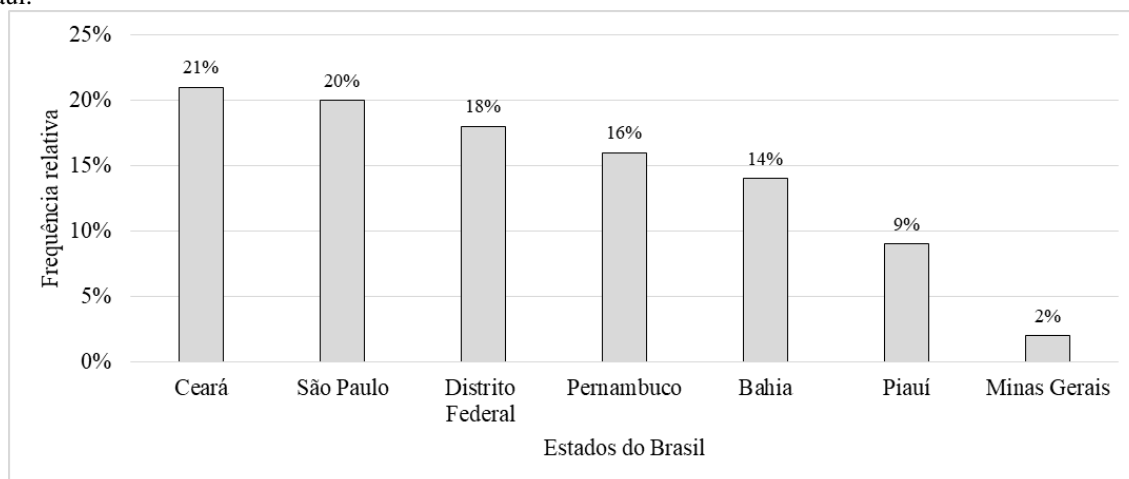
Como solução para as problemáticas, a atuação conjunta dos artesãos geraria impactos positivos, como redução de custos na aquisição da matéria-prima, criação de locais de armazenamento, acesso a transporte para envio dos produtos, aumento das vendas e resultaria no aumento da competitividade. 83,75% consideraram de baixa importância os estímulos do poder público, uma vez que, a participação dos órgãos públicos é ineficiente. Foi relatada a participação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) na

realização de oficinas de formação e no incentivo logístico, viabilizando a participação dos artesãos em feiras e eventos em outros estados. Nesse sentido, Ferreira, Sobrinho e Helal (2014) defendem que a aplicação de políticas públicas faz-se necessárias a fim de contribuir na realização de experiências em arranjos produtivos que resultem em empoderamento e representatividade beneficiando os artesãos, as famílias e a comunidade de modo geral.

A localização geográfica é considerada um ponto de alta relevância (86,25%) na dinâmica de mercado do artesanato. Nesse sentido, a área é privilegiada por ter proximidade com bonitas praias do litoral piauiense, abundância de matéria-prima e tradições passadas ao longo das gerações. Assim, o artesanato pode ter se desenvolvido estimulado pelo turismo, por ser considerado um atrativo que representa a cultura da região e gera renda. Segundo Favilla, Barreto e Rezende (2016), a cadeia produtiva do artesanato possui forte relação com o turismo no nordeste brasileiro, integrando diversos negócios relacionados com a economia da cultura, do entretenimento e do lazer. Proença e Panosso Netto (2022) constataram que o aumento do fluxo de turistas na comunidade indígena Nova Esperança, no estado do Amazonas, impulsionou a venda dos artesanatos e atraiu mais pessoas para exercer a atividade.

O comércio, ocorre da seguinte forma: venda a atravessadores, venda direta, venda pela associação em regime de consignação (porcentagem de 20% para a associação), lojas locais, feiras e eventos, vendas sob encomenda para outros estados, sendo essas duas últimas, os maiores canais de comercialização. Essa dinâmica de vendas foi constatada por González-Pérez, Robert e Coelho-Ferreira (2013) em aldeias Kayapó, no estado do Pará. Com base na venda por encomenda, foram citados os principais estados que consomem os artesanatos produzidos com espécies vegetais no município de Luís Correia (Figura 3.4).

Figura 3.4 - Principais estados de comercialização dos artefatos produzidos com espécies vegetais em Luís Correia, Piauí.



Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Sobre as características das relações trabalhistas, todos os artesãos informaram que não possuem contrato formal, que o prazo de contratação de serviços se dá de forma temporária ou por produção, que o treinamento de pessoal é pouco frequente e que não possuem exclusividade de prestação de serviços. Apesar dos pontos críticos, todos afirmaram que estão satisfeitos com a profissão. Nesse aspecto, a dinâmica socioproductiva do artesanato pode ser articulada como eixo estratégico de desenvolvimento e valorização de territórios a partir da atuação dos setores públicos e privados (SANTOS, 2011). Portanto, estimular a atividade artesanal de forma articulada ao turismo, representa um projeto de desenvolvimento que evidencia as potencialidades e vocações territoriais (LUÍS; FIGUEIRA, 2017).

As redes sociais foram citadas (84,2%) como principal meio de divulgação, negociação ou *marketing* dos artesanatos produzidos. A tecnologia, torna-se uma ferramenta poderosa, para entender o comportamento, perfil e características dos compradores. As mídias digitais possibilitam que os artesãos, empreendam e desenvolvam novas habilidades e facilita a comunicação direta e rápida com clientes e fornecedores (OKANO; SIMÕES; LANGHI, 2020; ROSUMEK; MINNI; BROD, 2021).

Obstáculos e perspectivas para a organização foram observados em grupos de artesãos de Madagascar. Falta de conhecimento sobre marketing representa um gargalo a ser superado para a exportação dos produtos. Somado a isso, existem barreiras de comunicação e baixa capacidade de inovação e design. Foi sugerido a criação de redes e grupos de artesãos; melhoria no marketing; e possibilidades de financiamento e ampliação de mercado (RAKOTOARISOA *et al.*, 2016).

CONCLUSÃO

Conclui-se que a utilização das espécies no artesanato em Luís Correia torna-se relevante para atividade socioeconômica da região, pois apresenta-se como fonte de renda para muitas famílias, além de manter as tradições locais, reafirmando a potencialidade do território. Destacou-se o potencial etnobotânico e socioeconômico de *Typha domingensis* (taboa), quando comparada a outras espécies utilizadas para o artesanato na região.

A produção de uma gama de produtos, busca atender a dinâmica de mercado, principalmente, na comercialização por encomenda, gerando ocupação e renda. Há um mercado garantido dos produtos, uma vez que existe uma rede de contatos entre artesãos e clientes de outros estados brasileiros, estabelecidas principalmente nas feiras de artesanatos nas diversas regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABDULLAH, S. M. K.; PIERONI, A.; HAQ, Z. U.; AHMAD, Z. Mazri (*Nannorrhops ritchiana* (Griff) Aitch.): a remarkable source of manufacturing traditional handicrafts, goods and utensils in Pakistan. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 16, n. 45, p. 1-13, 2020.
- AGUIAR, R. B. de; GOMES, J. R. de C. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea: estado do Piauí**: diagnóstico do município de Luís Correia. Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2004.
- ALBUQUERQUE, U. P.; RAMOS, M. A.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Methods and techniques in Ethnobiology and Ethnoecology. In: ALBUQUERQUE, U. P.; CUNHA, L. V. F. C.; LUCENA, R. F. P.; ALVES, N. L. (Org.). **Methods and techniques in ethnobiology and ethnoecology**. New York: Humana Press, 2014. p. 15-37.
- APOLINÁRIO, F. **Introdução à análise quantitativa de dados**. In: APOLINÁRIO, F. (ed). Metodologia científica: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Thomson Learning, 2006. p. 145-168.
- BÁEZ-LIZARAZO, M. R., SANTORO, F. R., ALBUQUERQUE, U. P., RITTER, M. R. Aquatic vascular plants as handicraft: a case study in southern Brazil. **Acta Botanica Brasílica**, v.32, p. 88-98, 2018.
- BAILEY, K. **Methods of social research**. 4. ed. New York: The Free Press, 1994. 588p.
- BANSAL, S. *Typha* (Cattail) Invasion in North American Wetlands: Biology, Regional Problems, Impacts, Ecosystem Services, and Management. **Wetlands articles**, v.39, n.1, p. 645-684, 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2010.
- BERNARD, H. **Research methods in cultural anthropology**. 2ed. Newbury Park: Sage Publications, 2006, 803p.
- BRASIL. **Portal do Artesanato Brasileiro**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/artesanato>. Acesso em: 01 set. 2022.
- CAMPOS, J. L. A.; ARAÚJO, E. de L.; GAOUE, O. G.; ALBUQUERQUE, U. P. Socioeconomic Factors and Cultural Changes Explain the Knowledge and Use of Ouricuri Palm (*Syagrus coronata*) by the Fulni-ô Indigenous People of Northeast Brazil. **Economic Botany**, v. 73, n. 2, p. 187–199, 2019.
- CARVALHO, A.F.D. **Mulheres artesãs: extrativismo da taboa (*Typha* spp.) em Pacatuba/SE**. 2018. 230p. Tese (Doutorado em Associação Plena em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal de Sergipe, SE, Brasil.
- CASTILHO, M. A. *et al.* Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. **Interações (Campo Grande)**, v. 18, p. 191-202, 2017.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FAVILLA, C.; BARRETO, L.; REZENDE, R. **Artesanato Brasil**. Brasília: Sebrae, 2016.

FERREIRA, T. B.; SOBRINHO, J. M.; HELAL; D. H. Limites e possibilidades de empoderamento a partir de políticas públicas: o caso dos artesãos da cidade de Lajes Pintadas/RN. **Revista interdisciplinar de gestão social**, v.3, n.3, set./dez., 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, D. C. M. *et al.* Uso de produtos florestais não madeireiros em comunidades da Flona Tapajós. **Nativa**, v. 9, n. 3, 2021.

GONZALEZ-PEREZ, S. E.; DE ROBERT, P.; COELHO-FERREIRA, M. Seed use and socioeconomic significance in Kayapó handicrafts: a case study from Pará State, Brazil. **Economic botany**, v. 67, n. 1, p. 1-16, 2013.

GUADAGNIN, D.; GRAVATO, I. Ethnobotany, Availability and Use of Lianas by the Kaingang People in Suburban Forests in Southern Brazil. **Economic Botany**, v. 67, n. 4, p. 350-362, 2013.

GUIMARÃES, P. P.; BOTREL, R. T.; NOGUEIRA N. W.; CASTRO, V. G.; AGUIAR, G. P.; CARMO, F. C. A. Produtos florestais não madeireiros do nordeste brasileiro: carnaúba. **Nativa**, v. 6, n. 2, p. 213-218, 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo agropecuário**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 1-105, 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cadastro Central de Empresas 2018. **Pessoal ocupado**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis –**Plano de Gestão e Diagnóstico Geoambiental e Sócioeconômico da APA Delta do Parnaíba**. Fortaleza: IEPS/UECE, 1999.

ICMBIO. Instituto Chico Mendes de conservação da biodiversidade, Ministério do Meio Ambiente. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba**. 2020. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/plano_de_manejo_da_apa_delta_do_parnaiba.pdf. Acesso em: 18 jan. 2023.

INMET. Instituto Nacional de Meteorologia. **Banco de Dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa (BDMEP) do Instituto Nacional de Meteorologia**. 2011. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=bdmep/bdmep>. Acesso em: 12 jan. 2023.

- KAUFMANN, M. P.; CANCELIER, J. W. As práticas artesanais aliadas da conservação da agrobiodiversidade em Ibarama-RS. **AMBIENTES EM MOVIMENTO**, v. 2, n. 1, p. 1-22, 2022.
- LIMA, N. K. do N. **Artesanato como exemplo de trabalho informal em uma região econômica periférica: uma análise geográfica do aglomerado produtivo de palhas e bordados da Região Norte do Piauí**. 2015. 202 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.
- LUÍS, S. C. A.; FIGUEIRA, L. M. Artesanato e turismo: artesanato, valorização e desenvolvimento. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 2, p.349-355, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.34624/rtd.v2i27/28.20879>. Acesso em: 12 Jan. 2023.
- LUO, B.; AHMED, S.; LONG, C. Bamboos for weaving and relevant traditional knowledge in Sansui, Southwest China. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 16, n. 63, p. 1-9, 2020.
- MARQUES, M. C. H.; SANTOS, I. S.; LEAL, G. F.; BARROS, M. P. F. *Typha domingensis* Pers. (Typhaceae): do artesanato à fitorremediação de ambientes aquáticos continentais eutrofizados In: FERREIRA, M. I. P. *et al.* Engenharia & Ciências Ambientais: contribuições à gestão ecossistêmica. **Essentia**, p. 451, 2019.
- MELLO, C. I. O artesanato rural na dinâmica do desenvolvimento local—entre a preservação e a comercialização. **Revista IDEAS**, v. 9, n. 1, p. 103-140, 2015. Disponível em: <https://revistaideas.ufrj.br/ojs/index.php/ideas/article/view/149/148>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- MOURÃO, N. M. Espécies Vegetais, artesanato e design: um estudo das práticas sustentáveis em comunidades da Amazônia Maranhense. In: IX Encontro de Sustentabilidade em Projeto (ENSUS) - UFSC – Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/228899>. Acesso em: Acesso em: 14 abr. 2022.
- NEDELICHEVA, A.; DOGAN, Y.; OBRATOV-PETKOVIC, D.; PADURE, I. M. The Traditional Use of Plants for Handicrafts in Southeastern Europe. **Human Ecology**, v. 39, p. 813–828, 2011.
- NOJOSA, B. B. Cada jeito, um feito: uma interpretação do artesanato do Ceará através do livro ilustrado. 163p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Design da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto - FBAUP, MDGPE. 2022.
- OKANO, M.T.; SIMÕES, E. A.; LANGHI, C. Plataformas de negócios digitais: o poder da transformação digital nos dispositivos móveis. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 2, p. e95922097-e95922097, 2020.
- PAES, R. S.; MIRO, J. M. R.; TERRA, R. P. Organização Socioespacial dos artesãos de esteiras da Comunidade de Barra do Açu, São João da Barra/Rj. **Revista Geografica Acadêmica**, v. 10, n. 2, p. 67-81, 2016.

PIAUÍ. Secretaria de Estado de Cultura. Superintendência de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense. **Artesanato piauiense**. Disponível em: <https://www.artesanatopiauiense.pi.gov.br/institucional/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PROENÇA, A. R. G. B.; PANOSSO NETTO, A. Turismo em territórios indígenas: desenvolvimento e impacto sociocultural na Comunidade Indígena Nova Esperança “Pisasú Sarusawa” (Rio Cuieiras -Amazonas). **Revista Brasileira De Pesquisa Em Turismo**, v. 16, p.2408, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2408>. Acesso em: 15 Jan. 2023.

RAKOTOARISOA, T. F.; RICHTER, T.; RAKOTONDRAMANANA, H.; MANTILLA-CONTRERAS, J. Turning a Problem Into Profit: Using Water Hyacinth (*Eichhornia crassipes*) for Making Handicrafts at Lake Alaotra, Madagascar. **Economic Botany**, v. 70, n. 4, p. 365–379, 2016.

ROSUMEK, G. B.; MINNI, E. L. L.; BROD, M. Processo de adaptação digital da Empresa Artesanato Blumenau em tempos de pandemia global. **Revista de Extensão e Iniciação Científica da Unisociesc**, v. 8, n. 1, p. 1-18, 2021.

SANTOS, T. de S. **Desenvolvimento local e artesanato: um análise de dois municípios de Minas Gerais**. 2011. 108 f. Dissertação (Mestrado em administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2011.

SILVA, A. A. **Manejo, extração, uso e beneficiamento da palha do tucumã por mulheres da reserva extrativista Tapajós-Arapicuns, Pará, Brasil**. 79p. 2021. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Oeste do Pará.

SILVA, M. G.; NASCIMENTO, M. G. P.; REIS, R. B. dos; SILVA, M. F. S.; ANDRADE, I. M. de. Potencial de *Mandevilla clandestina* J. F. Morales (Cipó-de-leite) no artesanato de Parnaíba-PI, Brasil. **Revista ESPACIOS**, v. 37, n. 36, 2016. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a16v37n36/16373615.html>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SOLDATI, G.; ALBUQUERQUE, U. P. Produtos florestais não-madeireiros: uma visão geral *In*: ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. **Árvores de valor e o valor das árvores: pontos de conexão**. Recife: NUPEEA, p. 15-60, 2010.

TITTONI, J. (Org.). *Psicologia e fotografia: experiências em intervenções fotográficas*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2009.

VIEIRA, I. R.; LOIOLA, M. I. B. Percepção ambiental das artesãs que usam as folhas de carnaúba (*Copernicia prunifera* HE Moore, Arecaceae) na Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, Piauí, Brasil. **Sociedade & Natureza**, v. 26, p. 63-76, 2014.

VIEIRA, I. R.; OLIVEIRA, J. S.; LOIOLA, M. I. B. Efeitos do extrativismo de fibras de carnaúba, Piauí, Brasil. **REDE – Revista Eletrônica do PRODEMA**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 96-109, 2016.

VIEIRA, I. R.; OLIVEIRA, J. S. de; SILVA, G. O.; SANTOS, K. P. P. dos; VIEIRA, F. J.; BARROS, R. F. M. de. Perception of extractivists about the *Mauritia flexuosa* palm swamp in the Lençóis Maranhenses Region, Brazil. **Sociedade & Natureza**, v. 31, p.1-15, 2019. DOI:

10.14393/SN-v31-2019-38808. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/sociedade_natureza/article/view/38808. Acesso em: 24 jan. 2023.

VIEIRA, I. R.; OLIVEIRA, J. S.; SILVA, G. O.; SANTOS, K. P. P. dos; VIEIRA, F. J.; BARROS, R. F. M. de. Artesanatos: da cultura para o turismo na Região dos Lençóis Maranhenses, nordeste brasileiro. **CULTUR: Revista de Cultura e Turismo**, v. 13, n. 1, p. 52-67, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/1753/1872>. Acesso em: 12 jan. 2023.

4.3 Uso e manejo de espécies vegetais associadas a confecção de artesanatos na restinga piauiense, Brasil

Resumo

O estado do Piauí destaca-se pela utilização da flora da restinga na confecção de artesanatos. Este representa um componente da dinâmica sociocultural na geração de renda. Apesar de sua importância a restinga piauiense, enfrenta diversos problemas ambientais. Neste trabalho, o objetivo foi compreender o uso e manejo da flora associada ao artesanato no litoral do estado do Piauí. A pesquisa ocorreu no litoral de Luís Correia, Piauí, no período de janeiro a dezembro de 2022. Adotou-se a técnica de *Rapport* e “Bola de neve” para seleção dos participantes. Foram realizadas 80 entrevistas com formulários semiestruturados e os dados avaliados pelo índice Valor de Importância. Foram citadas oito espécies de plantas utilizadas no artesanato. A família botânica com maior número de espécies utilizadas foi *Arecaceae* (duas). *Typha domingensis* Pers. (Taboa), *Dioclea grandiflora* Mart. ex Benth. (mucunã) e *Copernicia prunifera* (Mill.) H.E.Moore (Carnaúba) apresentaram maior valor de importância, 0,525, 0,2 e 0,112, respectivamente. 86,25% não tem acesso livre aos recursos naturais, enquanto 13,75% tem, por ocorrerem em suas áreas privadas ou áreas públicas. 81,25% destacaram as vantagens econômicas do extrativismo e 18,75% a manutenção cultural da atividade. Relacionado a problemáticas ambientais, citaram a queimada (76,25%), desmatamento (18,75%), expansão imobiliária (2,5%) e poluição de lagos (2,5%). A flora é uma importante fonte de recursos, obtenção de renda e afirmação cultural. Conclui-se que, faz-se necessário promover ações que envolvam a conservação local, e também incentivem a manutenção da cultura e saberes dos povos que dependem do extrativismo e produção artesanal para geração de renda no âmbito regional.

Palavras-chave: Artesãos; Plantas; Piauí.

Abstract

The state of Piauí stands out for the use of plants from the restinga flora in the manufacture of handicrafts. This represents a component of the sociocultural dynamics in income generation. Despite the importance of restinga Piauí, it faces several environmental problems. The objective was to understand the use and management of the flora associated with handicrafts on the coast of the state of Piauí. The research took place on the coast of Luís Correia, Piauí from January to December 2022. The *Rapport* and “Snowball” technique was adopted for the selection of participants. 80 interviews were carried out using semi-structured forms and the data were evaluated using the Importance Value index. Eight species of plants used in handicrafts were cited. The botanical family with the highest number of species used was *Arecaceae* (two). *Typha domingensis* Pers. (Taboa), *Dioclea grandiflora* Mart. ex Benth. (mucunã) and *Copernicia prunifera* (Mill.) H.E.Moore (Carnaúba) had the highest importance value, 0.525, 0.2 and 0.112, respectively. 86.25% do not have free access to natural resources, while 13.75% do, because they occur in their private or public areas. 81.25% highlighted the economic advantages of extractivism and 18.75% the cultural maintenance of the activity. Related to environmental issues, they mentioned burning (76.25%), deforestation (18.75%), real estate expansion (2.5%) and lake pollution (2.5%). The flora is an important source of resources, income generation and cultural affirmation. It is concluded that it is necessary to promote actions that involve local

conservation, and also encourage the maintenance of the culture and knowledge of the people who depend on extractivism and artisanal production to generate income at the regional level.

Keywords: Artisans; Plants; Natural Resources.

INTRODUÇÃO

O uso de espécies botânicas no artesanato tradicional tem notável papel social, caracterizando-se como um componente da cultura popular podendo estar envolvidos por significado simbólico e religioso (ALEXIADES, 2003; AGBO *et al.*, 2020). Desta forma, expressa a identidade cultural, religiosa e artística de determinado grupo social (CRUZ; LÓPEZ BINNQUÏST; NEYRA, 2009; NEDELICHEVA *et al.*, 2011; TORRI, 2014).

Grupos humanos buscam na vegetação matérias-primas para a confecção de artesanatos por gerações, explicitando no fazer artesanal uma dinâmica socioproductiva e a perpetuação da cultura (SOLDATI; ALBUQUERQUE, 2010; SANTOS; SILVA, 2016). A avaliação da produção artesanal de utensílios representa o resgate da manutenção do patrimônio cultural e natural das comunidades (KAUFMANN; CANCELIER, 2022).

Estudos etnobotânicos são estratégicos para o levantamento de informações sobre as finalidades socioambientais da vegetação, pois, contribuem para a aquisição de conhecimentos e divulgação de usos dos seres humanos e suas relações com os recursos biológicos (BARBOSA *et al.*, 2018). Podendo revelar, ainda, quais espécies de plantas são utilizadas no artesanato, compreendendo o seu amplo valor social, ambiental e econômico para as comunidades locais (CASTILHO *et al.*, 2017; JESUS, 2017; BAÉZ; LIZARRO, 2018).

Na confecção dos produtos artesanais, é possível observar a sofisticação que é influenciada pelas forças do comércio, e no caso do litoral do Piauí, Brasil, influenciada, também, pelo setor do turismo. Além do valor cultural e social, a produção de artesanato tem se qualificado pelo seu valor de comércio, destacando a valoração de consumo e uso de artesanatos (STANLEY; VOEKS; SHORT, 2012; GUADAGNIN; GRAVATO, 2013).

O artesanato piauiense é uma estratégia de obtenção de renda a partir da flora nativa (PIAUI, 2023). Artesanatos são produzidos por famílias residentes no litoral piauiense (ICMBIO, 2020), usando insumos florestais e configurando-se como fonte de renda, cultura e sustento (CRESPO, 2007; VIEIRA, 2013; VIEIRA; LOIOLA, 2014; VIEIRA; OLIVEIRA; LOIOLA, 2016; SILVA *et al.*, 2016). Luís Correia é o principal município do litoral piauiense vendedor direto de artesanato confeccionado com recursos vegetais aos turistas que frequentam as praias locais.

A restinga é um complexo vegetacional que apresenta rica biodiversidade com valor ambiental e socioeconômico relevante para as comunidades situadas na região litorânea do Piauí (SANTOS-FILHO *et al.*, 2010). Trata-se de formações costeiras de areias quartzosas predominantemente grossas em forma de cordões de relevo paralelos à linha de praia. Relacionado a fitofisionomia, a cobertura vegetal compreende cordões arenosos, dunas, depressões e praias, e dependendo da sua natureza, podem apresentar estrato herbáceo, arbustivo e arbóreo (SANTOS, 2018).

Pode ser considerado um ecossistema vulnerável que sofre ameaças cada vez mais frequentes oriundas da ocupação imobiliária desordenada, retirada clandestina de sedimentos, introdução de plantas exóticas, expansão de atividade agropecuária (ALMEIDA JR. *et al.*, 2011). Tal problemática pode dificultar o reestabelecimento desse ecossistema desencadeando perda de biodiversidade (SCHLICKMANN *et al.*, 2019).

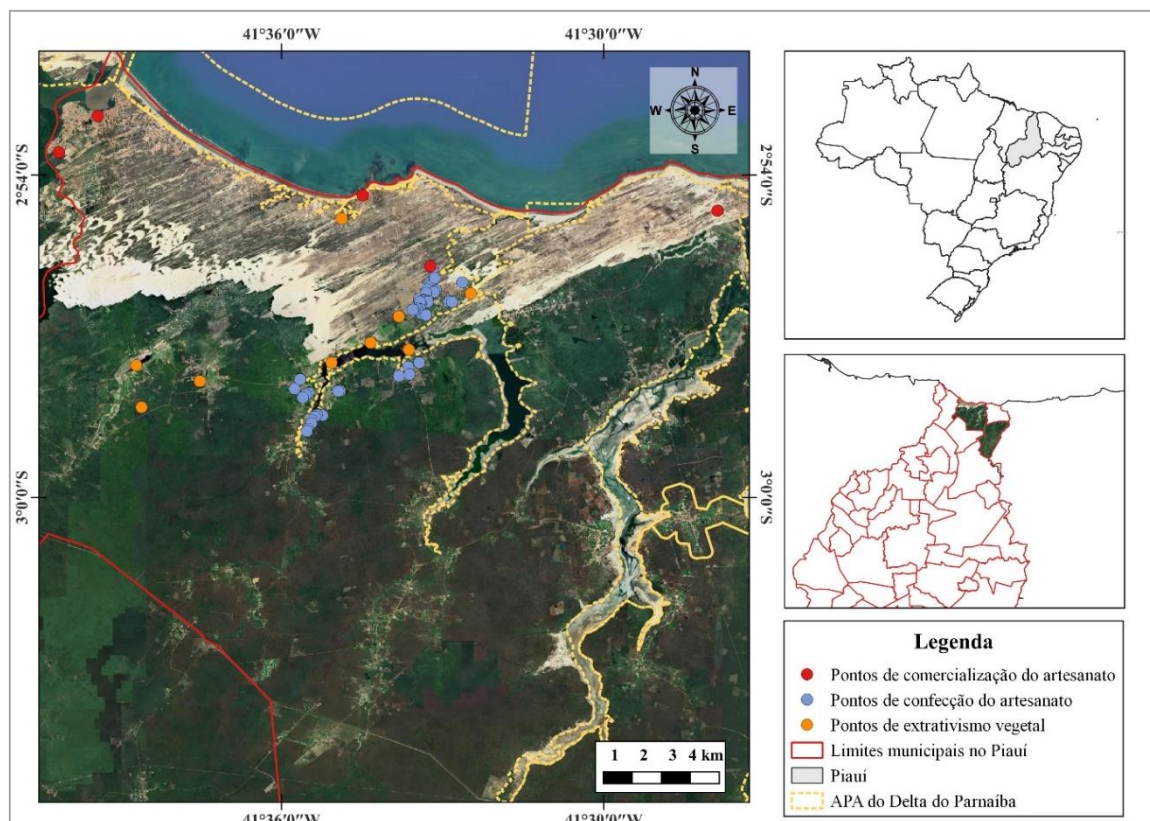
Diante disso, neste trabalho objetivou-se compreender o uso e manejo da flora da restinga na produção de artesanatos culturais destinados à obtenção de renda por comunidades tradicionais no litoral do Piauí.

MATERIAIS E MÉTODO

Área de estudo

O estudo foi conduzido no município de Luís Correia, norte do estado do Piauí. Alguns pontos do território municipal estão inseridos na Área de Proteção Ambiental do Delta do Rio Parnaíba (Figura 4.1). O clima é quente e tropical (mínimas 25°C e máximas de 32°C) (INMET, 2011). A área estudada caracteriza-se por comunidade vegetacional transicional caatinga e cerrado, floresta ciliar de carnaúba/caatinga de várzea e as formações vegetais litorâneas, tais como, dunas, restingas e mangues (IBAMA, 1999; AGUIAR; GOMES, 2004). A população estimada de Luís Correia é de 30.558 habitantes, onde 55% vivem na área rural e 45% em área urbana. Existem 9.893 pessoas cadastradas no cadastro único (IBGE, 2021).

Figura 4.1- Mapa de localização da área de estudo com áreas de ocorrência socioproductiva do artesanato com espécies vegetais no município de Luís Correia, Piauí.



Coleta dos dados

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) sob o nº do parecer 5.219.062/2022 e está cadastrada no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (Sisgen) sob o nº A777FA7. Precedendo a realização das entrevistas foi socializado para cada partícipe sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e posteriormente assinado mediante a concordância. A pesquisa ocorreu no período de janeiro a dezembro de 2022.

Foram realizadas excursões no município e identificadas as comunidades produtoras de artesanatos. Nestas foi realizada a técnica de *Rapport* (BERNARD, 2006) para obtenção de confiança e compreensão sobre a pesquisa. Foram selecionados 80 artesãos com idade igual ou superior a 18 anos residentes no município de Luís Correia por meio da técnica de “Bola de Neve” (BAILEY, 1994).

Foi adotada a observação participante e realização de entrevistas com aplicação de formulários padronizados semiestruturados (APOLINÁRIO, 2006) abordando questões sobre os usos e manejo das espécies vegetais utilizadas. De forma complementar, adotou-se o diário de campo (ALBUQUERQUE *et al.*, 2014) e foram realizados registros fotográficos (TITTONI, 2009).

Análise dos dados

Para a coleta das espécies de plantas empregadas na confecção de artesanatos, foi utilizada a turnê-guiada proposta por Philipis e Gentry (1993) e Albuquerque *et al.* (2014) com a participação de artesãos ou extrativistas locais, os quais, possuem conhecimento sobre as espécies utilizadas e os locais de ocorrência.

Foi quantificado o número de espécies utilizadas. Para compreender quais espécies eram mais importantes no litoral piauiense na produção de artesanatos foi calculado o Valor de Importância, proposto por Byg e Balslev (2001). Este cálculo corresponde a $IVs = nis/n$, onde *nis* representa o número de informantes que consideraram as espécies mais importantes e *n*, o número total de informantes (ALBUQUERQUE *et al.*, 2014).

De forma complementar, adotou-se a análise proposta pré-análise, exploração do material e o tratamento dos dados, proposta por Bardin (2010). Os dados foram tratados por meio de estatística descritiva (frequências relativas) relacionada à sociodinâmica de uso e manejo de plantas para o artesanato.

As espécies vegetais foram determinadas por meio de chaves de identificação taxonômica e por comparação com espécimes do herbário HDELTA da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), bem como por meio de contato com especialistas em taxonomia. Os nomes científicos das espécies foram verificados usando a Lista de Espécies do site Flora do Brasil (FLORA DO BRASIL 2020, 2022). A nomenclatura para as famílias vegetais seguiu APG IV (2016). Após a determinação, os espécimes foram incorporados ao acervo do herbário HDELTA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uso, conhecimento e extrativismo de plantas para o artesanato

Durante as entrevistas, foram citadas oito espécies pertencentes a oito gêneros distribuídas em sete famílias (Tabela 3.1). A família com maior número de espécies foi *Arecaceae* (duas) e as espécies mais citadas foram *Typha domingensis* Pers. (Taboa) e *Dioclea grandiflora* Mart. ex Benth. (Mucunã).

Tabela 3.1 - Espécies utilizadas na produção de artesanatos em Luís Correia, Piauí, Brasil.

Família	Espécie	Nome Vernacular	Hábito	Parte utilizada	Valor de Importância (IVs = nis/n)
Typhaceae	<i>Typha domingensis</i> Pers.	Taboa	Erva	Folhas	0,525
Fabaceae	<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. ex Benth.	Mucunã	Liana	Frutos e sementes	0,2
Arecaceae	<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore	Carnaúba	Árvore	Tronco e folhas imaturas	0,112
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Árvore	Folhas e fruto	0,025
Meliaceae	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Nim da Índia	Árvore	Tronco	0,025
Euphorbiaceae	<i>Croton urticifolius</i> Lam.	Marmeleiro	Subarbusto	Galhos	0,025
Rhizophoraceae	<i>Rhizophora mangle</i> L.	Mangue-vermelho	Árvore	Galhos	0,025
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma validum</i> (K. Schum.) L.G. Lohmann	Cipó de boi	Liana	Galhos	0,062

Constatou-se o total de 24 formas de uso citadas para as oito espécies de plantas: *Typha Domingensis* para confecção de cestos, capacho, puff, tapetes, passadeira, vasos, revestimento para cadeiras, sofás, mesas e tamboretas, suporte para pratos (*sousplat*), jogo americano, bandejas, cabeceira de cama, quadros decorativos, além de outros usos; *Dioclea grandiflora* para a confecção de cortinas, acessório de bolsa e fruteira; *Copernicia prunifera* para produção de fruteiras, luminárias, enfeites de mesa, bolsa, cesto do tipo cofo, objetos decorativos e chapéus; *Azadirachta indica* para confecção de plaquinhas decorativas; de *Adenocalymma validum* para confecção de filtro de sonhos; *Rhizophora mangle* como parte do filtro de sonhos; e *Croton urticifolius* para a produção de sofá de jardim.

De forma similar, constatou-se que *Typha domingensis* e *Typha latifolia* L., seguidas por *Androtrichum giganteum* (Kunth) H.Pfeiff., foram as espécies mais versáteis, ou seja, aquelas das quais ocorreu o maior número de diferentes tipos de artesanato produzidos por comunidades litorâneas no Rio Grande do Sul (BÁEZ-LIZARAZO *et al.*, 2018). Para estes autores a versatilidade dessas espécies pode estar associada com a parte da planta que é utilizada (folhas).

As oito espécies registradas neste estudo (Tabela 1) foram coletadas em distintas áreas mais próximas à região litorânea do município, como lagoas, carnaubais e riachos sazonais ao longo de estradas - comunidades vegetacionais típicas da restinga. Constatou-se que 13,75% dos entrevistados têm acesso livre aos recursos naturais por ocorrerem em suas áreas privadas ou áreas públicas, enquanto 86,25% não têm acesso livre às áreas, pois devem ser autorizadas pelos proprietários ou arrendadas para extrair o recurso necessário.

O extrativismo e o manejo são controlados, com a retirada das folhas, galhos, caule, frutos e sementes, respeitando o tempo de desenvolvimento da planta, retirando apenas partes úteis, possibilitando o rebrote da espécie. Portanto, a retirada do recurso do ambiente natural para o trabalho artesanal gera um baixo impacto para a natureza. Trata-se de uma atividade socioeconômica, na qual, as famílias realizam o manejo da planta em observância à sustentabilidade.

Muitas comunidades que têm a atividade artesanal com espécies vegetais como principal fonte de renda contam com programas ambientais para preservar o cultivo e sua extração (CARVALHO, 2018). Em Luís Correia, o extrativismo vegetal é permitido pelo plano diretor (Lei nº 695 de 30 de junho de 2010), desde que seja uma atividade controlada e de baixo impacto ambiental, em conformidade com as restrições previstas pela legislação ambiental federal, estadual, municipal e pelo Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Parnaíba (LUÍS CORREIA, 2010).

Em relação ao corte das plantas utilizadas, 86,25% dos entrevistados afirmaram que este é realizado com base no conhecimento dos extrativistas sobre a área e as espécies, observando as características morfológicas adequadas e o período do ano que gerasse maior rendimento. Esse padrão de extrativismo para fins artesanais foi observado também por Báez-Lizarazo *et al.* (2018), em comunidades do litoral norte do estado do Rio Grande do Sul, no sul do Brasil, os quais, adotam essa dinâmica de seleção de áreas e reconhecimento das plantas com características mais adequadas (GUADAGNIN; GRAVATO, 2013). Nesse sentido, é notório que o conhecimento sobre a variação das espécies, a seleção de plantas adequadas para diferentes necessidades, os valores socioculturais, as visões de mundo e a relação com a paisagem são fatores interconectados (PETERSON *et al.*, 2019).

Sobre a importância das espécies, destacaram as vantagens econômicas do extrativismo (81,25%) e a manutenção cultural da atividade (18,75%). Dessa forma, fica evidente a ênfase à visão antropocêntrica, uma vez que o ambiente e os recursos naturais são vistos como elementos exclusivamente úteis ao ser humano (SINGER, 1994). Portanto, constata-se a predominância dos valores socioeconômicos sobre os valores socioculturais na visão dos artesãos e extrativistas. Em três comunidades da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, Parnaíba, Piauí, foi constatado que as artesãs de uma delas promovem a conservação ambiental, enquanto as outras duas não expressaram uma consciência conservacionista, predominando, a percepção capitalista (VIEIRA; LOIOLA, 2014).

As plantas são selecionadas com base em características morfológicas consideradas adequadas para a atividade artesanal. Constatou-se que *T. domingensis* (Taboa) apresentou maior preferência (IVs=0,525), por parte dos artesãos, sugere-se que esteja associada à fibra extraída da planta, que apresenta boa qualidade, pois os artefatos apresentam considerável durabilidade, resistindo à ação do tempo. Além disso, o recurso é abundante em razão da proximidade de ecossistemas lênticos, como a Lagoa do Sobradinho e Lagoa das Mutucas. As folhas da taboa são longas, lineares, flexíveis, resistentes e abundantes em inúmeras rametas. Estas características possibilitam a diversificação na confecção de produtos (GUIMARÃES, 2016; SAUINI, 2019).

Typha domingensis Pers., popularmente chamada de “taboa”, é uma planta aquática emersa, perene e que apresenta ampla distribuição geográfica, sendo a planta aquática emersa mais representativa no Brasil (BOVE, 2015; FERREIRA *et al.*, 2019) e do mundo (CARVALHO; MARIATH, 2019). A espécie apresenta capacidade invasora intensa, mas pode ser controlada com programas de monitoramento, técnicas de controle e por meio do uso sustentável para fins artesanais (BANSAL *et al.*, 2019).

Vieira e Loyola (2014) relatam que os benefícios econômicos resultantes da atividade extrativista interferem diretamente nas práticas de manejo. Ferreira *et al.* (2019) destacaram que a extração de ramos verdes e viçosos de *T. domingensis* como fonte de matéria-prima no processo de confecção de produtos artesanais configura-se como uma alternativa de manejo no processo de recuperação dos ambientes aquáticos eutrofizados e sua coleta realizada por extrativistas brasileiros pode ser considerada sustentável, pois mantém o rizoma intacto, o que permite o rebrote.

A espécie *Typha domingensis* é normalmente encontrada em áreas alagadas sendo necessário usar luvas de borracha, botas de plástico e calça comprida. Desse modo evita-se contrair doenças por bactérias, ou mesmo, picadas de cobras e outros animais que habitam os alagados. Deste modo, foi constatado que Equipamento de Proteção Individual (EPI) é pouco utilizado (18,75%) pelos artesãos e extrativistas na comunidade. Geralmente, o transporte é feito pelo veículo próprio, como carroças e camionetes (31,25%) ou em alguns casos são fretados transporte com terceiros (68,75%).

No que diz respeito às partes de *Typha domingensis* coletadas para uso, os artesãos (100%) responderam que utilizam as folhas jovens e imaturas para confecção dos artesanatos, e são coletadas entre seis e oito folhas de cada indivíduo. Segundo relatado pelos artesãos, todos participam dessa etapa (mulheres e homens).

Após a coleta, as folhas são limpas ainda verdes, com água e/ou um pano úmido. Simultaneamente à limpeza, ocorre o processo de desfibramento, que consiste em retirar folha por folha do ramete. A taboa tem dois tipos de fibras, a mais forte que está na parte externa do ramete, e a mais fina que é maleável, conhecida como renda, que está na parte interna do ramete. É durante o processo de desfibramento que os artesãos determinam a espessura da fibra.

Carvalho, Báez-Lizaro e Ritter (2021) destacaram que a maioria dos estudos que envolvem o uso artesanal de *Typha* no Brasil estão relacionados às características específicas das folhas, uma vez que são longo-lineares, resistentes e maleáveis, de fácil manipulação e abundantes nas inúmeras rametas, além das espécies que formam grandes populações com rápida propagação vegetativa.

Os artesãos relatam que após a coleta, as taboas são ‘desfiadas’, momento que se separam as folhas e depois são estendidas ao sol para desidratar. É necessário um local limpo e arejado. Essa fibra só pode estar exposta a intempéries enquanto estiver verde. Quando a fibra começa a amarelar deve ser protegida do sereno e da chuva e, por isso, ao entardecer é recolhida e armazenada em local arejado e sem umidade. Destaca-se que nas próprias casas dos artesãos já dispõe de uma local para guardá-la. Levam-se aproximadamente de oito a dez dias para a desidratação completa da taboa.

O tempo para produção da trança de taboa é variável e está relacionado à quantidade encomendada. Localmente utilizam a medida denominada de “braça”, que segundo relatos dos informantes, equivale aproximadamente a 1,5 metros cada braça. Após a taboa seca, as folhas são separadas de acordo com o tipo de peça a ser produzido, pois dependendo da peça, a espessura da trança será diferente. O trançado consiste em passar, alternadamente, fios ou talas – de matérias primas naturais para construir produtos planos, como por exemplo, jogos-americanos e abanadores, e também volumosos como cesto e móveis (MARQUES, 2015). Há uma variedade de peças confeccionadas a partir da taboa (Figura 4.2). Alguns artesanatos de taboa são produzidos de forma integrada com partes de outras plantas, como a carnaúba e a mucunã.

Figura 4.2 - Etapas do processo de produção do artesanato da taboa em Luís Correia, Piauí. **A.** Coleta da taboa. **B.** Processo de secagem. **C.** Trança da taboa. **D.** Cesto de taboa. **E.** Costura de tapete.

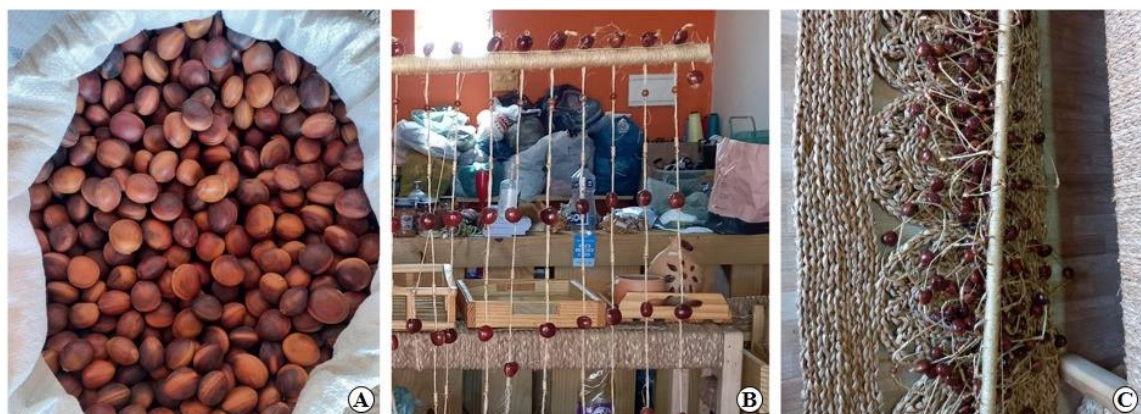


Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Outra espécie mencionada é *Dioclea grandiflora*, conhecida popularmente como mucunã, mucunã-de-carço, olho-de-boi. Seu cipó é vigoroso, revestido de pelos macios e curtos (QUEIROZ, 2014). Sua coleta é feita de forma manual com auxílio de faca, para confecção de objetos artesanais são utilizados facas, agulhas e barbantes. As técnicas empregadas para elaboração das cortinas de mucunã, consiste na perfuração das sementes com objetos pontiagudos e costuradas com barbantes. Além disso, é utilizada como acessório para fechar bolsas e em fruteiras. Mensalmente, são confeccionadas em torno de dez cortinas, embora este número possa variar de acordo com as encomendas.

O recurso utilizado encontra-se em maior abundância entre os meses de dezembro e janeiro, além disso as áreas de exploração preferidas são localizadas próximas às residências (Figura 4.3). De uma planta, pode-se extrair cerca de 20 quilogramas de sementes diariamente e anualmente 1000 quilogramas em média. A espécie foi citada como sendo utilizada em diversas brincadeiras, como amuleto e principalmente no artesanato com a produção de bijuterias e cortinas (DANTAS, 2020).

Figura 4.3 – Mucunã (*Dioclea grandiflora*) utilizado na produção de artesanato em Luís Correia, Piauí. **A.** Sementes em sacos para produção de artesanato, **B e C.** produção de cortinas.



Fonte: Araujo, N. S. (2023).

Foi constatado o uso da carnaúba (*Copernicia prunifera*), palmeira nativa do Brasil pertencente à família Arecaceae (VIEIRA *et al.*, 2015). São utilizadas o pecíolo (talo) e as folhas imaturas para a confecção de artesanatos para fins comerciais. Após a extração das folhas imaturas, os folíolos são separados com auxílio de uma faca. As fibras são expostas ao sol para facilitar a desidratação e poderão ser tingidas ou permanecer com a cor natural. Posteriormente, estarão disponíveis para a confecção do artesanato. Mensalmente são produzidas e comercializadas cerca de 200 vassouras e 15 cofos (Figura 4.4).

Figura 4.4 – A. Retirada das folhas imaturas de *Copernicia prunifera* em Luís Correia, Piauí. B. Cofos com folhas imaturas de Carnaúba. C. Fruteira com talo de Carnaúba.



Fonte: Araujo, N. S. (2023).

O uso da folha da carnaúba na confecção de artesanato é bastante expressivo no nordeste brasileiro. No estado do Piauí, é expressamente utilizada por artesãos dos municípios de Parnaíba e Ilha Grande (BRAGA *et al.*, 2022), gerando sustento para as famílias locais (VIEIRA; LOIOLA, 2014). Outro ponto a ser destacado é a importância dessa produção de artesanatos como atrativo para o turismo cultural da região (SOUSA; MELO; OLIVEIRA, 2014; SOUSA, 2015). Foi constatado o uso da espécie no artesanato em comunidades do sertão

do Rio Grande do Norte e a comercialização dos artefatos em feiras livres (RODRIGUES *et al.*, 2013).

Demartelaere *et al.* (2021) enfatizaram que o uso da carnaúba consiste no conjunto de atividades, em que se utiliza as folhas, o caule, o talo, a fibra, o fruto e as raízes para a fabricação de inúmeros produtos artesanais. Entretanto, Vieira, Oliveira e Loiola (2016) destacaram a expansão comercial dessa atividade e, conseqüentemente, maior exploração das folhas das carnaúbas nas categorias jovens e imaturas, o que pode ocasionar danos à palmeira, considerando que a lesão no meristema apical pode ocasionar morte da planta.

Os dados evidenciaram a utilização de outras espécies como *Adenocalymma validum* (cipó-de-boi). Os cipós podem ser originados de raízes e caules, possuindo estrutura e características que favorecem sua utilização para o artesanato. Estes, fornecem matéria prima importante na produção de cestarias em geral, e ainda na substituição de pregos na atracação de peças usadas na construção de habitações, na produção de peças agrícolas, amarrilhos e pesca artesanal (OLIVEIRA *et al.*, 2006; SILVA *et al.*, 2016). No caso da espécie supramencionada, o cipó é proveniente do caule e é utilizado somente para a produção de objetos decorativos, como o filtro dos sonhos.

Os cipós são componentes importantes das florestas tropicais e também dos produtos florestais não-madeireiros (PFNMs). Os indígenas Kaingang, os retiram em fragmentos florestais remanescentes, localizados ao redor da cidade de Porto Alegre, sul do Brasil, exclusivamente para o comércio de artesanato. Foi registrado o uso de sete espécies de cipós, dentre as 31 utilizadas pelos Kaingang. Dois destes correspondem por 90% de todos os artesanatos vendidos e 40,5% de todos os caules de cipós em remanescentes de crescimento secundário (GUADAGNIN; GRAVATO, 2013).

Galhos secos de *R. mangle* (mangue vermelho) também são utilizados como acessórios na produção de cortinas com sementes de mucunã ou conchas de moluscos marinhos com finalidade comercial. Tem sua utilização na confecção de artefatos de pesca, bancos, enfeites e diversos outros artefatos disponibilizados em lojas. Meireles *et al.* (2018) destacaram o uso desta espécie para confecção de apetrechos de pesca (curral) e na construção de casas, além de citar a espécie com maior valor de importância para a comunidade Canárias, no Maranhão.

Foi citada a confecção de objetos decorativos oriundos da palha e do fruto da palmeira denominada de *Cocos nucifera* L. (coqueiro). Mencionaram o uso do fruto da fabricação de aves decorativas de jardim. O coqueiro apresenta muitos usos, os frutos são consumidos *in natura* ou podem ser utilizados na fabricação de produtos e subprodutos. A casca, estipe, folha, inflorescência e a raiz, também, apresentam interesse econômico (ROCHA; FERREIRA;

GARCIA, 2022), incluindo os usos artesanal, industrial e medicinal (SILVA; MULDER; SANTANA, 2016).

O uso do coqueiro na fabricação de artesanato foi relatado na comunidade aldeia Jaraguá, município de Rio Tinto, Litoral Norte da Paraíba, visando a melhoria das perspectivas socioeconômicas (FERNANDES; JUNIOR; ARAUJO, 2011). Para Manguiera (2014) às fibras do coqueiro podem ter inúmeras utilidades, como confecção de vasos, mantas de contenção de erosão, poltronas para veículos automotores, e frequentemente utilizado na fabricação de artesanatos (bijuterias, botões, utensílios domésticos, objetos decorativos, dentre outros).

Foi citado o uso de *Croton urticifolius* Lam. (marmeleiro) na confecção de sofás de jardim e poltronas utilizando os galhos da planta. A extração dos galhos é realizada com auxílio de facão, os quais são amarrados em feixes e levados à residência do artesão. Os galhos são cortados (numa média de 100 por dia) em tamanhos relativamente padronizados (1,5 a 2 metros de comprimento). Posteriormente, são colocados por três dias em repouso e é realizada a envergadura de acordo com o produto planejado. A fabricação dos artesanatos é feita utilizando martelo, pregos, serrote, serra elétrica, pois os galhos são cortados e pregados de acordo com arranjo do produto. Não foi constatada sobre-exploração do recurso, uma vez que são retiradas apenas partes dos galhos da planta, possibilitando o rebrote. Além disso, as partes reprodutivas são preservadas nesse processo. Vale destacar que a retirada do recurso é feita sob a demanda de encomendas feitas por compradores interessados no produto à base de marmeleiro.

Usos diversos são citados para o marmeleiro, sendo assim, ele representa uma alternativa como estratégia econômica. As varas (galhos cortados em tamanhos padronizados) podem ser utilizadas na construção de casas de taipa, confecção de cercas, ripas de telhados, confecção de camas, de jiraus, além disso, na alimentação humana, haja vista que as sementes contêm ácido oleico e como recurso medicinal (LIRA *et al.*, 2019).

A espécie *Azadirachta indica* (Nim indiano) foi citada na confecção de placas de parede decorativas. A extração dos galhos é realizada com auxílio de facão, os quais são levados à residência do artesão. Os galhos são cortados transversalmente em tamanhos relativamente padronizados com auxílio de uma serra elétrica. Posteriormente, as “placas” formadas após os cortes são pintadas e textos motivacionais adicionados.

O Nim indiano apresenta muitas utilidades, como bioinseticida, fertilizante natural, na medicina humana e animal, na indústria de cosméticos, reflorestamento, arborização urbana. Por apresentar madeira resistente, tem sido usada na fabricação de postes, ripas, caibros, estacas, móveis e utensílios domésticos (JÚNIOR *et al.*, 2021). Neste estudo, o uso do nim

indiano pode ser considerado incomum entre os artesãos locais, porém, representa uma alternativa na diversificação de recursos naturais que podem ser explorados na confecção de artesanatos, uma vez que a espécie é resistente e apresenta crescimento rápido.

Diante do potencial de uso de espécies para o artesanato no litoral de Luís Correia, verificou-se que se trata de uma atividade consolidada cultural e territorialmente, mas que precisa ser melhor explorada, pois, percebe-se problemas de gestão de produção, como ausência de valores precisos da quantidade necessária de material para cada peça; incorporação de outras espécies da flora local, falta de integração entre os artesãos.

Considerando essa realidade, ações de integração e realização de oficinas de compartilhamento de experiências para a melhoria da gestão de produção de artesanatos são necessárias. No estudo de Peterson *et al.* (2019), realizado na Reserva Ecológica da Juatinga, Paraty, Rio de Janeiro, por exemplo, foi constatado o uso de espécies vegetais na confecção de produtos culturais pelos Caiçaras. Foi observado que fazem a seleção de espécies adequadas para a confecção, levando em consideração a anatomia das plantas e qualidade das fibras. Além disto, adotam medidas de controle e conservação dos recursos a partir do contato com a natureza e no compartilhamento de experiências coletivas. Extração de partes da planta sem gerar grandes danos, limite de colheita, coleta apenas das partes que possuem maleabilidade e durabilidade desejadas e rotação de pontos de extrativismo vegetal são algumas das práticas culturais adotadas para garantir a disponibilidade dos recursos.

Assim como, em muitas regiões do Brasil e do mundo, o uso da biodiversidade no litoral de Luís Correia tem sua importância no desenvolvimento de atividades socioeconômicas, reafirmando a vocação cultural local e gerando ocupação e renda. Nesse sentido, é fundamental entender a complexidade das relações estabelecidas a fim de contribuir na construção de um projeto de desenvolvimento sociodinâmico do artesanato com espécies vegetais na perspectiva de conservação dos recursos e sustentabilidade da atividade artesanal (BOCKSTAEL *et al.*, 2016).

CONCLUSÃO

Espécies vegetais de ocorrência na restinga são fonte de matéria-prima para a confecção de diversos utensílios e a sua dinâmica de uso e manejo é envolvida por conhecimentos ecológicos. O extrativismo das espécies, o conhecimento ecológico, a relação com os recursos naturais e o uso para a produção de artesanatos contribuem para a manutenção da relação dos artesãos do litoral piauiense com o seu território. Conclui-se que a retirada dos recursos do

ambiente natural para o trabalho artesanal gera um baixo impacto para a natureza, pois, o extrativismo e o manejo são realizados de maneira controlada.

Faz-se necessário promover ações para a conservação local, a manutenção da cultura e dos saberes dos povos que dependem da produção artesanal para geração de renda. Integrando o poder público, instituições de ensino e pesquisa, iniciativa privada e organizações não-governamentais atuantes do segmento do artesanato em prol do desenvolvimento local e regional.

REFERÊNCIAS

AGBO, R. I.; VIHOTOGBÉ, R.; MISSIOUN, A. A.; DAGBA, R. A.; ASSOGBADJO, A. E.; AGBANGLA, C. Indigenous Knowledge of *Detarium microcarpum* Guill. & Perr. (Caesalpinaceae) and implication for conservation in Benin (West Africa). **Environ Dev Sustain**, v. 22, p. 6261-6285, 2020. Disponível em: <https://doi-org.ez17.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10668-019-00477-33>. Acesso em 01 jun. 2021.

AGUIAR, R. B. de; GOMES, J. R. de C. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea: estado do Piauí**: diagnóstico do município de Luís Correia. Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2004.

ALBUQUERQUE, U. P.; RAMOS, M. A.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Methods and techniques in Ethnobiology and Ethnoecology. In: ALBUQUERQUE, U. P.; CUNHA, L. V. F. C.; LUCENA, R. F. P.; ALVES, N. L. (Org.). **Methods and techniques in ethnobiology and ethnoecology**. New York: Humana Press, p. 15-37, 2014.

ALEXIADES, M. N. Ethnobotany in the Third Millennium: expectations and unresolved issues. **Delpinoa**, n. 45, p. 15-28, 2003.

ALMEIDA Jr., E. B.; SANTOS-FILHO, F. S.; ARAÚJO, E. L.; PIMENTEL, R. M. M.; ZICKEL, C.S. Structural characterization of the woody plants in restinga of Brazil. **Journal of Ecology and the Natural Environment**., v. 3, n. 3, p.95-103, 2011.

APOLINÁRIO, F. **Introdução à análise quantitativa de dados**. In: APOLINÁRIO, F. (ed). Metodologia científica: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Thomson Learning, 2006. p. 145-168.

BÁEZ-LIZARAZO, M. R., SANTORO, F. R., ALBUQUERQUE, U. P., RITTER, M. R. Aquatic vascular plants as handicraft: a case study in southern Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v.32, p. 88-98, 2018.

BAILEY, K. **Methods of social research**. 4. ed. New York: The Free Press, 1994. 588p.

BANSAL, S. *Typha* (Cattail) Invasion in North American Wetlands: Biology, Regional Problems, Impacts, Ecosystem Services, and Management. **Wetlands articles**, v.39, n.1, p. 645-684, 2019.

BARBOSA, N. de M. *et al.* Contribuição da flora nativa no artesanato produzido por índios urbanos na Amazônia. **Biota Amazônia (Biote Amazonie, Biota Amazonia, Amazonian Biota)**, v. 8, n. 3, p. 53-56, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2010.

BERNARD, H. **Research methods in cultural anthropology**. 2ed. Newbury Park: Sage Publications, 2006, 803p.

BOCKSTAEL, E.; BAHIA, N. C. F.; SEIXAS, C. S.; BERKES, F. Participação no planejamento do manejo de áreas protegidas no litoral brasileiro. **Ciência e Política Ambiental**, v. 60, p. 1-10, 2016.

BOVE, C. P. **Typhaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: [http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobra sil/FB76478](http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobra%20sil/FB76478). Acesso em: 20 mai. 2022.

BRAGA, S. de S.; KANITZ, H. G.; PERINOTTO, A. R. C.; GONÇALVES, M. F. A. Carnaúba e seus possíveis usos turísticos do Litoral do Piauí. **Revista de Turismo Contemporâneo**, [S. l.], v. 10, n. 3, 2022. DOI: 10.21680/2357-8211.2022v10n3ID26818. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/26818>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BYG, A, BALSLEV, H. Diversity and use of palms in Zahamena, eastern Madagascar. **Biodiversity and Conservation**, v. 10, p. 951-970, 2001.

CARVALHO, A.F.D. **Mulheres artesãs: extrativismo da taboa (*Typha* spp.) em Pacatuba/SE**. 2018. 230f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE, Brasil.

CARVALHO, J. D. T., MARIATH, J. E. A. Synflorescence morphology of species of *Typha* L. (Typhaceae): anatomical and ontogenetic bases for taxonomic applications. **Acta Botânica Brasílica**, v. 33, n. 4, p. 672-682, 2019.

CARVALHO, J. D. T.; BÁEZ-LIZARAZO, M. R.; RITTER, M.R. Revisão etnobotânica de *Typha* l. (Typhaceae) no Brasil. **ETHNOSCIENTIA**, v.6, n.3, p.159-172, 2021.

CASTILHO, M. A. *et al.* Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. **Interações (Campo Grande)**, v. 18, p. 191-202, 2017.

CRESPO, M. F. V. **Estratégia de desenvolvimento do arranjo produtivo local da carnaúba em Ilha Grande de Santa Isabel**. 2007. 106f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

CRUZ, M, M.; LÓPEZ BINNQÜIST, C.; NEYRA, L. Artesanías y Medio Ambiente. Compiladoras. Comisión Nacional para el Conocimiento y Uso de la Biodiversidad Conabio / Fondo Nacional para el Fomento de las Artesanías **FONART. México**, 2009. 148p.

DANTAS, N. B. de L. **Caracterização morfológica de sementes de mucunã (*Dioclea grandiflora* Mart. ex. Benth).** 2020. 30f. Monografia (graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Rural do Semiárido, Curso de Engenharia Florestal, 2020.

DEMARTELAERE, A. C. F. *et al.* Utilidades e a importância econômica da *Copernicia prunifera* para o Rio Grande do Norte: uma espécie em extinção. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 5065-5088, 2021.

FERNANDES, F. M. C.; JUNIOR J. S.; ARAUJO, J. P. S. **Fibra do coqueiro como renda extra para comunidades indígenas.** In: X Congresso de Ecologia do Brasil, 2011, São Lourenço – MG.

FERREIRA, M. I. P., BARRETO, G. S., LUGON-JÚNIOR, J., SILVA, J. A. F., BARROS, M. P. F., Engenharia & Ciências Ambientais: contribuições à gestão ecossistêmica. In: MARQUES, M. C. H., SANTOS, I. S., LEAL, G. F., BARROS, M. P. F. *Typha domingensis* Pers. (Typhaceae): do artesanato à fitorremediação de ambientes aquáticos continentais eutrofizados. **Essentia**, 2019. 451p.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> >. Acesso em: 11 mai. 2022.

GUADAGNIN, D.; GRAVATO, I. Ethnobotany, Availability and Use of Lianas by the Kaingang People in Suburban Forests in Southern Brazil. **Economic Botany**, v. 67, n. 4, p. 350-362, 2013.

GUIMARÃES, M. F. M. **Plantas úteis em comunidades urbanas: a importância das espécies exóticas e do gênero na manutenção do conhecimento e uso dos recursos vegetais.** 2016. Dissertação (Mestrado em Ecologia - Evolução e funcionamento de ecossistemas). Universidade Federal de Ouro Preto, MG, Brasil. 119 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). **Plano de Gestão e Diagnóstico Geoambiental e Sócioeconômico da APA Delta do Parnaíba.** Fortaleza: IEPS/UECE, 1999.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET). **Banco de Dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa (BDMEP) do Instituto Nacional de Meteorologia**, 2011. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=bdmep/bdmep>. Acesso em: 12 jan. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2021.** Brasília: IBGE, 2021.

JESUS, D. S. V. Economia criativa e resistência: o artesanato indígena no Estado do Rio de Janeiro. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 53, n. 2, p. 349-362, 2017.

JÚNIOR, D. S.; DEMARTELAERE, A. C. F.; PRESTON, H. A. F.; COUTINHO, P. W. R.; FEITOSA, S. dos S.; SILVA, T. P. de P.; SOUZA, J. B. de.; MATA, T. C. da.; PAIVA, L. L. de.; LIRA, V. M. de.; CARVALHO, N. F. de O.; JUNIOR, F. C. E.; CADORIN, D. A.; CONCEIÇÃO, A. G. C. da.; SANTANA, J. V.; SILVA, M. E. de A.; DINIZ, C. G. L.;

- SANTOS, P. S. dos.; FERREIRA, M. A. dos S.; PINA, C. P. de S.; SILVA, B. M. da. Características botânicas e etnobotânicas das espécies exóticas utilizadas para arborização na cidade de Parazinho-RN. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, p. 65955-65972, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n7-054>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- KAUFMANN, M. P.; CANCELIER, J. W. As práticas artesanais aliadas da conservação da agrobiodiversidade em Ibarama-RS. **AMBIENTES EM MOVIMENTO**, v. 2, n. 1, p. 1-22, 2022.
- LIRA, E. C. de.; PEREIRA, D. D.; NASCIMENTO, G. V. do.; FELIX, E. dos S.; OLIVEIRA FILHO, T. J. de.; RIBEIRO, N. L. O Marmeleiro (*Croton* sp.) e os seus arredores: manejo e oportunidades de utilização na produção florestal, **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 11, p. 27147–27160, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n11-327>. Acesso em: 05 jan. 2023.
- MANGUEIRA, E. dos S. **Extração de celulose e fracionamento da parede celular vegetal do *cocos nucifera* L.** 2014. 74 f. (Monografia), (Licenciatura em Ciências Biológicas). Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, Paraíba, Brasil, 2014.
- MARQUES, M. C. H. *Typha domingensis* Pers. (Typhaceae): do artesanato à fitorremediação de ambientes aquáticos continentais eutrofizados. 104f. Monografia (Graduação em Turismo). Unoversidade Federal do Rio Grande do Norte/ NUPEM. 2015.
- MEIRELES, V. J. S. *et al.* Conhecimento botânico tradicional e conservação de espécies na RESEX Delta do Parnaíba, Nordeste do Brasil. **Espacios** **39**, v. 45, n. 4, p. 1-18. 2018.
- NEDELICHEVA, A.; DOGAN, Y.; OBRATOV-PETKOVIC, D.; PADURE, I. M. The Traditional Use of Plants for Handicrafts in Southeastern Europe. **Human Ecology**, v. 39, p. 813–828, 2011.
- OLIVEIRA, J.; POTIGUARA, R. C V.; LOBATO, L. C. V. Fibras vegetais utilizadas na pesca artesanal na microrregião do Salgado, Pará. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, v.1, n.2, p.113-127. 2006.
- PETERSON, D.; BERKES, F.; DAVIDSON-HUNT, I.; HANAZAKI, N. The Caiçara in Juatinga Ecological Reserve, Brazil: Landscape Ethnoecology of Cultural Products. **Human Ecology**, v. 47, p. 827–838, 2019.
- PHILLIPS, O; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypothesis with a new quantitative technique. **Economic Botany**, New York, v. 47, n.1, p. 15-32, 1993.
- PIAUÍ. Secretaria de Estado de Cultura. Superintendência de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense. **Artesanato piauiense**. Disponível em: <https://www.artesanatopiauiense.pi.gov.br/institucional/>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- LUÍS CORREIA. **Lei nº 695 de 30 de junho de 2010 – aprova o Plano Diretor do município de Luís Correia e dá outras providencias**. Luís Correia, 2010.

- ROCHA, K. D. C.; FERREIRA, M. S.; GARCIA, C. E. R. Produção e produtos à base de coco (*Cocos nucifera* L.): uma revisão. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 5, p.41476–41491, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n5-573>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- QUEIROZ, L. P. de. Dioclea. *In: Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2014.
- RODRIGUES, L. C.; SILVA, A. A. da.; SILVA, R. B. da.; OLIVEIRA, A. F. M. de.; ANDRADE, L. de H. C. Conhecimento e uso da carnaúba e da algaroba em comunidades do sertão do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. **Revista Árvore**, Viçosa-MG, v.37, n.3, p. 451-457, 2013.
- SANTOS, K. M. P.; SILVA, R. N. O uso dos recursos naturais do cerrado para produção artesanal: um estudo de caso entre os índios Krahô. **Revista NERA**, v. 33, p. 30-46, 2016.
- SANTOS, L. R. **Importância socioeconômica do extrativismo do Cambuí (*Myrciaria* sp.) na comunidade Ribuleirinha, Estância - Sergipe**. 58p. Monografia (Bacharelado em Engenharia Florestal) - Departamento de Ciências Florestais, Centro de Ciências Agrárias Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
- SANTOS-FILHO, F. S.; ALMEIDA JR, E. B.; SOARES, C. J. R.; ZICKEL, C. S. Fisionomias das Restingas do Delta do Parnaíba, Nordeste, Brasil. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 03, n. 3, 2010.
- SAUINI, T. **Levantamento etnobotânico participativo entre os moradores do Quilombo do Cambury, Ubatuba, SP, Brasil**. 2019. 151f. Dissertação (Mestrado em Biologia Química). Universidade Federal de São Paulo, SP, Brasil.
- SCHLICKMANN, M. B., FERREIRA, M. E. A., VARELA, E. P., PEREIRA, J. L., DUARTE, E., LUZ, A. P. C., DREYER, J. B. B., SILVA, M. T. S., PINTO, F.M.P. 2019. Fitossociologia de um fragmento de restinga herbáceo-subarbustiva no sul do Estado de Santa Catarina, Brasil. **Hoehnea** 46: e292018. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-8906-29/2018>.
- SILVA, T. T.; MULDER, A. P.; SANTANA, I. Coqueiro (*Cocos nucifera* L.) e produtos alimentícios derivados: Uma revisão sobre aspectos de produção, tecnológicos e nutricionais. **Tecnologia de Alimentos: Tópicos Físicos, Químicos e Biológicos**, 2016.
- SINGER, P. **Ética prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SOUSA, B. R.; MELO, R. S.; OLIVEIRA, V. V. Produção artesanal associada ao turismo em ilha grande de Santa Isabel (Parnaíba-PI). **CULTUR: Revista de Cultura e Turismo**, v. 8, n. 2, 137-156, 2014.
- STANLEY, D.; VOEKS, R.; SHORT, L. Is non-timber forest product harvest sustainable in the less developed world? A systematic review of the recent economic and ecological literature. **Ethnobiology and Conservation**, v. 1, n. 9. p. 1-39, 2012.
- TITTONI, J. (Org.). **Psicologia e fotografia: experiências em intervenções fotográficas**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2009.

TORRI, M. Linking Local Plants with Small Handicraft Enterprises among Indigenous Mapuche Communities: Towards a Combined Approach of Local Development and Enhancement of Ethnobotanical Knowledge? **Bulletin of Latin American Research**, v. 33, n. 4, p. 419-435, 2014.

VIEIRA, F. A.; SOUSA, R. F.; SILVA, R. A. R.; FAJARDO, C. G.; MOLINA, W. F. Diversidade genética de *Copernicia prunifera* com o uso de marcadores moleculares ISSP. **Revista brasileira de ciência agrárias**, v. 10, n. 4, p. 525- 531, 2015.

VIEIRA, I. R. **Subsídios para o extrativismo sustentável de folhas de carnaúba na APA Delta do Parnaíba, Piauí**. 2013. 100 f. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento e meio ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Fortaleza, 2013.

VIEIRA, I. R.; LOIOLA, M. I. B. Percepção ambiental das artesãs que usam as folhas de carnaúba (*Copernicia prunifera* HE Moore, Arecaceae) na Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, Piauí, Brasil. **Sociedade & Natureza**, v. 26, p. 63-76, 2014.

VIEIRA, I. R.; OLIVEIRA, J. S.; LOIOLA, M. I. B. Efeitos do extrativismo de fibras de Carnaúba, Piauí, Brasil. **REDE - Revista Eletrônica do PRODEMA**, Fortaleza, v. 10, n. 1, mar. 2016.

CONCLUSÃO

O artesanato de Luís Correia representa uma fonte de renda complementar. A dinâmica produtiva e a aplicação de políticas públicas para o setor são ineficientes, faltando-lhes o apoio efetivo. Os fatores socioeconômicos influenciam na produção de artesanato com espécies vegetais. A retirada dos recursos do ambiente natural para o trabalho artesanal gera baixo impacto para a natureza, pois o extrativismo e o manejo são realizados de maneira controlada.

As espécies vegetais de ocorrência na restinga são fonte de matéria-prima para a confecção de diversos utensílios e a sua dinâmica de uso e manejo é envolvida por conhecimentos ecológicos que contribuem para a manutenção da relação dos artesãos do litoral piauiense com o seu território. Destacou-se o potencial etnobotânico e socioeconômico de *Typha domingensis* (taboa), quando comparada a outras espécies utilizadas para o artesanato na região.

A produção de uma gama de produtos busca atender a dinâmica de mercado, principalmente, na comercialização por encomenda, gerando ocupação e renda. Há um mercado garantido dos produtos, uma vez que existe uma rede de contatos entre artesãos e clientes de outros estados brasileiros, estabelecidas principalmente nas feiras de artesanatos nas diversas regiões do Brasil.

Com o levantamento bibliométrico, conclui-se que os grupos sociais utilizam as plantas na confecção de artesanato em distintos estados do Brasil, destacando a região Norte e Nordeste. Estes recorrem à flora para desenvolver atividades socioeconômicas potencialmente sustentáveis, as quais fortalecem a dinâmica cultural ao longo de gerações. Uma tendência de mercado tem influenciado na produção de artesanatos, que são comercializados constituindo-se uma alternativa de renda para as comunidades. Considerando a biodiversidade brasileira, o seu potencial econômico e cultural, faz-se necessário o desenvolvimento de estudos sobre a temática em questão nas cinco regiões do Brasil para se estabelecer um panorama nacional referente ao uso de espécies vegetais no artesanato.

Defende-se a realização de ações para a conservação local, a manutenção da cultura e dos saberes dos povos que dependem da produção artesanal para geração de renda. É importante a integração do poder público, instituições de ensino e pesquisa, iniciativa privada e organizações não-governamentais atuantes do segmento do artesanato em prol do desenvolvimento local e regional.

APÊNDICES E ANEXOS

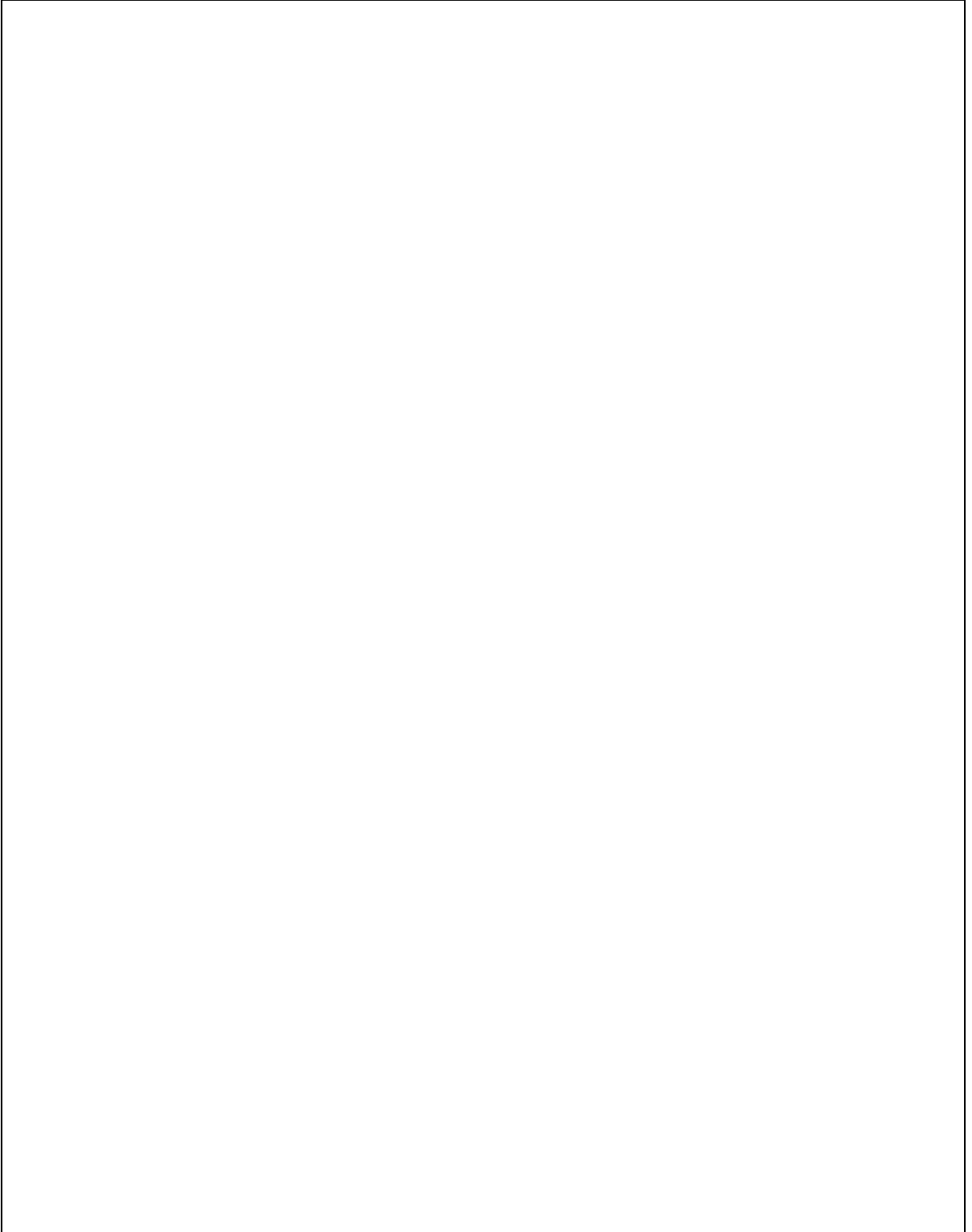
APÊNDICE A - FORMULÁRIO DE ENTREVISTA PARA O LEVANTAMENTO DE PERFIL SOCIOECONÔMICO, USO, MANEJO E DINÂMICA DE COMERCIALIZAÇÃO.

Número do Formulário:		
PERFIL SOCIOECONÔMICO		
01. Gênero: () Masculino; () Feminino.		02. Idade:
03. Escolaridade:		04. Profissão:
05. Atividade: →	() Faz artesanato; () Faz o artesanato e extrai as folhas; () Só extrai as folhas; () Extrai as folhas e os frutos. () Extrai Caules, Folhas, Frutos e Sementes.	
06. Renda mensal familiar:		07. Número de membros na família:
08. Renda mensal familiar proveniente da venda do artesanato:		09. Renda mensal familiar proveniente da venda do artesanato: () não se aplica
10. Recebe ajuda ou benefício do governo? →	() Bolsa escola; () Bolsa família; () Cartão cidadão/alimentação () Outros	
11. Possui alguma fonte de renda que não seja do artesanato/ extrativismo? () Não; () Sim, qual?	12. Qual a sua principal fonte de renda? () Agricultura; () Pecuária; () Artesanato; () Outra	
CARACTERIZAÇÃO DO USO E MANEJO DE PLANTAS PARA O ARTESANATO		
01. Qual espécie utiliza para confeccionar artesanato: →		
02. Utilização da planta:	() folhas imaturas no estágio: [] jovem [] imaturas [] adultas reprodutivas () tronco () pecíolo () flores () frutos () sementes () () outras partes	
03. Indique as etapas do processo do processo produtivo:		
a. Instrumentos utilizados para a coleta?		
b. Instrumentos utilizados na confecção?		
c. Técnicas para a elaboração dos artefatos?		
d. Quais as matérias-primas utilizadas no processo de produção?		
e. Origem das matérias primas utilizadas no processo de produção (citar os locais de procedências).		
f. Quantidade de material (fibras, partes de plantas, etc) para produzir cada peça:		

Qualidade da mão-de-obra											
Custo da mão-de-obra											
Proximidades com fornecedores de materiais											
Proximidade com clientes/consumidores											
Infraestrutura disponível											
Transporte											
04. Qual atividade econômica exercia anteriormente?						05. Por que ingressou nesse ramo?					
06. Faz quanto tempo que desenvolve a atividade citada acima:						07. Satisfeito com a profissão? () Sim; () Não.					
08. Cite os principais problemas da sua profissão? Por quê?						09. Há participação dos filhos na confecção de artesanato/extração das plantas? Por quê? () Sim; () Não.					
10. Número de pessoal envolvido:				11. Há tarefas que são destinadas apenas aos homens e outras apenas as mulheres? Quais?							
12. Características das relações trabalhistas. Tipo de contrato Prazo de contrato Treinamento do pessoal Exclusividade do contrato				() informal () formal- Carteira assinada () por tempo indeterminado () temporário/por produção () realiza () não realiza () atende apenas a empresa () atende outras empresas							
13. Renda mensal proveniente da venda do artesanato/extratativismo:				14. Necessidade de mão-de-obra especializada? () Sim () Não Quais as especialidades?							
15. Há incentivo público durante a sazonalidade? () Sim () Não Por quê?						16. Existe redução da produção? () Sim () Não Quando? Por quê?					
17. Participa de associação?						18. Onde você comercializa a sua produção?					
19. sabe informar para quais estados são vendidos os artefatos?						20. A maioria dos produtos são comercializados á nível: Local () regional () Nacional () Internacional ()					
21. Como ocorre a venda? →				Direta para pessoas físicas () Direta para pessoas jurídicas () atravessador () Sob encomenda () Loja própria () Grandes varejistas () Feiras ()							
22. Quais os principais entraves para a comercialização da sua produção? →						(1) Preço baixo (2) Transporte (3) Organização/Associação					

	(4) Falta de comparador Qualidade do produto (especificar)	(5) (6) Outros (especificar)
23. O material utilizado para confeccionar é comprando onde?		
24. Qual o tempo médio de produção?	25. Valor investido na produção de cada peça?	
26. Já foi ou é beneficiado com Políticas públicas ou ações de incentivo a atividade artesã? Se sim, qual(is)?	27. Participa ou participou de Eventos de valorização da atividade artesã:	
28. Acesso a crédito bancário para desenvolver a atividade? Se Sim, Qual(is)? →		
29. Possui um produto novo para ser lançado no mercado?		
Inovação de processo Processos tecnológicos novos para a sua empresa, mas já existente no setor? Processos tecnológicos novos para o setor de atuação? Outros tipos de inovação Criação ou melhoria substancial, do ponto de vista tecnológico, do modo de produção (incorporação de tintas, fornos)? Inovação no desenho de produtos? Realização de mudanças organizacionais (inovações organizacionais) Implementação de técnicas avançadas de gestão? Implementação de significativas mudanças na estrutura organizacional? Mudanças significativas nos conceitos e/ou práticas de marketing? Mudanças significativas nos conceitos e/ou práticas de comercialização?		Sim () Não () Sim () Não () Sim () Não () Sim () Não () Sim () Não () Sim () Não () Sim () Não () Sim () Não ()
30. Houve sofisticação dos produtos? () Sim () Não	Quais os motivos?	
31. Avalie a importância do impacto resultante da introdução de inovações:		
32. Efetuou atividades de treinamentos e capacitação de recursos humanos	Sim () Não ()	
33. Qual a importância do setor do artesanato para o desenvolvimento local?		
34. O que poderia ser feito para melhorar a dinâmica produtiva local do artesanato		
35. Como é feita a propaganda/marketing dos seus produtos?		
36. Há legislações específicas que auxiliam e/ou dificultam o funcionamento da produção de artesanato em Luís Correia? Sim () Não ()		

Informações complementares:

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for providing complementary information. The box is currently blank.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HUMANA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO.



Prezado(a) Senhor (a)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa denominada Aspectos etnobotânicos e socioeconômicos associados ao uso de espécies vegetais no artesanato de Luís Correia, Piauí, Brasil.

Esta pesquisa está sob a responsabilidade do pesquisador Ivanilza Moreira de Andrade, docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPI e tem como objetivos caracterizar o sistema biocultural e socioeconômico que envolve a produção de artesanato com espécies botânicas no município de Luís Correia, estado do Piauí. Compreender as falhas e os processos na dinâmica de produção e comercialização do artesanato com espécies vegetais; elucidar a contribuição socioeconômica da produção de artesanato com espécies botânicas para os artesãos e extrativistas de Luís Correia/PI; identificar o modo e onde é realizado o extrativismo dos recursos florestais utilizados na confecção de artesanato.

Esta pesquisa tem por finalidade a compreensão da atividade de artesã no município de Luís Correia, estado do Piauí e sua possível conexão socioeconômica com municípios limítrofes no segmento do artesanato, investigar quais espécies são utilizadas no artesanato e possíveis implicações do extrativismo na região, conhecer a realidade socioeconômica das comunidades no município estudado, assim podendo registrar o conhecimento dos grupos de artesãos e extrativistas, valorizando a cultura local. Além de subsidiar, através da produção de dados, a aplicação de políticas públicas que contribua para a melhoria e eficácia no desenvolvimento dessa atividade socioeconômica, além de debater sobre a necessidade de ações para a conservação das espécies vegetais utilizadas no artesanato local.

Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura desse termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas e ao final desse documento que está em duas vias. O mesmo, também será assinado pelo pesquisador em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com o pesquisador. Por favor, leia com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com o pesquisador responsável pela pesquisa através dos seguintes telefones (Ivanilza Moreira de Andrade, (86) 99515-2658) Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas

científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina –PI, telefone (86) 3237-2332, e-mail: cep.ufpi@ufpi.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntária, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e o (os) pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisa tem como justificativa a obtenção de dados que embasarão a aplicação de políticas públicas para suprir a lacuna existente quanto as falhas na dinâmica produtiva, valorização dos artesãos, capacidade de suporte das espécies utilizadas e fatores socioeconômicos que contribuem na permanência da atividade. Tendo em vista que no município de Luís Correia, litoral do estado do Piauí, nordeste brasileiro, não há conhecimentos sobre a dinâmica socioeconômica do artesanato com recursos vegetais, bem como o modo que é realizado o extrativismo e a obtenção dos insumos utilizados na elaboração dos produtos artesanais e para sua realização serão utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados por meio de entrevistas com uso de questionários semiestruturados, gravação de áudio; gravação de vídeos; registros fotográficos.

Esclareço que esta pesquisa acarreta os seguintes riscos: o preenchimento deste formulário NÃO representará qualquer ameaça física ou psicológica para você. Entrevistas podem causar constrangimento, porém os mesmos serão contornados com uma postura ética e responsável durante as perguntas, respeitando a individualidade do entrevistado. Os benefícios da pesquisa consistem na caracterização do sistema biocultural e socioeconômico que envolve a produção de artesanato com espécies botânicas no município de Luís Correia, estado do Piauí. Descrição da dinâmica produtiva do artesanato com espécies botânicas, as falhas e os processos na dinâmica de manejo, produção e comercialização. Identificação da contribuição socioeconômica da produção de artesanato com espécies botânicas para os artesãos e extrativistas de Luís Correia/PI. Produção de uma cartilha como forma de retorno à comunidade.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos (divulgação em revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso as todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi exposto, Eu _____ declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para

tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Preencher quando necessário

- Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos;
- Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem.
- Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação;

Local e data: _____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada.



Impressão digital

ANEXO A – COMPROVANTE DO PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA DA UFPI



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ASPECTOS ETNOBOTÂNICOS E SOCIOAMBIENTAIS ASSOCIADOS AO USO DE ESPÉCIES VEGETAIS NO ARTESANATO DE LUÍS CORREIA, PIAUÍ, BRASIL

Pesquisador: Ivanilza Moreira de Andrade

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 54368921.0.0000.5214

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.219.062

Apresentação do Projeto:

Responsável principal: Ivanilza Moreira de Andrade

Assistente: NAILTON DE SOUZA ARAUJO

Equipe de Pesquisa: Irlaine Rodrigues Vieira

O município de Luís Correia, Piauí, apresenta baixa profissionalização e baixo índice de empregos formais, sendo o artesanato uma das atividades recorridas para a obtenção de renda. Portanto, objetiva-se caracterizar o sistema biocultural e socioeconômico de Luís Correia que envolve a produção de artesanato com espécies vegetais. Como objetivos específicos: compreender as falhas e os processos na dinâmica de manejo, produção e comercialização do artesanato com espécies vegetais; elucidar a contribuição socioeconômica da produção de artesanato com espécies botânicas para os artesãos e extrativistas de Luís Correia/PI. A pesquisa contemplará a abordagem qualitativa e quantitativa, sendo de caráter exploratório e descritivo. Serão feitas visitas para reconhecimento da área e será adotada a técnica de "rapport" para o estabelecimento dos vínculos de confiança com os participantes do estudo. Para identificar os artesãos, será utilizada a técnica "Bola de Neve". Como critério de inclusão, a pesquisa será realizada com os artesãos e extrativistas com idade igual ou superior a 18 anos e que sejam residentes no Município. Serão realizadas observações diretas e aplicados formulários semi-estruturados com questões que abordarão o perfil socioeconômico e a dinâmica produtiva, manejo

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br

ANEXO B - COMPROVANTE DE CADASTRO DE ACESSO AO SISGEN**Ministério do Meio Ambiente
CONSELHO DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO**

SISTEMA NACIONAL DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO

Comprovante de Cadastro de Acesso**Cadastro nº A777FA7**

A atividade de acesso ao Patrimônio Genético/CTA, nos termos abaixo resumida, foi cadastrada no SisGen, em atendimento ao previsto na Lei nº 13.123/2015 e seus regulamentos.

Número do cadastro: **A777FA7**
Usuário: **UFDPAr**
CPF/CNPJ: **33.519.114/0001-00**
Objeto do Acesso: **Patrimônio Genético/CTA**
Finalidade do Acesso: **Pesquisa**

Espécie

Copernicia prunifera
Typha domingensis
Cocos nucifera
Rhizophora mangle
Dioclea grandiflora
Adenocalymma validum
Croton urticifolius
Azadirachta indica

Fonte do CTA

CTA de origem não identificável

Título da Atividade: **Aspectos ambientais e socioeconômicos associados ao uso de espécies vegetais no artesanato do Piauí**

Equipe**Ivanilza Moreira de Andrade****UFDPAR****Nailton de Souza Araujo****UFPI****Irlaine Rodrigues Vieira****UFDPAR**Data do Cadastro: **19/12/2022 17:02:15**Situação do Cadastro: **Concluído**

Conselho de Gestão do Patrimônio Genético
Situação cadastral conforme consulta ao SisGen em **17:03** de **19/12/2022**.



SISTEMA NACIONAL DE GESTÃO
DO PATRIMÔNIO GENÉTICO
E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL
ASSOCIADO - **SISGEN**